



1290000145



FE

TCC/UNICAMP S138e

DJANIRA A. T. F. SILVA

**EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR EM CABO
VERDE:
UM ESTUDO DE CASO**

CAMPINAS, SP

1999

DJANIRA A. T. F. SILVA

***EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR EM CABO
VERDE:
UM ESTUDO DE CASO***

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
curso de Pedagogia com habilitação
específica em Educação Pré-Escolar da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
orientação da professora Maria Evelynna
Pompeu do Nascimento.**

Campinas, SP

1999

Campinas, S.P., 1999

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Evelynna Pompeu de
Nascimento

2^a Leitora : Prof.^a Dr.^a Helena Lopes Costa de Freitas

Meu muito obrigado
Aos meus pais, razão de toda a minha
existência,
À Evelynna e verdadeiros AMIGOS, razão
deste trabalho,
Meu muito obrigado.

Equilíbrio

Ma ca tem dor pa caba c'tud
lagrima dess Mund

Ma ca tem lagrima pa caba c'tud
dor dess Mund

Ca tem caminh qui pé ca ta anda
Ma ca tem pé pa anda tud
caminh dess Mundo

Ma nem na seca , nem na secura

Ca tem eclipse capaz de paga um
sol

Ma ca tem sol q um menin ca ta
alcança

Ca tem peit q amor ca ta doma
Ma ca tem amor q na peit ca ta
quebe

Nh amigo bai el tcham
c se ausência

Ma ca tem ausência q sidade
ca ta vencê

Ma sê presensa t'agora perdi
n oceano

Travessa mar ca ta sgota agua
dess mund

Não existe dor que acabe com
toda lagrima deste mundo

Não existe lagrimas que acabe
côm toda a dor deste mundo

Não existe caminho que o pé
não anda

Mas não existe pé para andar
todo o caminho deste mundo

Nem na seca, nem na secura

Não existe eclipse capaz de
apagar um sol

Mas não existe sol que um
menino não alcança

Não existe peito que o amor não
dome

Mas existe amor que no peito
não cabe

Meu amigo foi e deixou-me
Com a sua ausência

Mas não existe ausência que a
saudade

Não vence

Mas a sua presença esta agora
perdido no oceano

Atravessar o mar não esgota a
água desse mundo.

Mário Lúcio

Sumário

pág.

Lista de abreviatura e siglas.

Lista de fotografias.

▪ Introdução	1
▪ Um pouco de Cabo Verde	5
- A História	7
- A conjuntura econômica	12
- A demografia	14
- A geografia	15
- O relevo	16
- O clima	17
- A flora	17
- A fauna	18
- A cultura: Formas de ser e de manifestar do cabo-verdiano	19
• O crioulo: um espaço de identidade	20
• A música	22
• O artesanato	23
▪ Um pouco da História da Educação em Cabo Verde.....	25
- A Educação Pré- Escolar	32
- O Ensino Básico.....	32
- O Ensino Secundário	34
- O Ensino Superior	35
- A Educação de adultos	35
- Apoios sócio- educativos.....	36
- Gestão do Sistema	37
- Financiamento da Educação.....	38
▪ Educação Pré-Escolar em Cabo Verde, sua caracterização histórica	39
▪ Documentação Oficial	49
▪ Caracterização das instituições Pré- Escolares	57
- A Coordenação Central	58
- A administração Institucional	59
- A gestão dos jardins.....	60
- O público alvo	63
- A infra-estrutura	64
- O mobiliário, material ludo pedagógico	66

Educação Pré-Escolar em Cabo Verde

- Os recursos humanos	69
- A formação inicial de futuros educadores de infância .	72
- Orientações curriculares	73
- O alargamento da rede institucional	73
- Os diferentes parceiros: pais comunidade e outros ...	74
- Os principais constrangimentos	75
▪ Os jardins visitados	76
▪ Considerações finais	129
▪ Referências bibliográficas	133
▪ Anexos.....	136
- Anexo 1: As estruturas do Sistema educativo antes e depois da L.B.S.E.	137
- Anexo 2: Organograma do Sistema Educativo de Cabo Verde	138
- Anexo 3: Diário de Campo	139

Lista de Abreviaturas e Siglas

- Asse.** - Assessora do Ministro de Educação.
- B.A.D.** - Banco Africano de Desenvolvimento.
- B.O.** - Boletim Oficial.
- B.M.** - Banco Mundial.
- Cri.** - Criança.
- Cris.** - Crianças.
- Del.** - Delegado de Ensino do Concelho de Paúl.
- Del.R.G.** - Delegado de Ensino do Concelho de Ribeira Grande.
- D.E.B.S.** - Direcção de Ensino Básico Secundário.
- Dir.** - Diretora.
- G.E.D.S.E.** - Gabinete de Estudos e do Desenvolvimento do Sistema Educativo.
- I.C.A.S.E.** - Instituto Cabo-verdiano de Ação Social.
- I.C.S.** - Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade.
- I.N.I.D.A.** - Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola.
- I.P.** - Instituto Pedagógico.
- I.S.E.** - Instituto Superior de Educação.
- I.S.E.C.MAR.** - Instituto Superior de Engenharia e Ciências do Mar.
- Jd.** - Jardim.
- L.B.S.E.** - Lei de Bases do Sistema Educativo.
- M.E.C.** - Ministério de Educação e Cultura.
- M.E.C.C.** - Ministério da Educação Ciência e Cultura.
- M.E.D.C.** - Ministério de Educação Cultura e Desporto.
- M.I.S.A.S.** - Movimento de Solidariedade e Ação Social.
- N.M.** - Norberta Mendonça.
- O.M.C.V.** - Organização das Mulheres de Cabo Verde.
- O.N.G.** - Organizações Não Governamentais.
- P.A.** - Programa Alternativo.
- P.A.I.C.V.** - Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde.
- Pqs.** - Pesquisadoras.
- P.N.D.** - Plano Nacional de Desenvolvimento.
- P.R.E.B.A.** - Projeto de Renovação e Extensão do ensino Básico.
- P.R.E.S.E.** - Projeto de Reestruturação e Extensão do ensino Básico.
- Prof.** - Professora.
- Téc.** - Técnica do Ministério de Educação.

Lista de ilustrações

Pág.

1. Contador de histórias - Fogo	1
2. Mapa de Cabo Verde.....	5
3. Ilha de Santiago.	6
4. Sê Catedral, patrimônio Nacional, Cidade Velha, Ilha de Santiago.....	7
5. Pelourinho da Cidade Velha - Santiago	8
6. Vista da Cidade Velha, Primeira povoação do arquipélago de Cabo Verde.....	9
7. Av. Amílcar Cabral, Centro da Cidade da Praia.	11
8. Mapa de Cabo Verde	12
9. Arraste de bote de pesca na ilha do Maio.	14
10. Mãe e suas três filhas, Ilha da Brava.....	14
11. Boavista	15
12. Vulcão, ainda ativo, Chã das Caldeiras, ilha do Fogo....	16
13. Época "d' as águas" ou época de chuva no interior da ilha de Santiago.....	17
14. Av. Marginal, Cidade do Mindelo.	17
15. Época de seca, interior da ilha de Santiago.....	17
16. Criança vendendo mangas, ilha de Santiago.	18
17. Mulheres transportando atum.	18
18. Passadinha, ave que aparece sempre na época d' as águas.	19
19. Ilha da Boa vista: Crianças e adultos montados em burros, animais de carga e transporte muito usado nas ilhas de Maio e Boavista.....	19
20. Ilha do Fogo: Crianças à saída da escola.	20
21. Criança da ilha da Boavista.....	20
22. Tocadores na Ribeira das Vilas - S. Vicente	21
23. Tabanca de Rubom Garcia - Santiago.....	22
24. Batuqueiras de Fonte Lima - Santiago	22
25. Ilha da Boavista: olaria.....	23
26. Ilha do Maio: artesanato.....	24
27. Criança pertencente da comunidade "Rabelados".- Santiago	25
28. Criança da Ilha de S. Nicolau.....	39
29. Menina do interior da Ilha de Santiago.....	49
30. Criança da ilha da Boavista.....	57
31. Jd. Da Câmara Municipal do Paúl.....	66
32. Sala de atividade do jd. Piquinoti - Santiago.....	66
33. Sala de atividade do jd. da Câmara Municipal do Paúl-Sto. Antão.....	66
34. Jd. Bornefonden - Sto. Antão.....	67
35. Jd. Bornefonden - Sto Antão.....	67
36. Sala de atividade do jardim da Câmara Municipal do	

Educação Pré-Escolar em Cabo Verde

Paúl - Sto. Antão.....	68
37. Criança de Santiago	76
38. Jd. Sorriso - Santiago	82
39. Cozinha do Jd. Sorriso - Santiago	83
40. Pátio do jd. Piquinoti - Santiago	89
41. Sala de atividade do jd. Piquinoti - Santiago	90
42. Interior da ilha do Fogo	93
43. Sala de atividade do jd. Flores de S. Filipe - Fogo	113
44. Ilha de Sto. Antão	119
45. Pátio do jd. Da Cruz Vermelha - Sto. Antão	121
46. Sala de atividades do jd. da Cruz Vermelha	121
47. Sala de atividades do jd. da Cruz Vermelha	122
48. Sala de Atividade do jd. Ninho - Sto. Antão	123
49. Jd. Ninho: cabides das crianças - Sto. Antão	123
50. Pátio do jd. Ninho - Sto. Antão	124
51. Vista do Porto Novo e Monte Cara - S. Vicente	125
52. Jd. Mundo Infantil - S. Vicente	125
53. Sala de atividades do jd. Mundo Infantil - S. Vicente	126
54. Casa de bonecas, jd. Privado - S. Vicente	128
55. Sala de atividade do jardim da comunidade - S. Vicente ...	128
56. Crianças na rua de Santa Maria - Sal	128
57. Criança da Ilha do Fogo	129
58. Crianças na praia de Sta. Maria - Sal	132
59. Criança da Ilha de S. Vicente	133
60. Criança da ilha da Boavista	136
Sorriso - Santiago	
61. Cozinha do Jd. Sorriso - Santiago	
62. Pátio do jd. Piquinoti - Santiago	
63. Sala de atividade do jd. Piquinoti - Santiago	
64. Interior da ilha do Fogo	
65. Sala de atividade do jd. Flores de S. Filipe - Fogo	
66. Ilha de Sto. Antão	
67. Pátio do jd. Da Cruz Vermelha - Sto. Antão	
68. Sala de atividades do jd. da Cruz Vermelha	
69. Sala de atividades do jd. da Cruz Vermelha	
70. Sala de Atividade do jd. Ninho - Sto. Antão	
71. Jd. Ninho: cabides das crianças - Sto. Antão	
72. Pátio do jd. Ninho - Sto. Antão	
73. Vista do Porto Novo e Monte Cara - S. Vicente	
74. Jd. Mundo Infantil - S. Vicente	
75. Sala de atividades do jd. Mundo Infantil - S. Vicente	
76. Casa de bonecas, jd. Privado - S. Vicente	
77. Sala de atividade do jardim da comunidade - S. Vicente ...	
78. Crianças na rua de Santa Maria - Sal	

Introdução



Contador de história - Fogo

Crianças cabo-verdianas de 3 a 6 anos tem acesso à Educação Pré-Escolar em estabelecimentos denominados por *Jardim Infantil*.

O objetivo deste trabalho é, precisamente, conhecer o atendimento educacional dado a essas crianças em Cabo Verde.

A Educação Pré-Escolar é um dos subsistemas do ensino cabo-verdiano e tem o Ministério da Educação como o tutor pedagógico. Querendo conhecer o atendimento dado por esse subsistema de ensino, o primeiro contato foi estabelecido com a Coordenação Nacional da Educação Pré-Escolar, no Ministério da Educação, cidade da Praia, capital de Cabo Verde.

Foi, visitando e fotografando 15 jardins infantis da rede institucional pré-escolar cabo-verdiana composto por 333 jardins, conversando com cerca de 20 pessoas ligadas ao sistema de ensino Pré-Escolar em Cabo Verde, das quais 4 são do ministério da educação (assessora do Ministro da Educação, Diretora Norberta Mendonsa, técnica Maria Teresa Araújo, técnica Maria de Jesus), 2 delegados de ensino, 4 coordenadoras de concílio do pré-escolar, 2 diretores do IP, 1 coordenador do curso de formação de professores, e com a coordenador dos jardins da câmara municipal da Praia, que coletei os dados da pesquisa de campo.

O trabalho que aqui será apresentado é fruto desta pesquisa de campo e de leituras dos materiais, a mim disponibilizados, referentes à educação pré-escolar em Cabo Verde.

Com essa “colheita” de dados me proponho a compartilhar com o leitor um pouco da história do atendimento educacional, no tópico intitulado “*Um pouco sobre a educação em Cabo Verde*”, onde aparece a evolução do sistema educativo no seu todo, e uma reflexão mais detalhada sobre o contexto atual do sistema de educação em Cabo Verde.

No tópico “*Educação pré-escolar: Sua evolução*” tenciono fazer do leitor um participante da evolução do atendimento dado às crianças em idade pré-escolar nas ilhas do arquipélago de Cabo

Verde, falando de quando e como surgiu, e os acontecimentos que moldaram a sua existência ao longo do tempo. É minha intenção que no final da leitura deste tópico, fique mais fácil entender as Leis e a caracterização da rede institucional, que são os temas dos tópicos seguintes.

No tópico *"Documentação oficial"* apresento a lei que diretamente incide sobre a Educação Pré-Escolar e, as que de uma forma indireta influenciam esse nível de educação como parte do sistema de ensino do Ministério da Educação. Aqui também é apresentado o Programa Nacional para a Educação Pré-Escolar, que apesar de estar em reformulação, é o único que existe. A educação Pré-Escolar é contemplada no Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico de Cabo Verde para o período de 1997/2000, pelo que foi merecido o as linhas a ele reservadas neste tópico.

O tópico *"Caraterização da rede institucional pré-escolar"* foi escrito com base em relatórios do Ministério da Educação, em um relatório da missão realizada por duas educadoras portuguesas em meados do ano de 1998 e no meu trabalho de campo.

No tópico *"Os jardins visitados"*, conto ao leitor como cheguei aos 15 jardins para os conhecer e descrevo algumas das características dos jardins quanto ao espaço físico, atendimento dado às crianças e os profissionais do jardim.

O primeiro tópico deste trabalho é uma apresentação de Cabo Verde como um país com a sua história, com um dado contexto econômico, demográfico, com as suas condições geográficas físicas características, e como detentor de uma cultura que lhe concede um lugar universal e particular neste planeta Terra.

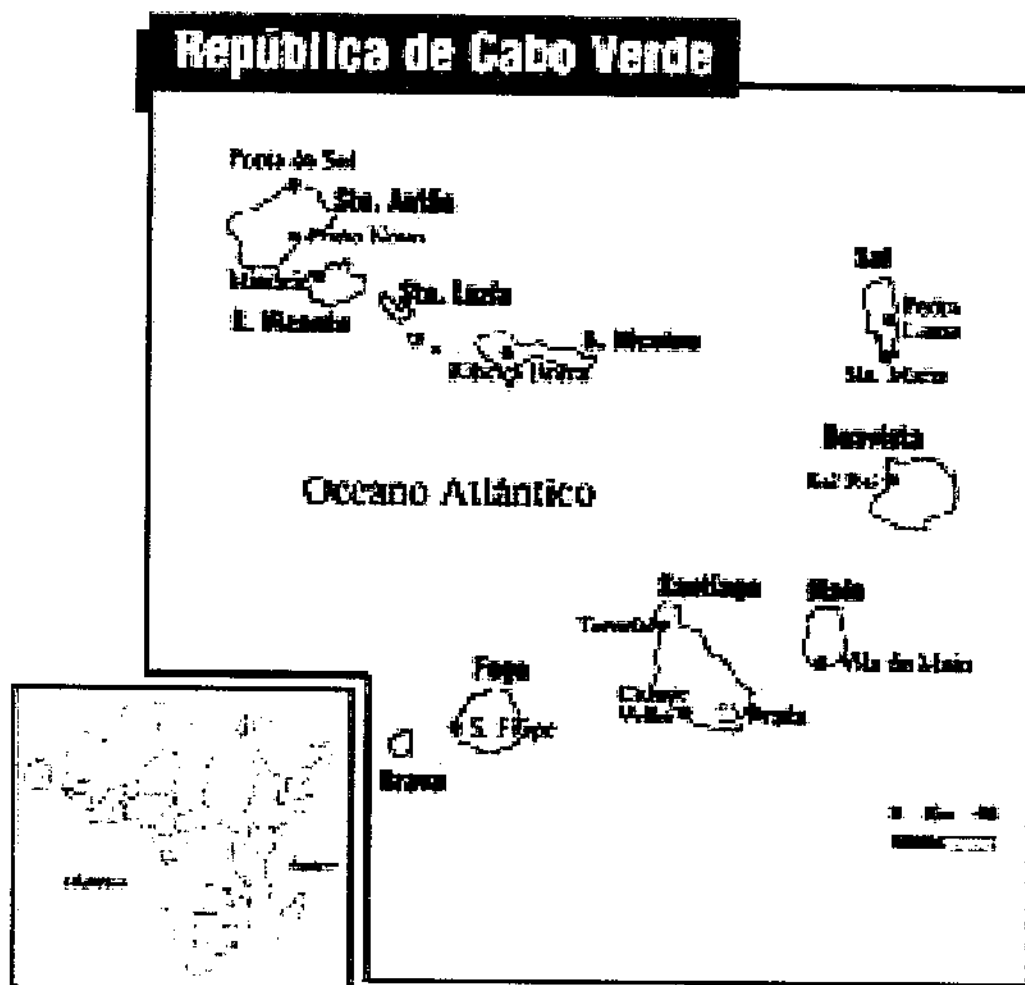
Em anexo apresento o Diário de Campo, 1 quadro e um organograma que caracterizam a hierarquia do sistema de ensino cabo-verdiano.

Finalizo o meu trabalho com considerações gerais, onde falo do significado deste trabalho enquanto aluna cabo-verdiana da

graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

As fotografias que aparecem ao longo do trabalho, foram escolhidas com o propósito de fazer o leitor chegar mais perto de Cabo Verde, com algumas imagens da sua geografia, cultura, gente e jardins infantis.

Um pouco de Cabo Verde



Educação Pré-Escolar em Cabo Verde

Um trabalho cujo espaço privilegiado é Cabo Verde, nada mais justo do que apresentar ao leitor algumas das características que marcam e definem Cabo Verde, na história, no contexto econômico e demográfico, na geografia física e entre as diversas culturas deste nosso planeta chamado Terra. Este tópico tem por objetivo viajar, por alguns instantes, juntamente com o leitor, pelas particularidades que definem a identidade de um país, mencionadas acima.



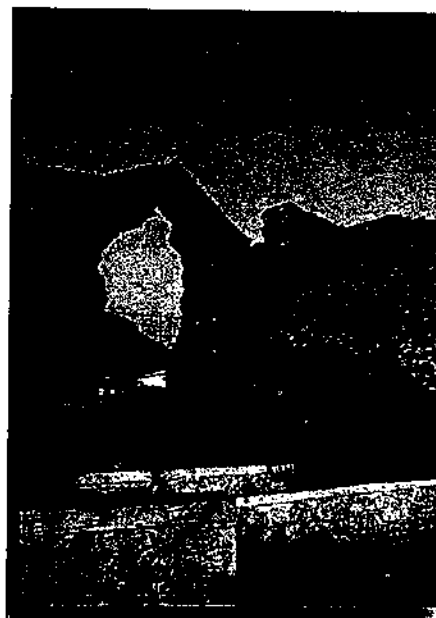
Ilha de Santiago

"Cabo Verde é morabeza! Povo cheio de morabeza, o cabo-verdiano é simpático, afável, calmo e amigo... O fato de o termo "morabeza" não existir em qualquer enciclopédia ou dicionário só dificulta a sua descrição para quem não tenha ido a Cabo Verde. Poder-se-á dizer que "morabeza" define, em sentido lato, um sentimento de solidariedade, carinho, hospitalidade, conforto e amizade. Maneira de ser e de estar do povo cabo-verdiano, este termo encerra o encanto das gentes e a vida que se desenrola sob o signo do lazer. Mas também inclui uma saudade algo atípica. Uma saudade que está presente ainda antes de partir e que faz deste povo, um mestre na arte da hospitalidade. Cabo Verde sempre teve presente a saída e entrada dos seus filhos e, de uma forma muito especial e característica, recebe e despede-se dos que entram e saem das suas ilhas em "morabeza", provocando a saudade em quem parte. Querer agradar é uma das características mais marcantes deste povo cativante, que se dá com toda a gente com uma inesperada simpatia. Morabeza encerra também o orgulho de acolher os visitantes e mostrar o seu país, pelo qual nutre um amor profundo."

A história

O descobrimento do arquipélago de Cabo Verde deu-se no séc. XV com movimento das descobertas europeias. Os portugueses, a quem se deve grande parte das descobertas das primeiras ilhas de Cabo Verde (Santiago, Maio, Fogo, Boavista e Sal) Chegaram em 1460; a partir de dezembro de 1462 foram descobertas as restantes ilhas:

Brava, S. Nicolau, Santa Luzia, Santo Antão, S. Vicente e os ilhéus



Sé Catedral, património Nacional, Cida Velha - Santiago.

¹PROMEX, *Cabo Verde Ilhas da Morabeza*, 1997: 5.



Pelourinho da Cidade Velha - Santiago

Raso e Branco. À medida que iam sendo descobertas, as ilhas recebiam o nome do santo padroeiro do dia. De acordo com a revista *Cabo Verde: ilhas da Morabeza* o nome das primeiras ilhas foi conhecido, pela primeira vez, na "*Carta Régia de Doação de 3 de Dezembro de 1460*"². Segundo esta mesma fonte, as ilhas foram oficialmente denominadas de Sam Jacob, de Mayaes, Lhana (por a ilha ser muito plana). A revista também faz menção a uma carta de doação, datada de 19 de setembro de 1462, onde esses nomes aparecem alterados, passando Sam Jacob, a ser Santiago, Mayaesa ser Mayais e Lhana a chamar-se Sal, pois os portugueses rapidamente se aperceberam, da grande quantidade de sal ali existente.

António de Noli foi considerado o descobridor das primeiras cinco ilhas, na sequência das viagens de exploração e reconhecimento da costa ocidental africana por navegadores portugueses sob a orientação do Infante D. Henrique. As restantes ilhas foram descobertas por Diogo Afonso, escuteiro do Infante D. Fernando, sobrinho e herdeiro de D. Henrique³.

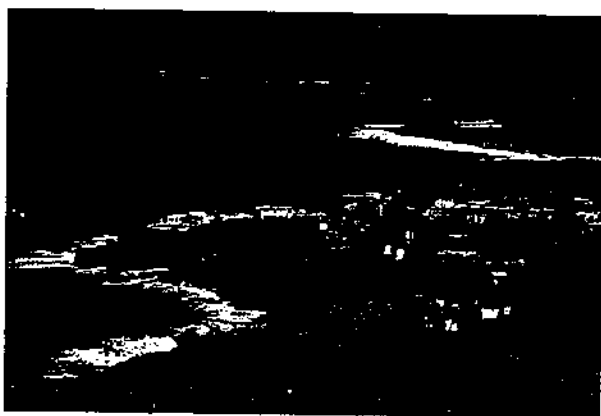
Para uma melhor exploração das ilhas foi estabelecido o sistema das donatarias, que consistia na entrega de uma determinada circunscrição territorial ao descobridor, o qual gozava de

² PROMEX, 1998: 11.

³ ANDRADE, Elisa Silva, *As ilhas de Cabo Verde da "Descoberta" à Independência Nacional (1460-1975)*, 1996: 30. Elisa Silva Andrade, de nacionalidade cabo-verdiana é formada em economia e história, é pesquisadora em Ciências Humanas e Sociais. Escreveu diversos trabalhos sobre a emigração cabo-verdiana e a condição feminina em África.

certos privilégios e passava, assim, a ser intermediário da administração colonial. O primeiro objetivo das dotarias era a exploração e povoamento das ilhas e em segundo lugar, transformá-las em base de apoio à navegação.

O povoamento das ilhas foi iniciado entre 1461 e 1462. De todas era Santiago a que oferecia, na época, melhores condições



Vista da cidade Velha, primeira povoação do arquipélago
- Santiago

de ocupação, e por isso foi decidido e ordenado de imediato o seu povoamento. Constituído por fidalgos portugueses, genoveses, espanhóis e flamengos; por degredados enviados de Portugal (homens que, pelo seu comportamento,

havia sido banidos da sociedade portuguesa e eram enviados para as ilhas com o intuito de as povoar) e escravos vindos da costa de África como garantia da exploração da terra e do seu povoamento. Alguns desses escravos eram utilizados depois para a venda em outras partes do Mundo e com eles iniciar-se-ia o tráfico para as Canárias, Europa e Antilhas⁴.

No entanto, o povoamento de Santiago só mais tarde se iniciou, depois que a concessão dos privilégios especiais se torna uma realidade. Estes privilégios consistiam na permissão para os moradores de resgatarem escravos nas costas da Guiné, na isenção de dízima pelos produtores enviados para Portugal e na concessão de direitos de comércio entre as ilhas. Estas vantagens permitiram também o povoamento das outras ilhas, enquanto Santiago se

⁴ ANDRADE, E. S. , 1996: 45.

transformava em um entreposto de abastecimento do Brasil e Antilhas⁵.

Com o decorrer dos tempos, as duas raças foram-se misturando. Os autênticos nobres foram desaparecendo, aumentando os mestiços. Formou-se assim uma sociedade mista que predomina até os nossos dias⁶.

"Consta que a criação de animais se desenvolveu desde 1490, especialmente nas ilhas de Boavista e Maio"

O gado servia para alimento da população, abastecimento dos navegantes. Aproveitavam o sebo, para o fabrico de sabão e conservação de cordoaria naval, enquanto os couros e as peles eram exportados. O cultivo de milho, batata doce, mandioca, plantação de árvores de fruto, além da introdução da cana sacarina, foram as intervenções agrícolas⁸.

A partir do séc. XVIII, inicia-se uma época de pobreza geral da economia devido à supressão do comércio que Portugal mantinha com todas as nações, a que se somaram os períodos de guerra na Europa e na América. O arquipélago de Cabo Verde ressentiu-se do agravamento do abandono a que sempre tinha sido relegado pela metrópole colonizadora, cujos navios durante longos anos só aportavam em Santiago de passagem para o Brasil e costa africana⁹.

Desenvolver a economia local com a criação de grandes companhias como a Grão-Pará e Maranhão foi a solução encontrada. A introdução do café, em meados desse século, o incremento da plantação extensiva de mandioca e a inovação que consistiu no cultivo do algodão foram outras respostas visando o desenvolvimento econômico do arquipélago¹⁰. No entanto, o mau encaminhamento desta política impediu que a situação se alterasse

⁵ ANDRADE, E. S. , 1996: 46.

⁶ ANDRADE, E. S. , 1996: 51.

⁷ ANDRADE, E. S. , 1996: 73.

⁸ ANDRADE, E. S. , 1996: 65 - 73.

⁹ PROMEX, 1998: 15.

¹⁰ PROMEX, 1998: 15.

Educação Pré-Escolar em Cabo Verde

de acordo com a forma planejada e a economia de Cabo Verde desconheceu melhores dias¹¹.

A perda da importância do comércio e do tráfico dos escravos, aliado a uma economia pobre, baseada na agricultura e sujeita a um clima desfavorável, provocou, em meados do séc. XIX, uma crise que inspirou muitos europeus a abandonarem o arquipélago. A estas transformações somam-se anos de seca, trazendo a fome e obrigando muitos cabo-verdianos a emigrar. Este forte surto de emigração, rumo à Europa e América, fruto das más condições de vida, proporcionadas por uma economia débil, a que as secas mais prolongadas vinham somar prejuízos, acentuaram ainda mais a decadência de Cabo Verde.

Mais tarde, já no séc. XX, assistiu-se ao início das rebeliões contra a dominação colonial, acompanhando o despertar do sentimento nacional que se fazia sentir por todo o continente africano.

A
"Claridade", movimento literário iniciado nos anos 30, foi um marco importante para a definição cultural e a formação de uma consciência nacional,



Av. Amílcar Cabral, Centro da cidade da Praia-Santiago

além de ter sido um veículo, por excelência, de divulgação das idéias nacionalistas. Tais idéias foram enraizadas com o movimento nacional para a independência que eclodiu em 19 de setembro de 1956, quando Amílcar Cabral¹² cria em Bissau o P.A.I.G.C¹³.

¹¹ ANDRADE, E. S. , 1996: 145-152.

¹² Amílcar Cabral, viveu de 1924 a 1973, ano em que foi assassinado e se consagrou o grande herói nacional de Cabo Verde e Guiné. Foi um líder revolucionário guineense, formado pelo Instituto superior de Agronomia de Lisboa, regressou à sua pátria e aí desenvolveu intensa atividade visando a independência de guiné e Cabo Verde. Em 1956 fundou o P.A.I.G.C. A partir de 1963, com o início

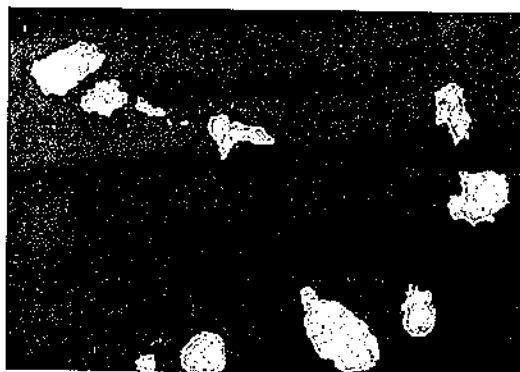
Com o desmoronar do império colonial português, graças a confrontações políticas e armadas, Cabo Verde consegue pôr fim a cinco séculos de domínio colonial. A mais antiga das colônias portuguesas vê o governo de transição em finais de 1974 subir ao poder e, no verão do ano seguinte - 5 de julho de 1975 -, é proclamada a sua independência.

Durante os primeiros cinco anos como país independente conheceu um notável crescimento económico, fruto em grande parte de auxílios externos. Porém a situação económica viria a estagnar em 1980 e a seca prolongada agravou ainda mais a débil economia do arquipélago.

Atualmente, Cabo Verde é uma democracia pluripartidária, cuja Constituição prevê um regime político parlamentar. País novo com uma população jovem, Cabo Verde continua a ver na emigração uma solução para o seu povo. O governo, numa tentativa de estimular o crescimento económico, liberalizou, recentemente, a economia, adaptando políticas orientadas para o exterior.

A conjuntura económica

A situação estratégica há já muito tempo, o país fosse passageiros e carga movimentada



Em curso, estão projetos relativos à expansão e modernização dos portos, aeroportos, telecomunicações e parques industriais.

No início da década de 1990, o governo de Cabo Verde adotou uma política orientada e dirigida para o exterior, liberalizando

da luta armada para a independência destes dois países o seu nome alcançou enorme projeção no seio dos guineenses, cabo-verdianos e portugueses.

¹³ P.A.I.G.C , Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde fundado em 1963.

a economia e virando-a ao investimento interno e estrangeiro¹⁵. Tomou também medidas para diversificar a economia e reduzir a sua dependência dos serviços. Esta estratégia foi pensada para combater o reduzido investimento, fruto enfraquecimento das ajudas externas, o que resultou também numa redução dos serviços portuários e no enfraquecimento da produção agrícola. Neste momento, as atividades que suscitam mais interesse entre os investidores são as confecções, o calçado, a transformação de pescado e o desenvolvimento hoteleiro.

Os mares, que rodeiam as suas ilhas, desde sempre constituíram um dos principais recursos de subsistemas econômico do país. Hoje são uma das últimas zonas de pesca subutilizadas do mundo, pois a pesca à volta do arquipélago permanece em grande parte à mercê de pescadores artesanais. As águas abrigam um grande número de espécies marinhas preciosas, transformando este numa das principais preocupações do Governo que procura investidores estrangeiros que possam ajudar a modernizá-lo através da formação, aperfeiçoamento da frota comercial, melhoria de técnicas de pesca e tratamento do peixe com vista a aumentar as trocas comerciais. O turismo tem tido muita atenção por parte dos investimentos, fazendo uso da beleza de Cabo Verde e do seu clima ameno durante todo o ano¹⁶.

¹⁴ PROMEX, 1998: 54.

¹⁵ MINISTÉRIO DE Coordenação Econômica, *Inserção Dinâmica de Cabo Verde no Sistema Econômico Mundial: As grandes opções do plano de 1997/ 2000*, 1997: 13.

¹⁶ Ministério de Coordenação Econômica, 1997: 94-101.

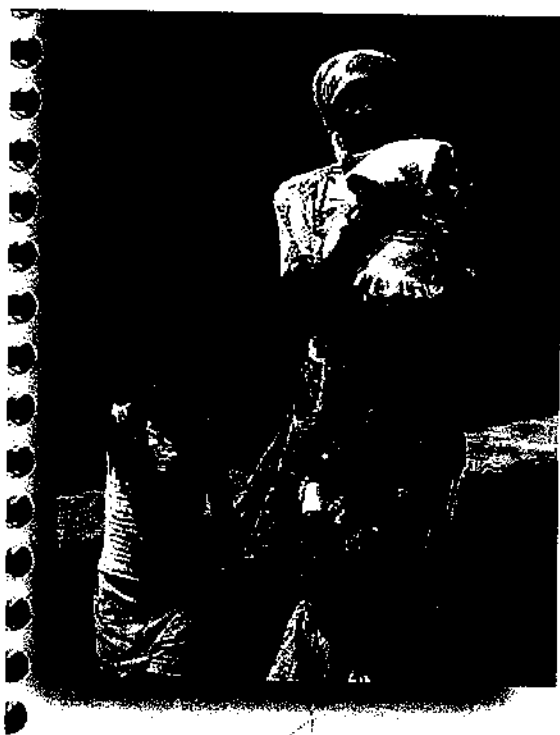
A demografia

*"A população é na sua maioria constituída por mestiços, havendo também negros e brancos."*¹⁷

A população, avaliada em 350 mil habitantes, pelo ultimo censo realizado em 1990, é o recurso mais importante do país. Jovem, com uma idade média de 23 anos, a sua gente é conhecida pela sua vivacidade, hospitalidade, vontade de trabalhar e criatividade. A força laboral é composta por quadros profissionais com boa



Arraste de bote - Maio



Mãe e suas filhas - Brava

formação, com bacharelatos ou licenciaturas de universidades de todo o mundo, assim como trabalhadores não especializadas.

A população sofre as conseqüências de secas freqüentes e fortes movimentos migratórios inter-ilhas e para o estrangeiro. Dos 350 mil habitantes apontados pelo recenseamento geral da

população e habitação de 1990 53% são mulheres. Cerca de 45% da população tem menos de 15 anos de idade e 55% tem menos de 20. Embora a taxa de crescimento médio por ano da população entre

¹⁷ SÉGUIER, J. de, 1994:1457.

1980-90 se situe a volta de 1.45%, as estimativas recentes apontam para um crescimento na ordem dos 2,56% entre 1990-2000¹⁸.

A geografia

As dez ilhas do arquipélago de Cabo Verde, das quais uma é desabitada, situam-se no oceano Atlântico a cerca de 455 quilômetros das costas do Senegal e da Mauritânia, ao largo do Cabo Verde, de onde lhe vem o nome.



Agrupam-se em dois conjuntos de ilhas designados por nomes que anunciam sua posição em relação aos ventos alísios dominantes. São ilhas de Barlavento, situadas a Norte, alinhadas de Noroeste a Sudeste tem-se: Santo Antão 779 Km²; S. Vicente; Sta. Luzia, a única ilha desabitada; S. Nicolau; Sal; Maio 269 Km² e ainda os ilhéus Branco 3 Km² e Raso 7 Km², os quais se situam entre as ilhas de Santa Luzia e S. Nicolau. As ilhas de Sotavento, ao Sul do arquipélago, alinhadas de Sudoeste a Nordeste: Brava 64 Km²; Fogo 476 Km²; Santiago 991 Km²; Maio, 269 Km² e ainda os ilhéus Grande 2 Km²; Luís Carneiro e Sapado.¹⁹ Compondo assim a superfície de 4.033km² do arquipélago.²⁰

¹⁸ Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde, 1997: 35 .

¹⁹ ANDRADE , 1996 : 48-40.

O revelo

As ilhas são de origem vulcânica, de relevo acentuado, com excepção das do grupo Leste: Sal, Boavista e Mai superfície plana. Sendo assim, raras as regiões planálticas e freqüentes os cones vulcânicos, com crateras mais ou menos bem conservadas apesar da erosão provocada pelas águas das chuvas torrenciais, e pelo vento que, lentamente, vão corroendo os seus solos, originando com freqüência a formação de desfiladeiros inacessíveis e ravinas profundas, no resto do arquipélago. O litoral é muito recortado, pelo que são freqüentes



Vulcão - Chã das Caldeiras - Fogo



as vezes que "caem de grande altitude e abruptamente sobre o mar em falésias imponentes e de uma beleza invulgar."²¹

Os pontos mais altos são o Pico do Fogo 2.829m, Vulcão ainda ativo, sendo a sua ultima erupção no ano de 1995; Topo de Coroa 1.978m em Sto. Antão Pico da Antónia 1.819m na ilha de Santiago, Monte Gordo 1.304m na ilha de S. Nicolau e Serra Malagueta 1.063m, em Santiago²².

²⁰ Gabinete de Estudos e do Desenvolvimento do Sistema Educativo, (G.E.D.S.E.) *Educação em, Cabo Verde e suas perspectivas*, Ministério da Educação , Ciência , Juventude e Desporto, Cabo Verde , Outubro de 1998: 3.

²¹ PROMEX, 1998: 12.

²² SÊGUIR, Jaime de, *Dicionário Prático Ilustrado*, Porto: Lello & Irmão, 1994: 1457.

O clima



Av. Marginal, Mindelo - S. Vicente

O clima do arquipélago é oceânico temperado, embora muito seco. É fortemente influenciado pelo vento proveniente do grande deserto de Saara. As "Brumas Secas" ou "Pô di tera", como é chamado pelos cabo-verdianos, é um fenômeno climático que dura de dezembro a fevereiro. Esse fenômeno mergulha o arquipélago numa névoa que coa a luz mais forte durante temporadas incertas. E de janeiro a março sopra a "Lestada", ventos de leste²³.

Duas estações distintas caracterizam o clima tropical seco de Cabo Verde: o tempo das brisas ou a estação seca – 9 meses de novembro a julho e a estação da chuva com duração de 3 meses de julho a outubro.

"As chuvas são raras, havendo mesmo anos em que não chove, o que torna Cabo Verde dolorosamente árido." ²⁴

A flora

Navegadores

portugueses que em tempos idos aportaram nas ilhas, testemunharam que Cabo Verde era um arquipélago de flora abundante e densa²⁵. Porém "a flora cabo-verdiana



Interior de Santiago, época da seca

é pobre, encontrando-se grandes extensões sem cobertura vegetal" ²⁶As ilhas do grupo Leste ou ilhas mais baixas - Sal, Boavista e Maio – essa grande

²³ PROMEX, 1998: 17.

²⁴ SÉGUIR., J. , 1994: 1457.

²⁵ PROMEX, 1998: 19.

²⁶ SÉGUIR., J. , 1994: 1457.

extensão de, apresentam essencialmente espécies xerofíticas, vegetação própria dos lugares secos e das regiões que sofrem largas estiagens. No entanto, o seu aspecto geral de terras nuas e áridas, é rapidamente mudado com a chegada da chuva, tudo faz reverdescer. Fazendo com que a vegetação e mesmo as flores sejam uma constante por todo o território, especialmente nas zonas altas onde a humidade é maior. Assiste-se ainda a ações de reflorestamento das ilhas na tentativa de controlar o clima e elevar os índices de humidade, aproveitando as zonas mais altas.

Pelo arquipélago encontram-se pinheiros, em Sto. Antão, e acácias americanas²⁷ um pouco por todo o lado (com maior incidência em Santiago e S. Vicente). Milho, mandioca, abóbora e batata doce, são os produtos tradicionalmente cultivados. No entanto, pode-se nomear outros, introduzidos no passado, logo após o povoamento das ilhas, que posteriormente veio a possibilitar o desenvolvimento da agricultura à base do algodão, de cereais, frutos e legumes, anil, urzela (planta tintureira), cana do açúcar, café e banana²⁸.

A fauna



Criança vendendo mangas - Santiago

O arquipélago é detentor de uma fauna marinha muito rica que lhe é natural. Conta com uma grande quantidade de

²⁷ Acácias, são árvores ornamentais resistentes à seca.

²⁸ ANDRADE, E. S., 1996: 65-73.

marisco, além de grande variedade de peixes - atum, peixe serra, dourada, moreia, bicuda, garoupa, linguado, bonita, blue marlin ²⁹- que habita as suas águas. A baleia, que visita periodicamente as águas da zona na época de reprodução, e as tartarugas do mar são outros habitantes destas águas³⁰.



Crianças e adultos transportando carga em burros
- Boa vista

A fauna terrestre, por sua vez, é essencialmente fruto de importação por parte dos descobridores, com excepção dos macacos e dos pássaros, alguns deles hoje em extinção, que os

recepçionaram quando os seus botes encalharam na praia da Cidade Velha. Trouxeram na bagagem gado de toda a espécie e animais domésticos que tão logo expandiram pelo interior das ilhas e hoje constituem a fauna terrestre do país³¹.

A Cultura: formas de ser e de manifestar do cabo-verdiano

"

Cabo Verde é uma invenção cultural que se define na ação concreta do amor e não na cor da naturalidade".³²

Esta romântica definição de um país, dada por Luís Silva, poeta nascido no Mindelo, ilha de S. Vicente, tem bases muito concretas. Na verdade, mais do que a mestiçagem e a unidade religiosa, visto que a maioria da população é cristã, a unidade deste

²⁹ PROMEX, 1998: 23.

³⁰ PROMEX, 1998: 23.

³¹ ANDRADE, E. S., 1996: 73-74.

país espalhado por 10 ilhas no Atlântico, deve-se muito a uma cultura própria que resiste, com coragem, às separações dos exílios e emigrações³³. O fato do povoamento das ilhas ter sido feito por europeus e negros da costa de África, originou uma população mestiça. Miscegenação essa que se traduz não só no aspeto físico mas também no cultural. Este fato explica a evolução do crioulo, de dialeto para língua que difere de ilha para ilha e cujas variações fonéticas provem de muitas línguas européias e dialetos africanos.



O crioulo : um espaço de identidade

Conta-se que em 1465 padre Antônio Vieira, figura de prestígio no mundo das Letras e da igreja católica portuguesa na época foi obrigado, numa das suas muitas viagens, a fazer uma escala na ilha de Santiago. Ali notou o seguinte:

*"Há aqui clérigos e cónegos tão negros como azeviche mas tão doutos, tão grandes músicos e tão morigerados que podem fazer inveja nas nossas catedrais."*³⁴



Esta observação tem hoje importância pelo orgulho com que os cabo-verdianos defendem o crioulo, que alguns chamam mesmo de "língua cabo-verdiana". Na

³² Luis Silva.

³³ RODRIGUES, M., *Cabo Verde; Festas de romaria, festas juninas*, Mindelo: Gráfica de Mindelo Lda, 1997: 13.

³⁴ PROMEX, 1998: 25.

verdade, o mesmo padre, sensível e conhecedor, sugere também, pela mesma altura, a aprendizagem da língua nativa depois de observar que mesmo os mais cultos *"falam um português à sua maneira"*.

Tudo o que padre constatou não foi nada mais do que o resultado de um processo ascensional do negro, do mulato em Cabo Verde, território que, desde sempre, foi um espaço aberto e berço de uma cultura em que as oportunidades de cooperação e realização se abriram naturalmente a negros, mulatos e brancos. Oportunidades essas que foram aproveitadas sem sobressaltos e onde os hábitos foram essencialmente os mesmos para todos os indivíduos .

Assim a morna, como expressão musical; o crioulo como língua; e a culinária são todos bens comuns. Há mesmo quem afirme que o crioulo mais não é que a maneira cabo-verdiana de falar o português.

Na verdade, o crioulo surge não só como canal de comunicação para a compreensão entre brancos e negros, mas também para a própria compreensão entre os negros vindos de diversos locais da costa de África. O dialeto passou a ser a forma mais fácil de unificação de várias línguas ou dialetos africanos com o português. Esta é uma das razões por que o crioulo difere das ilhas de Sotavento para as de Barlavento, uma vez que a povoação destes dois grupos de ilhas foi feito por negros de origens diversas.

Apesar da língua portuguesa ser a oficial , no seu quotidiano o cabo-verdiano fala crioulo, com orgulho de quem transformou ao longo dos anos esse dialeto em instrumento de poesia e ligação íntima entre o povo e a sua cultura. Em suma, um elemento de identidade.



Trabalhando no Ribeiro das Várzea - S. Vicente

A música



Tabanca de Rubom Garcia

Também a música é disso testemunha. Do cruzamento das culturas africanas, européias e sul-americanas formou-se uma música popular rica. Algumas das suas expressões ainda hoje em função de ritos, como é o caso da tabanca, típica na ilha de

Santiago que ocorre em fins de junho e que se assemelha a comemoração do São João no Brasil: música repetitiva e quase épica, reúne vários grupos oriundos do interior da ilha que correm para se juntarem na capital onde desfilam vestidos a rigor, sob a chefia de um rei e de uma rainha. O som dos búzios, moquetes, tambores e cornetas, feitas de latão recuperado acompanham o cortejo enriquecido de belas jovens, as filhas dos santos, que integram o cortejo, sacudindo as ancas ao som da música numa atitude sensual e provocante. Com raízes também antigas, canta-se as "*cantigas de trabalho*" que têm origem na escravatura e na época da exploração da cana de açúcar. São cantigas com um ritmo bem marcado que podem ser divididas em cantigas agrícolas, como as cantigas de "*guarda-sementeira*", ou "*guarda-pardal*", cantadas pelos jovens encarregados de vigiar as culturas e afastar os pardais dos campos.

Cabo Verde é um país cheio de ritmos e músicas distintos. A mais famosa é a morna, que se tornou conhecida como a música cabo-verdiana por excelência, caracterizada pela nostalgia e a melancolia que acompanham sempre os ilhéus e a que os cabo-verdianos também não poderiam fugir. A sua influência pode ter a



Batuqueiras de fonte Lima - Santiago

ver com o fado, com as músicas que se podem ouvir nos atlas marroquinos ou com os ritmos importados do Brasil. Ao certo não se sabe, mas a verdade é que se tornou já uma música nacional, onde a saudade é legítima e os temas como o amor, a ternura, a saudade, o exílio e a emigração são constantes. Talvez por isso seja o hino pátrio de muitos cabo-verdianos espalhados pelo mundo. A coladeira é já uma música de humor e alegria, sensual e onde o sexo esta sempre presente. A sua ironia serve para criticar muitos comportamentos sociais. Também tem o funana, música de origem popular é muito apreciada por ser uma dança rápida, onde o erotismo dos pares fascina os telespectadores. O batuque, como o nome bem indica, é um grito de África que, reza a história, pode ter as suas origens no lamento dos escravos. Em S. Nicolau, assiste-se ainda ao Canto da Divina, música cantada em latim arcaico por quatro jovens mulheres. No Fogo, a festa do Pilão é ritual, música-oferenda, rica de ritmos tocados por pau de pilão. A mazurca e a contra-dança, duas danças do séc. XVI, são ainda comuns em Sto. Antão. Introduzidas em Cabo Verde não se sabe bem quando nem como. Têm nas ilhas uma versão própria depois de se terem verificados algumas alterações próprias da aculturação.

A influência portuguesa é nítida nas festas populares, seguindo o mesmo calendário, mas nem sempre as mesmas motivações. Assim o S. Jom, que marca em Cabo Verde a festa do solstício de junho, é uma festa que anuncia a fertilidade da terra. O tema é erótico apesar de ser um misto de festa pagã e religiosa.

O artesanato

Batik, tecelagem, tapeçaria, olaria, trabalho com coco e ossos constituem o artesanato local que tem maior expressão na ilha de S.



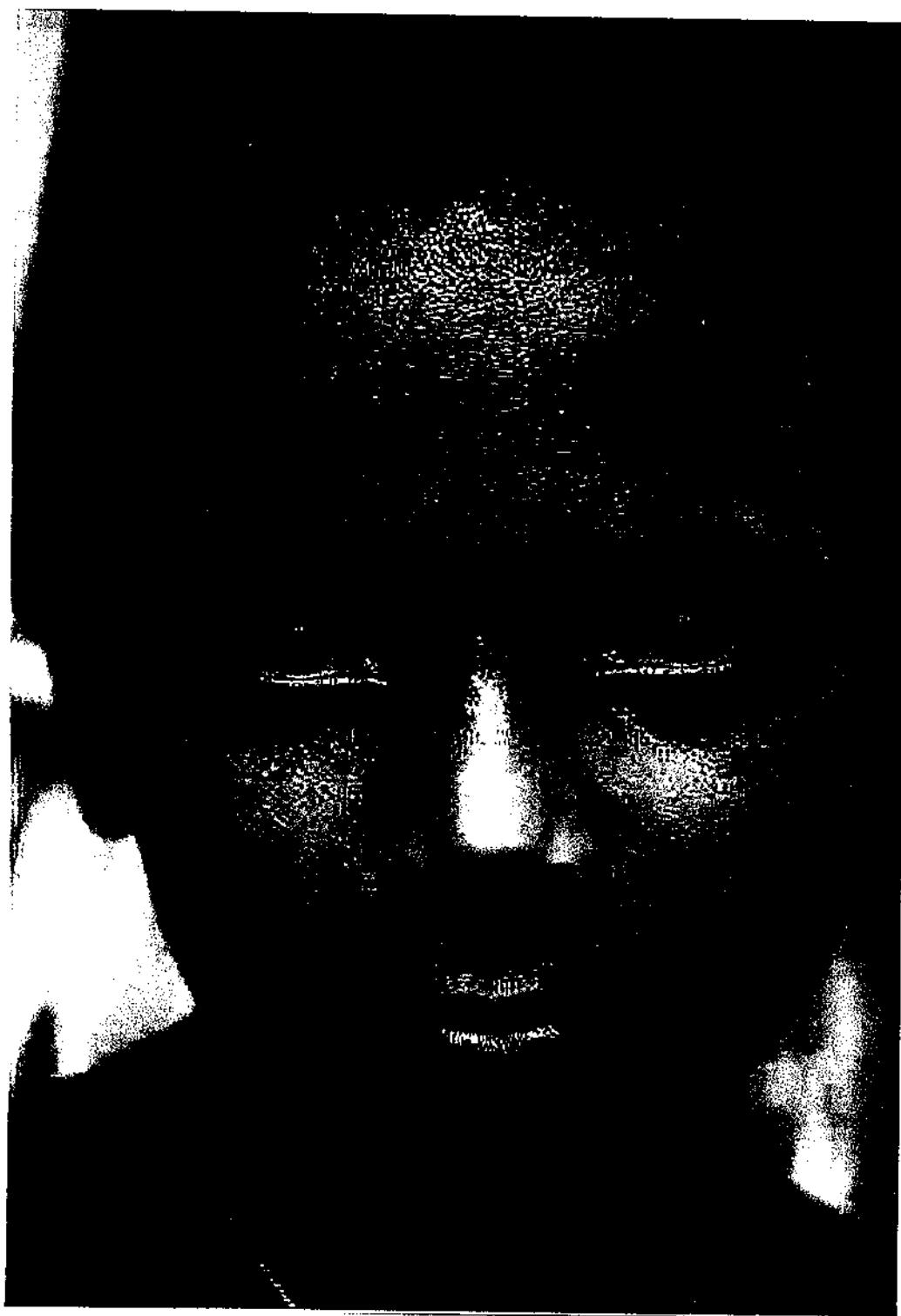
Vicente, através do seu Centro Nacional de Artesanato e de vários ateliers espalhados pelas ilhas. Desta forma, tem-se vindo a recuperar o artesanato, nomeadamente, na área da tecelagem e produção de panos. Cerâmica, batiks, artigos em casca de coco, colares de conchas e pedras podem ser encontrados na ilha de Santiago também tem potes e outras peças de cerâmica feitas pelas mulheres de Fontelima e estes são considerados o artesanato mais típico, mas a cestaria tem também muita reputação. A tecelagem de "panos de obra" chegou a ter expressão nas exportações do país, mas atualmente é mais modesta.



A Boavista continua a manter as indústrias artesanais instaladas na época do povoamento com a cerâmica de selo próprio, onde se utilizam métodos de origem africana no fabrico.

Fabrica-se potes, mosaicos pavimentos, painéis de azulejos e telhas. Na ilha do Maio, foram criadas cooperativas de cerâmica, onde são feitos potes decorativos.

Um pouco da história de Educação em Cabo Verde



A história tem o grande mérito de situar qualquer tipo de discussão ou abordagem no tempo e no espaço, uma vez que concede dados do passado que nos permitem entender o presente e projetar o porvir. É com esta preocupação que deste parágrafo em diante será contado em linhas gerais a trajetória da educação em Cabo Verde e apresentado com mais detalhes o sistema educacional atual, com base em alguns documentos oficiais escritos na época, e outros na década de 80 e 90, escritos na sua maioria por cabo-verdianos ligados diretamente ao Ministério de Educação ou ao Instituto Pedagógico de formação de professores. Esses últimos, tiveram a mesma preocupação de contextualizar o leitor que desconhece o sistema educativo das ilhas de Cabo Verde³⁵.

A preocupação com a estrutura formal do ensino vem do tempo colonial, segundo o que está escrito no Plano Orgânico da Instituição Pública de Cabo Verde³⁶, citado por Maria Andrade³⁷. Nesse passado pelo que a autora escreveu o sistema compreendia:

- o ensino normal, aperfeiçoamento do ensino primário ensino primário que abrangia 3 graus: elementar, complementar e superior;
- complementar e Pedagogia;
- o ensino secundário e o ensino profissional arte marítima, industrial e agrícola.³⁸

"Em 1947, o ensino primário elementar até à 3ª classe, torna-se obrigatório para todas as crianças de um e outro sexo, física e mentalmente sãs em idade escolar".³⁹

Na década de sessenta, presencia-se transformações importantes no sistema de ensino em Cabo Verde, como resultado do

³⁵ Em anexo está um organograma do Sistema Educativo, a faixa etária correspondente a cada um nível ou fase de ensino, o que permite o leitor estabelecer as devidas correspondências com o sistema de Ensino que tenha como referência, e assim entender melhor a hierarquia do ensino cabo-verdiano.

³⁶ Plano Orgânico da Instrução Pública em Cabo Verde, 1917.

³⁷ CARVALHO, M. A. S., O Ensino Básico Integrado, 1998.

³⁸ Decreto n° 3435, 1997, Plano Orgânico Da Instituição Pública de Cabo Verde.

³⁹ Diploma legislativo n° 958 de 1947, artigo 5°.

alargamento da escolaridade obrigatória para 6 anos em Portugal. A saber :

➤ a criação do ciclo preparatório, com a unificação do 1º Ciclo dos ensinos liceais e técnico.⁴⁰

➤ a dotação de carácter "*obrigatório e gratuito para as crianças de 7 a 12 anos*" ao "*ensino primário elementar de 5 anos*".⁴¹

Diz a autora, mencionada anteriormente, que no ano letivo de 1973/74, o ensino básico era freqüentado por 91,5% de efetivos escolares; 5% o ciclo preparatório e 0,5% o ensino secundário⁴². Seguiu-se o modelo Português, tanto na estrutura como nos conteúdos, descuidando-se por completo da cultura Cabo-verdiana.

Em dezembro de 1974, durante o processo de descolonização, é estabelecido o regime geral do Governo do Estado de Cabo Verde e é constituído um Governo de Transição. Nesse momento cria-se o Ministério da Educação e Cultura (M.E.C).⁴³

O governo de transição alcança a sua plena soberania em 5 de julho de 1975. Altura em que se criou diversos departamentos governamentais entre os quais o Ministério de Educação Cultura e Desporto (M.E.C.D.).⁴⁴

Com a independência de Cabo Verde opera-se uma ruptura no sistema de ensino e são definidos novos objetivos para a Educação uma vez que o sistema de ensino até então vigente era considerado "*selectivo, visando preparar agentes administrativos capazes de perpetuar a política de exploração colonial*"⁴⁵. Dando lugar a uma ruptura no seu interior com a definição de novos objetivos para a educação, são

⁴⁰ Decreto lei nº 47489 de 2 de Janeiro de 1967.

⁴¹ Diploma legislativo nº 1663 de 19 de julho de 1968, artigo 6º.

⁴² 1º Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), Ministério das Finanças.

⁴³ Lei nº 13/74, Conselho de Estado, Estatuto Orgânico do Estado de Cabo Verde, in Suplemento ao B. O. de Cabo Verde nº 2, 13 de Janeiro de 1975.

⁴⁴ Decisão com Força de Lei nº 1/75 de 5 de julho, Presidência da República, in B. O. da República de Cabo Verde nº 1 de 5 de julho de 1975.

eles:

- formar as jovens gerações na concepção científica do mundo;
- desenvolver as capacidades intelectuais, físicas e espirituais do indivíduo e fomentar nele elevados sentimentos humanos e gosto estético;
- formar um homem livre e culto , apto para participar ativa e conscientemente na construção do país.⁴⁶

A interrupção do ensino infantil préprimário, que tinha sido instituído em 1964⁴⁷ , foi uma das primeiras medidas tomadas com base na seguinte alegação : *"até que surjam estruturas que permitam imprimir autenticidade a tão importante ramo de ensino"*⁴⁸. Uma das razões mencionadas foi a prioridade a ser dada à alfabetização , devido a existência de *"muitos milhares de adolescentes e adultos analfabetos"*.

O sistema educativo passou a ser composto por :

- Ensino primário de 4 anos, que visa a formação básica dos alunos;
- Ensino preparatório de 2 anos e ensino secundário liceal , com a duração de 5 anos, 3 anos - curso geral;
- 2 anos curso complementar, e técnico-profissional 3 anos.⁴⁹

Entre 1977 e 1983 aconteceu a primeira reestruturação do sistema educativo, após a independência. O ensino primário passa a ser nomeado de básico e estrutura-se em:

- ensino básico elementar, de 4 anos;
- ensino básico complementar, de 2 anos.

⁴⁵ Plano Nacional de Saúde, MSAS, Praia, 1976: 15.

⁴⁶ O Novo Sistema de Ensino, Encontro Nacional de Quadros da Educação, Ministério da Educação, 1977.

⁴⁷ Decreto-lei n° 45 908 de 10 de setembro de 1964.

⁴⁸ Decreto-lei n° 33/75 de 3 de maio, MEC, Governo de Transição, in B.O. de Cabo Verde n° 19 de 10 de maio de 1975: 9.

⁴⁹ CARVALHO, M. A . S., *O Ensino Básico Integrado*, 1998: 8.

O ensino secundário mantém a estrutura anterior. Prevê-se *"uma nova dimensão da educação, como instrumento de transformação das estruturas, das relações sociais e de reconversão das mentalidades, numa perspectiva de integração no processo de desenvolvimento real e harmónico do país"*.⁵⁰

O aumento das dificuldades, a reduzida eficácia e a baixa qualidade do ensino, fiseram com que fosse necessário acontecer uma reestruturação do ensino. E assim o plano de desenvolvimento da educação instituído para o período de 1982-85 tem como base as seguintes diretrizes:

- erradicação do analfabetismo;
- generalização do ensino básico com a duração de seis anos;
- reforma do ensino secundário;
- reforço da capacidade de planificação e de gestão do sistema.⁵¹

Segundo o relatório⁵² da UNESCO, os resultados deste plano atingiram cerca de 45% do que estava previsto. Isso se deve à falta de recursos financeiros e à lentidão do processo de assinatura de acordos com organismos financeiros. Este relatório, além de conter a análise do sistema educação - formação e o contexto socio-económico na década de oitenta, apresenta propostas e perspectivas de desenvolvimento do setor da educação, considerando que *"a reestruturação proposta do sistema implica a integração dos actuais EBE e EBC num ciclo primário único"*. As estratégias e propostas apresentadas estabeleceram quatro objetivos a serem alcançados a longo prazo. São eles:

- rever a estrutura académica e o conteúdo dos programas do sistema educativo;
- melhorar o funcionamento do sistema;
- melhorar a qualidade dos recursos e dos

⁵⁰ O Novo Sistema de Ensino, Encontro Nacional de Quadros da Educação, Ministério da Educação, 1977.

⁵¹ UNESCO, Cap Vert- Enseignement et Formation, EEM/ 134, Division du financement de l'éducation, 1986.

⁵² UNESCO, Cap Vert Enseignement et Formation, EEM/ 134, Division du financement de l'éducation 1996.

meios destinados à educação básica reformada;

➤ alargar a oferta educativa a todo o território nacional.

Em 1986, os Estudos de Pré-Investimento para a Reforma do Sistema Educativo⁵³ e a celebração de Acordos de Crédito com o Banco Mundial (BM) e com o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) deram origem, ao Projeto de Renovação e Extensão do Ensino Básico (PREBA) e ao Projeto de Reestruturação e Expansão do Sistema Educativo (PRESE), iniciando assim o processo proposto pelo relatório da UNESCO.

Em 1990, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) é publicada, dando forma ao atual sistema educativo Cabo-verdiano. Este passa a organizar-se em sub-sistemas, que comunicam-se graças à integração e complementaridade existentes entre elas: a educação pré-escolar, a educação escolar (organizada nos ensinos básico, secundário e superior) e extra-escolar.⁵⁴

A década de 1990 marca profundamente a Educação em Cabo Verde, como *“um período de profundas e vastas mudanças do sistema educativo como resposta à grande procura em relação à educação por parte da população”*⁵⁵. De acordo com o relatório intitulado: *Educação em Cabo Verde e suas Perspectivas*, apresentado em outubro de 1998 pelo Gabinete de Estudos e do Desenvolvimento do Sistema Educativo (G.E.D.S.E.), o número de crianças e jovens na faixa etária de escolarização de 7-18 anos passou de 103.700 em 1991 para 138.884 em 1998. Como resposta à exigência, crescente, da melhoria da qualidade do ensino e de sua adaptação às reais necessidades de desenvolvimento, o principal instrumento utilizado tem sido a Reforma do Ensino.

Segundo o mesmo relatório, as principais ações

⁵³ Projecto Educação I, R.C.V., Estudos de Pré-Investimento, PARTEX.

⁵⁴ Lei n 103/III/93, cap. III, art. 11º, in Suplemento ao B.O. n° 52 de 29 de Dezembro de 1990.

⁵⁵ CARVALHO, M. A. S. 1998: 10.

desenvolvidas no âmbito da Reforma do Sistema Educativo: *“foram a transformação estrutural do sistema, a produção dos novos planos de estudo, programas e materiais didáticos, o alargamento e a melhoria da rede escolar, a implementação de um nova estratégia no domínio da Educação de Adultos e a consolidação e alargamento do Sistema de apoio socio-educativo.”*⁵⁶

Nos dois últimos anos letivos⁵⁷, 1997/1998 e 1998/1999, segundo o relatório do G. E.D.S.E., no Ensino Básico e no Secundário, registraram-se um crescimento de 2% e 27%, respectivamente, evidenciando assim a expansão que esses dois setores de ensino tem conhecido nos últimos anos. A título de informação: *“Dos 9.766 alunos existentes no Ensino Secundário em 1990/91 passou-se para 40.246 alunos em 1998/99 (dados provisórios), o que prevalecendo esta tendência poderá confirmar as previsões de que em Outubro do ano 2000 o Ensino Secundário terá a volta de 61.611 alunos.”*⁵⁸

A taxa de escolarização é apontada no relatório como testemunha da amplitude e do crescimento do sistema educativo. Porém *“os indicadores de qualidade sugerem ainda a adopção de medidas, visando a consolidação das ações já empreendidas e da melhoria da qualidade do funcionamento do sistema.”*⁵⁹

De acordo com a L.B.S.E. a educação escolar é constituída pelos seguintes subsistemas:

- A Educação Pré-Escolar;
- Ensino Básico;
- Ensino Secundário;
- Ensino Superior;
- Educação de Adultos;

⁵⁶ Gabinete de Estudos e do Desenvolvimento do Sistema Educativo, (G.E.D.S.E.), *Educação em Cabo Verde e suas Perspectivas*, 1998: 4.

⁵⁷ Ano letivo em Cabo Verde tem início no mês de outubro e se estende até finais de junho e princípios de julho.

⁵⁸ G.E.D.S.E., 1998: 4.

⁵⁹ G.E.D.S.E., 1998: 4.

□ A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR;

Indicado para crianças a partir dos 3 anos de idade e a idade de ingresso no ensino Básico (6 anos) e, de frequência facultativa, mas determinante para acesso à escolaridade obrigatória com 6 anos.

Segundo o parecer do G.E.S.D.E. *"a taxa de cobertura da educação Pré-Escolar continua baixa. O enquadramento, o acompanhamento e controle do Sistema Pré Escolar são ainda incipientes. Apenas 61,5% das crianças em idade escolar (de 4 a 6 anos) frequentam o ensino pré escolar. O corpo docente não tem ainda o estatuto de carreira e na sua maioria não possui a aptidão exigida"*⁶⁰. O acompanhamento pedagógico deste setor de ensino é assegurado, desde 1992, pelo Ministério da Educação. Atualmente, o Ministério da Educação, dispõe de uma nova Lei Orgânica de março/97 que integra a Direção do Pré Escolar e Básico. Algumas atividades como a elaboração um diagnostico sobre a situação, elaboração da lei desse sub-sistema, nomeação dos coordenadores pedagógicos a nível dos serviços desconcertados, etc., que serão referidos mais adiante com mais cuidado, vem sendo realizadas, com o intuito de melhorar o atendimento reservado a este subsistema.

□ O ENSINO BÁSICO

*"O Ensino Básico, com duração de 6 anos, é obrigatório, universal e é concebido para facilitar a integração social e contribuir para a realização do indivíduo como pessoa e como cidadão."*⁶¹ Constituído por um ciclo único e autónomo com três fases, prega a integração da escola na comunidade. *"O plano de estudos organiza-se em áreas de Língua Portuguesa, Matemática Ciências Integradas e Expressão Artística, e é gerido em regime de monodocência."*⁶²

Em 1997/98, segundo o relatório já citado, registou-se um total de 91.777 alunos, com uma taxa de crescimento/ano de

⁶⁰ G.E.D.S.E., 1998: 4.

⁶¹ G.E.D.S.E., 1998: 4.

⁶² G.E.D.S.E., 1998: 4.

4,1%. A mesma fonte informa que a percentagem de reprovações reduziu consideravelmente: de 16,9% em 1993/94 passou para 9,0% no ano letivo 1997/98, e o abandono de 3,6% registado em 1996/97 desceu para 2,2% em 1997/98.

Com a implementação da Reforma, diz o relatório que, a universalização do acesso à escolaridade básica, passou a ser uma realidade em Cabo Verde⁶³. Por isso a rede escolar foi reconvertida a fim de melhor responder *“ao princípio da universalização do Ensino Básico, tendo registado um crescimento significativo (+17% entre 1991 e 1995)”*⁶⁴.

Em resposta, foi preciso mexer um pouco no perfil e na qualidade de formação (inicial e em exercício) dos professores. Para tanto reconvertiu-se a Escola do Magistério Primário em instituto Pedagógico, localizados um na cidade da Praia e outro em Mindelo.

Apesar dos esforços desenvolvidos ao longo desta década, o mesmo relatório concede dados que indicam que dos 2.740 professores em 1995, apenas 39,5% eram qualificados. Dos 3.219 em 1998 docentes, 56,4% são qualificados, encontrando-se, portanto, aptos para lecionar ao nível do Ensino Básico (crianças dos 6-12 anos de idade).

Diz o relatório que *“em 1997/98, a rede escolar dispunha de 1.702 salas de classes, e apesar dos programas de construção escolares já existentes, 15,6% das salas não dispõem das condições mínimas para a organização de atividades pedagógicas, muito embora o rácio alunos/turma se situe à volta de 29”*⁶⁵.

Em 1994/95 as escolas do Ensino Básico foram reagrupadas em 186 pólos educativos e foram definidas um novo modelo de direção, administração e de gestão e em todos os concelhos foram implementadas as equipas de coordenação pedagógica.⁶⁶

⁶³ CARVALHO, 1998:15.

⁶⁴ G.E.D.S.E., 1998:5.

⁶⁵ G.E.D.S.E., 1998:5.

⁶⁶ CARVALHO, 1998:15.

□ O ENSINO SECUNDÁRIO

O Ensino Secundário, desde 1990, é estruturado em três ciclos de dois anos cada. Desde então vem conhecendo uma grande expansão, ao mesmo tempo que se prepara as condições para a generalização da reforma educativa e se melhora as condições de funcionamento da rede escolar a esse nível. *“As causas dessa expansão tem na base o forte crescimento da população da faixa escolarizável (13-18 anos) e a enorme pressão exercida sobre o ensino secundário devido a generalização do ensino básico de 6 anos. A taxa líquida de escolarização aumentou de 15,8% em 1992 para 28,4% em 1995 e em 1997/98 situava à volta de 45,8%. Assim sendo, a capacidade de oferta é de longe inferior à procura deste nível de ensino”.*⁶⁷

De acordo com informações do relatório do G.E.D.S.E. no ano letivo de 1997/98 este nível de ensino foi freqüentado por 31.602 alunos, o que representa uma taxa bruta de escolarização aproximadamente de 55,1%. E esses últimos anos foram marcados por uma grande expansão desse nível de ensino, devido ao impulso dado pelos municípios. *“Apesar dos esforços concernentes às construções e reparações dos estabelecimentos escolares ao nível do secundário constata-se que a demanda do ensino secundário é superior à oferta e há uma insuficiência de espaços particularmente na Praia, Mindelo, Sal, Santa Cruz e Tarrafal. No ano letivo 1997/98 funcionaram 24 estabelecimentos do ensino secundário.”*⁶⁸

O mesmo relatório aponta algumas carências em matéria de equipamentos de apoio às atividades práticas e a necessidade de adequação do sistema de gestão, de supervisão e de controle, como problemas da realidade deste setor de ensino.

A qualificação dos docentes, não aparece no relatório como um dos graves problemas do setor, porque atualmente com o propósito de melhorar a qualidade de ensino secundário e foi elaborado um plano de formação (1997/98- 2004/05) para os professores que lecionam no 2º e 3º ciclos⁶⁹.

⁶⁷ G.E.D.S.E., 1998:6.

⁶⁸ G.E.D.S.E., 1998:6.

⁶⁹ CARVALHO, 1998: 19.

□ O ENSINO SUPERIOR

O Ensino Superior esta em fase de instalação. Em 1992 foi criado a Comissão de Instalação do Ensino Superior com o objetivo de *"enquadramento institucional das competências existentes e futuras e a coordenação dos projetos internacionais concernentes a esse nível. Com a nova lei orgânica do Ministério da Educação essa comissão veio a transformar-se na Direção Geral de Ensino Superior e Ciência".*⁷⁰

A maioria das formações a esse nível tem lugar no estrangeiro e uma grande parte das despesas passou a ser financiada pelo Tesouro Público e o Fundo de Desenvolvimento Nacional.⁷¹ Em Cabo Verde existem Escolas Superiores que oferecem cursos superiores sem licenciatura, a saber : o ISE (Instituto Superior de Educação), ISECMAR (Instituto Superior de Engenharia e Ciências do Mar), INIDA (Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola) e Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresarias. Prevê-se realizar complementos de Licenciatura a partir de 1998/99.

*"O Instituto Superior da Educação assegura formação de professores a nível do bacharelato e complementos da licenciatura em algumas áreas a partir de 1998/99. As áreas previstas são as da Física, Química, Geografia, Filosofia, Inglês e Estudos Cabo-verdianos Portugueses."*⁷²

□ A EDUCAÇÃO DE ADULTOS

A Educação de Adultos corresponde à Educação de Base dos Adultos. O relatório aponta duas componentes: a Alfabetização e a Pós Alfabetização. As atividades de Alfabetização relacionam-se com a aprendizagem da escrita, do cálculo e da leitura. A Pós-alfabetização, por sua vez, abrange a formação profissional, animação para a leitura com o apoio de bibliotecas e animação comunitária.

A Educação de Adultos compreende três fases, que

⁷⁰ G.E.D.S.E., 1998:7.

⁷¹ Ministério de Coordenação Económica, *Inserção dinâmica de Cabo Verde no sistema económico mundial : As grandes opções do plano de 1997-200*, 1997: 57.

⁷² G.E.D.S.E., 1998:7.

correspondem às do Ensino Básico e duas vertentes, constituídas pela formação geral e a formação profissional de base.

Pelo que consta no relatório do G.B.D.S.E, de 1992 a 1996, 8.903 jovens e adultos, sendo 3.789 da primeira fase e 5.114 da segunda fase, foram alfabetizados. *"A extensão educativa foi freqüentada por 1013 jovens. A formação profissional de base, que acolheu 5.227 jovens e adultos, teve lugar sob a forma de 401 micro projetos das mais diferentes áreas".*⁷³

Em 1994 iniciou-se um programa de formação em exercício (1ª fase) com a duração de 2 anos, com a participação de 336 animadores, isto porque os 1ºs educadores ou animadores tinham um baixo nível académico.

*"Com o alargamento do ensino básico obrigatório para 6 anos, introduziu-se a 3ª a fase de alfabetização para efeito de equiparação, tendo implementado a referida fase no ano letivo de 1997/98, a nível de todos os concelhos do país. Esse esforço exigiu que as estruturas de gestão fossem adaptadas, que a estabilidade do corpo docente e técnico fosse assegurada e que o nível académico do mesmo fosse elevado. Tendo em conta o baixo nível académico dos Educadores de Adultos inicialmente denominados animadores de alfabetização, a DGAEA apostou na formação desses agentes."*⁷⁴

Apoios sócio-educativos

O ICASE (Instituto Cabo-verdiano de Acção Social Escolar) ocupa-se da política social no Ministério da Educação. *"A ele cabe assegurar aos alunos das camadas desfavorecidas as condições mínimas para o sucesso escolar. Tendo em conta o impacto da Acção Social sobre a saúde das crianças e retenção das mesmas no sistema escolar, o Governo vem dando grande atenção às acções concernentes aos serviços sociais do Sistema Educativo designadamente ao funcionamento das cantinas escolares através do fornecimento de refeições quentes e complementos alimentares em benefício dos alunos mais carenciados".*⁷⁵

O relatório do G.E.D.S.E informa que em 1995/96 foram fornecidas refeições quentes a 87.069 alunos do ensino básico, subsídios de transporte a 310 alunos, materiais a 27.480 alunos e

⁷³ G.E.D.S.E., 1998:7.

⁷⁴ G.E.D.S.E., 1998:9.

410 bolsas de estudos aos alunos. A partir do ano 1997 iniciou-se a diminuição gradual das ajudas internacionais destinadas ao apoio sócio educativo, dando, assim, origem à criação de um Programa Alternativo (PA) da responsabilidade do Governo de Cabo Verde, sustentado através do programa "Orçamento de Investimento".

Outro aspecto considerado relevante no processo educativo pelo relatório, que vem sido mencionado, tem a ver com o Programa de residência estudantil. Construiu-se residências estudantis na Ribeira Grande, Sto. Antão; na Praia, Santiago; e em Mindelo, S. Vicente. Está previsto o arranque da construção das residências em Assomada, Santiago e Porto Novo, Santo Antão. Essas residências abrigam alunos que vem de outras ilhas ou do meio rural para completar os seus estudos, em outras ilhas que oferecem os anos de escolaridade faltantes para a sua formação académica básica.

"A melhoria das infra-estruturas nos estabelecimentos de ensino de base é um outro domínio de intervenção. Vinte e cinco estabelecimentos foram equipados, e foram construídas oito cantinas escolares, quatro armazéns para depósito de alimentos, 26 reservatórios de água. Foram construídas latrinas em oito estabelecimentos escolares".⁷⁶

Gestão do sistema

Pelo relatório do G.E.D.S.E o modelo de gestão do sistema pode ser dividido em dois níveis:

- Central, da responsabilidade do Ministério de Educação;
- Local/municipal, da câmara municipal.

"Apesar dos esforços para se introduzirem os novos modelos de gestão e a introdução de equipamentos modernos, subsistem ainda insuficiências na gestão de recursos humanos, no seguimento e avaliação da execução dos projetos, no quadro orgânico e no domínio da coordenação. Persiste ainda a insuficiência de recursos humanos qualificados, sobretudo nos domínios da gestão pedagógica, administrativa e da planificação da educação".⁷⁷

⁷⁵ G.E.D.S.E., 1998:8.

⁷⁶ G.E.D.S.E., 1998:9.

⁷⁷ G.E.D.S.E., 1998:10.

Financiamento da educação

O quadro abaixo mostra a evolução do Orçamento de Funcionamento e Orçamento de Investimento do Setor da Educação, em milhares de escudos, moeda nacional.

ANO	ORÇAMENTO DO FUNCIONAMENTO	ORÇAMENTO DE INVESTIMENTO	TOTAL DO ORÇAMENTO DA EDUCAÇÃO
1992	960.743	954.931	1.915.674
1993	1.030.504	1.914.000	2.944.504
1994	1.208.730	1.139.596	2.348.326
1995	1.464.557	1.487.000	2.951.557
1996	1.986.658	960.191	2.946.849
1997	2.179.775	1.867.647	4.047.422

Quadro retirado do relatório do Gabinete de Estudos e Desenvolvimento do Sistema Educativo⁷⁸

Pela análise do relatório do G.E.D.S.E. o peso percentual do Orçamento da Educação no Orçamento do Estado passou de 14.16% em 1990 para 17.71% em 1998, o que evidencia o grande esforço que o Estado vem desempenhando no Setor da Educação.

⁷⁸ G.E.D.S.E., 1998:10.

Educação Pré-escolar em Cabo Verde

Sua evolução histórica



"Nos anos 70/80 Não haviam crianças que tivessem frequentado o jardim nas escolas. Havia o pré-primário. Em 75 começou a nascer os primeiros jardins nas zonas urbanas. Pré-primário, era uma espécie de preparação para a primeira classe, as crianças brincavam, cantavam, desenhavam aprendiam os números de 1 a 5, faziam recortes e letras. Era uma preparação para a sala de aula." 79Norberta Mendonça

Relatar a história da educação pré-escolar em Cabo Verde, é um convite a olhar a própria evolução sócio-histórica do país. E nesta história ainda muito recente, há que considerar três grandes períodos:

- O período anterior à independência (antes de 1975);
- O período que começa no final dos anos 70 e vai até a década de 80, em que a educação pré-escolar não é considerada como parte integrante do sistema educativo;
- O período pós a publicação da Lei de Bases em 1990, em que a educação pré-escolar é considerada como subsistema do Sistema de Ensino.

De acordo com o relatório da direção do Ensino Básico e Secundário de fevereiro de 1998⁸⁰, documento elaborado para as Jornadas "Pensar para melhor dinamizar o Pré-Escolar, organizadas pela equipe da Direção do Ensino Básico e Secundário do Ministério da Educação, Ciência e Cultura de Cabo Verde, da qual participei em Fevereiro de 1998, as primeiras instituições de educação pré-escolar datam do início da década de 1960, com vários momentos distintos. Iniciativas de privados e instituições religiosas que pretendiam essencialmente, albergar as crianças de 6 anos ou prepara-las para entrarem nas escola de ensino primário.

⁷⁹ Norberta Mendonça, Diretora do gabinete de Ensino Pré-Escolar e Ensino Básico, integrado do Ministério de Educação. Esta fala foi retirado do Diário de Campo, que aparece em anexo, na entrevista com a diretora.

⁸⁰ Direcção do ensino Básico e Secundário : Ministério de Educação, Ciência e Cultura de Cabo Verde, *Evolução da Educação Pré-Escola em Cabo Verde*, Jornadas Pensar para melhor dinamizar o pré- Escolar, fevereiro de 1998.

Tal como na maioria dos países as primeiras instituições de atendimento a crianças de 0-6 anos surgem sobretudo para responder a uma necessidade social - tomar conta das crianças pequenas enquanto as mães trabalham - situando-se essencialmente nos principais centros urbanos, onde esta necessidade é mais sentida. Esta necessidade social, foi agravada pelas condições difíceis que caracterizaram a vida de muitas famílias cabo-verdianas. A emigração, por exemplo, é uma constante que provoca desequilíbrios no meio familiar, pelo que muito cedo as crianças ocupam-se de várias tarefas domésticas, não tendo uma vida fácil. Todas estas questões reforçam a importância das crianças terem um espaço sócio-educativo harmonioso, e adequado às suas necessidades promovendo a igualdade de oportunidades no acesso às primeiras letras.

No entanto, para além de responder a uma necessidade sócio-educativa, tal como aconteceu em outros países, o seu desenvolvimento esteve atrelado à sua própria história política. Maria João Cardona e Maria Elisa Leandro⁸¹, autoras do relatório apresentado ao Ministério de Educação em junho de 1998, fazem referência a uma Portaria 20 380 datada de 19 de Fevereiro de 1964, na qual é determinada a criação de classes preparatórias, antes da escola primária, nas colónias portuguesas, tendo como objetivo prioritário a preparação para a escola e a aprendizagem do Português.

Alguns anos mais tarde, em 1968 é decidido introduzir e generalizar o Ensino Pré-Escolar, como parte integrante da escola primária destinado a crianças de 6 anos, funcionando nos mesmos prédios, devendo os responsáveis por estas classes serem habilitados com a 4ª classe, passando a ser denominados monitora (e)s escolares.

⁸¹ Maria João Cardona e Maria Elisa Leandro, são educadoras portuguesas que participaram numa missão realizada durante a semana de 17 a 24 de junho de 1998, no âmbito da cooperação entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Educação Ciência e Cultura de Cabo Verde, fazendo jus ao pedido de apoio técnico para o desenvolvimento da Educação Pré-Escolar no país.

Após 1975, ano da Independência do país, o ensino pré-escolar é excluído do sistema oficial em consequência da ausência de recursos materiais e humanos que possibilitassem um adequado funcionamento.

Durante o final dos anos 70 e década de 80, já sob a nomeação de educação pré-escolar, são criadas algumas instituições a partir da iniciativa do Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade (ICS)⁸², de Organizações Não Governamentais (ONGs) que atendem crianças pequenas. As instituições dos primeiros, eram destinadas a crianças dos 3 aos 6 anos de idade. As do segundo, acolhiam, essencialmente, crianças provenientes de meios sociais mais carênciados.⁸³

A partir desta data há um crescimento quantitativo de estabelecimentos pré-escolares, administrados, na sua maioria por ONGs e particulares.

De acordo com o relatório de 1980 do ICS, "Documento sobre a organização da educação infantil em Cabo Verde", nesse ano, sob a administração, deste instituto haviam 9 jardins de infância:

- 4 em edifícios construídos para tal finalidade: Jardim Gulbenkian, na cidade da Praia, ilha de Santiago; Jardim Amílcar Cabral e Jardim da Infância Monte Sossego, na ilha de S. Vicente;
- 3 em imóveis que já existiam e foram adaptados: Jardim III Congresso, no Sal; Jardim Daniel Monteiro em S. Nicolau, e Jardim de S. Filipe no Fogo;
- 2 integrados nas suas instituições sociais: na Praia e na Granja, S. Jorge, ilha de Santiago. O Primeiro dispendo de uma única sala de atividades e o segundo funcionando ao ar livre.

⁸² Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade (ICS) foi criado em 1976, tem como propósito a promoção e salvaguarda do bem estar social dos menores. Foi um dos pioneiros na área de construção de edifícios para acolher e cuidar das crianças. Ainda hoje desempenha um papel muito importante junto às crianças na rua de e de meios sócio-econômico mais carênciados.

⁸³ Ministério da Cooperação Económica, 1997: 57.

O relatório também refere-se à existência de outros 3 Jardins da Infância: 2 da Cruz Vermelha, um na vila do Tarrafal, ilha do Santiago e outro na cidade da Praia; e um do Movimento de Solidariedade e Ação Social (MISAS) no Mindelo.

Neste mesmo relatório é ainda mencionado que, antes da criação dos jardins de Infância, o ICS organizou um curso com a duração de 1 ano, sendo 6 meses de aulas teóricas e 6 meses de aulas práticas, para formar as monitoras que iriam trabalhar neles. Neste cursos foram formadas 56 monitoras.

Em 1990, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo⁸⁴, a educação Pré-Escolar é considerada como sendo um dos seus subsistemas⁸⁵, destinado às crianças em idade compreendida entre os 3⁸⁶ anos e a de ingresso no ensino básico. Foram definidos os seus objetivos e a tutela pedagógica passou a ser função do Ministério da Educação⁸⁷.

A lei considera a frequência às instituições pré-escolares como sendo facultativa⁸⁸, no entanto é definido que a frequência da educação pré-escolar condiciona o acesso ao ensino básico. Este é obrigatório às crianças que completam 6 anos de idade até 31 de dezembro e todas as que frequentaram o jardim por dois anos. Pelo que as crianças que não tenham frequentado o jardim ingressão com 7 anos. Como consequência desta medida legislativa, um grande número de novas instituições foram criadas, muitas delas por parte de iniciativas dos responsáveis pelos Municípios ou seja as Câmaras Municipais⁸⁹.

Este aumento da rede institucional, correspondeu no entanto a um proliferar de estabelecimentos que começaram a

⁸⁴ Lei 103.III/90 de 29/12/1990.

⁸⁵ Lei n°103/III, cap.III, art.12º, in suplemento ao B. O. n° 52 de 29 de Dezembro de 1990.

⁸⁶ Lei n°103/III, cap.III, art.13º, in suplemento ao B. O. n° 52 de 29 de Dezembro de 1990.

⁸⁷ Lei n°103/III, cap.III, art.14º, in suplemento ao B. O. n° 52 de 29 de Dezembro de 1990.

⁸⁸ Lei n°103/III, cap.III, art.13º, in suplemento ao B. O. n° 52 de 29 de Dezembro de 1990.

funcionar sem autorização do Ministério de Educação. Isto é sem obedecerem a critérios mínimos de qualidade, em espaços físicos inadequados, sem recursos materiais e sem pessoal minimamente qualificado.

O Ministério de Educação, desejando um melhor controle desta situação, nomeia uma técnica para exercer o papel de Coordenadora Nacional da Educação Pré-Escolar, sob dependência da Direção Geral do Ensino, no ano de 1992, e no ano seguinte, são apontadas as seguintes necessidades:

- realização de um diagnóstico da situação da educação pré-escolar no país e a organização de uma base de dados;
- elaboração de um programa mínimo adequado às diferentes realidades do país;
- formação de mais técnicos e a coordenação pedagógica serem assumidas pelo Ministério da Educação;
- acolhimento das crianças com menos de 3 anos de idade.

Em resposta a essas necessidades, em 1996 foi publicado um Programa Nacional para a Educação Pré-Escolar. Dando continuidade foram promovidos diferentes atividades de formação de curta duração para a divulgação. Porém esta acabou por não ser generalizada, pois observou-se diversos aspetos problemáticos do programa, dignos de modificação para melhor oferta de atendimento.

Neste mesmo ano a Educação Pré-Escolar aparece como uma grande aposta e como um dos principais objetivos do Governo no Plano Nacional de Desenvolvimento 1997/2000.

No ano de 1997 com a publicação da nova Lei Orgânica do Ministério da Educação Ciência e Cultura⁸⁹ é criada a Direção Geral do Ministério do Ensino Básico e Secundário, na qual funciona a Direção do Ensino Pré-Escolar, sendo a educação Pré-Escolar considerada como área específica de trabalho integrada no sistema educativo. No Plano elaborado pela Direção do Ensino Pré-Escolar e

⁸⁹ Câmaras Municipais é o mesmo que prefeitura.

⁹⁰ Lei 14/97.

Básico para 1997/98, são estabelecidas as seguintes metas para a educação pré-escolar:

- Elaboração do perfil e atividades de coordenação pedagógicos para os diferentes concelhos;
- Elaboração de normas de funcionamento;
- Realização de um diagnóstico com vista à elaboração de um Plano de Desenvolvimento;
- Revisão do Programa Nacional publicado em 1996.

Ficou também definido que ao Instituto Pedagógico caberia a formação de Profissionais para a educação pré-escolar.

Já em 1998, no Encontro "Pensar para melhor dinamizar o Pré-Escolar"⁹¹, muitas destas questões fizeram parte da pauta de discussão e reflexão. A saber: o desenvolvimento e gestão da rede institucional; a formação do pessoal que trabalha com as crianças; a revisão do Programa nacional publicado em 1996 e a necessidade do programa ser substituído por Orientações Curriculares mais flexíveis.

A tutela pedagógica das instituições é da competência do Ministério da Educação, no entanto não é proprietário de nenhum jardim de infância, sendo grande a heterogeneidade da rede institucional, dependente de diferentes tutelas, o que, na prática, se traduz em diversas concepções e modalidades de funcionamento.

- ❑ Cerca de 4,34% das instituições pertencem ao ICS;
- ❑ 21% pertence a organizações religiosas;
- ❑ 26% pertence às Câmaras Municipais;
- ❑ 43% pertence a ONGs e privados.⁹²

No que concerne à cobertura institucional média, existente no país, é de cerca de 61,5%, segundo as informações

⁹¹ Realizado pelo Direcção do Ensino Básico e Secundário, Ministério de Educação Ciência e Cultura de Cabo Verde, desse encontro importantes resultados foram alcançados: Definiu-se os objetivos gerais da Educação infantil; subdividiu-se a educação infantil em dois grupos de atendimento (de 0 a 3 anos/ atendimento em creches, de 3 a 6 anos / pré-escolar.); identificou-se os elementos nos quais deve ser baseado os a proposta pedagógica do trabalho com crianças dos 0 aos 6 anos; e definiu-se as diretrizes para o desenvolvimento dos recursos humanos e subsistema.

⁹² CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 7.

relativas a cada concelho, para o ano letivo 1996/1997, para as crianças de 5 a 6 anos. Sendo S. Nicolau o concelho que apresenta a menor percentagem (33.1%) e Boa Vista o que apresenta a mais elevada (98,8%).

A respeito do pessoal que trabalha diretamente com as crianças pode-se afirmar que, praticamente não existem profissionais com formação específica. Os existentes classificam-se em diferentes categorias consoante a sua formação e funções, inexistente no entanto uma carreira profissional definida e regulamentada. Hoje existe a seguinte hierarquia entre os profissionais da pré-escola

- Educadoras de infância, com um curso de formação inicial⁹³ tirado fora do país;
- Monitoras, com o curso organizado pelo ICS, de um ano de duração;
- Orientadoras, sem qualquer tipo de formação específica;
- Auxiliar, sem formação específica, que apoiam o trabalho desenvolvido pelas monitoras e orientadoras.

Segundo a amostra de um diagnóstico realizado em 1996, a formação académica do pessoal que trabalha com as crianças é a seguinte:

- 24,6% das monitoras e orientadoras estão habilitadas com o 4º ano de escolaridade;
- 71,2% têm 6º ano de escolaridade;
- 1,75% têm o 9º ano de escolaridade;
- 1,75% têm o 11º ano de escolaridade.⁹⁴

O "Relatório Humano de Cabo Verde 1997" ao falar do meio sócio-familiar das crianças afirma o seguinte: *"Apesar dos progressos registrados ao longo dos últimos anos (...) a pobreza ainda afeta cerca de 40% da população, as taxas de desemprego são*

⁹³ Curso de formação inicial, são cursos com um nível médio, técnico de formação, normalmente são de curta duração 2 a 3 anos de acordo com o país.

⁹⁴ CARDONA, M.J e LEANDRO, M.E., 1998: 8.

elevadíssimas (mais de 25%), a situação nutricional é precária para uma parte significativa da população."⁹⁵

Apesar da família nuclear, tradicionalmente constituída por pais e filho, ser a predominante no meio social cabo-verdiano. É grande o peso das famílias, que integram no seu seio outro tipo de familiares. Este fator, mais a elevada taxa de natalidade existente, justificam a existência de famílias numerosas, muitas vezes habitando em residências de dimensões reduzidas e insalubres. Situações deste tipo são facilmente observadas nos primeiros e principais centros urbanos, como é o caso da cidade da Praia, devido ao intenso movimento migratório que tem ocorrido desde da década de 80.

A maioria da população é feminina (cerca de 53%) sendo elevado o número de mulheres chefe de famílias (cerca de 38%) em consequência do *"... peso da emigração masculina ser muito superior ao da emigração feminina: sendo as mulheres obrigadas a assumir a chefia da família na ausência dos maridos: o numero de nascimento fora da união conjugal ser cada vez maior"*.⁹⁶

Pelo que o papel económico e social das mulheres tem vindo a ser cada vez mais relevante, desempenhando e ocupado diferentes tipos de atividades e cargos nos setores agrícolas, pecuário, florestal, e também no comércio, indústria e serviços. Mas o desemprego feminino é maior do que o masculino. O peso das mulheres que tem como profissão *"dona de casa continua ainda elevado, cerca de 57 % das mulheres chefes de família nas zonas urbanas é muito maior que nas zonas rurais (...)"*.³

De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde 1997, que tem sido citado, em consequência das características sócio-familiares referidas, tem-se vindo a observar uma crescente procura da educação pré-escolar *"principalmente nos*

⁹⁵ Ministério da Cooperação Económica, Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde 1997.p.162.

⁹⁶ Ministério da Cooperação Económica, Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde 1997.p.157.

Educação Pré-Escolar em Cabo Verde

meios rurais onde as mães suportam um maior peso das principais responsabilidades familiares"⁹⁷. E assim em Cabo Verde, a educação pré-escolar, para além das suas finalidades educativas, cumpre importante missão que é a de permitir *"às famílias mais carentes ter as suas crianças em melhores condições e cuidados que se tivessem que ser deixadas livres de qualquer ocupação"*⁹⁸.

O mesmo relatório aponta a ausência de uma política educativa claramente definida para este nível de ensino, que funciona com *"baixa capacitação dos recursos humanos"* e *"em espaços inadequados"*.⁹⁹

Na atual fase da história, a educação pré-escolar cabo-verdiana confronta-se com um grande dilema: apesar de nos últimos anos ter sido grande o seu desenvolvimento quantitativo, em termos qualitativos há ainda um longo e urgente caminho a ser percorrido. Este começa na necessidade de existir uma melhor regulamentação e fiscalização do funcionamento das instituições por parte do Ministério, passando pela necessidade de uma melhoria dos recursos disponíveis, quer em termos de materiais quer em termos de uma melhor qualificação dos profissionais que trabalham diretamente com as crianças.

⁹⁷ Ministério da Cooperação Económica, Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde 1997.p.162.

⁹⁸ Ministério da Cooperação Económica, Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde 1997.p.162.

⁹⁹ Ministério da Cooperação Económica, Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde 1997.p.162.

Documentação Oficial



A Lei de Bases do Sistema educativo é o único documento legal que em linhas gerais define os grandes princípios básicos que regulamentam a Educação Pré-Escolar. Existem, no entanto, outros documentos legais respeitantes ao ensino básico, que indiretamente têm algumas implicações relativamente à Educação Pré-Escolar. Respeitando a sequência da publicação da Lei Orgânica do Ministério tem – se:

- Decreto Lei 12/94 de 29/12;
- O decreto Lei 16/94 de 27/12;
- O decreto – Lei 77/94 de 27/12;
- Decreto – Regulamentar 4/98 de 27/4.

Além destes documentos existe um Programa Nacional da Educação Pré-Escolar e uma referência da Educação Pré-Escolar no Plano Nacional.

A documentação oficial existente a respeito do sistema educativo pré-escolar cabo-verdiano:

- Lei de Bases do Sistema Educativo Cabo-verdiano, publica em 1990¹⁰⁰, define que a Educação Pré-Escolar se destina às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico, sendo o subsistema que ocupa a base de todo o sistema educativo. A mesma lei determina que a sua frequência é facultativa, sendo no entanto definido que esta condicionada o acesso ao ensino básico obrigatório para as crianças com 7 anos ou em alternativa acessível para as crianças com 6 anos que frequentaram durante dois anos estabelecimentos de educação pré-escolar, fato que segundo o relatório da missão realizada em Cabo Verde de 17 a 24 de Junho de 98 *“condiciona um crescimento descoordenado da rede institucional, implicando que actualmente existam muitas instituições sem um mínimo de condições para um funcionamento de qualidade”*.¹⁰¹

Pela Lei de Bases, *“A educação pré-escolar enquadra-se nos objectivos de proteção da infância e consubstancia-se num conjunto de ações*

¹⁰⁰ Lei 103/III/90 de 29 de Dezembro.

articuladas com a família visando, por um lado o desenvolvimento da criança e, por outro lado, a sua preparação para o ingresso no sistema” Tem como objetivos essenciais:

- Apoiar o desenvolvimento equilibrado das potencialidades da criança;
- Possibilitar à criança a observação e a compreensão do meio que a cerca;
- Contribuir para a estabilidade e segurança afetiva da criança;
- Facilitar o processo de socialização da criança;
- Favorecer a revelação de características específicas da criança e garantir uma eficiente orientação das suas capacidades.¹⁰²

Define-se ainda que a rede institucional “ será essencialmente da iniciativa das autarquias locais e de instituições oficiais bem como de entidades de direito privado constituídas sob forma comercial ou cooperativa, competindo ao Estado fomentar e apoiar tais iniciativas, de acordo com as possibilidades existentes, cabendo a este ultimo as “normas pedagógicas e técnicas a aplicar na Educação Pré-Escolar”.

A lei deixa em aberto a possibilidade do Estado vir a apoiar financeiramente a abertura de instituições, porém esta iniciativa é completamente entregue a outras entidades, aspeto que segundo a análise das autoras do relatório acima citado: “pode ser significativo de uma certa dificuldade de controlar o seu funcionamento, um vez que não há contrapartidas previstas”¹⁰³. Às iniciativas locais é dado um papel relevante pelas autarquias, o que pode ser de grande importância para uma melhor adequação das respostas às necessidades específicas das diferentes localidades.

É ainda enunciado que a educação pré-escolar é feita em “jardins de infância ou em instituições análogas oficialmente reconhecidas”¹⁰⁴, o

¹⁰¹ CARDON, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 10.

¹⁰² Lei 103/III/90 de 29 de dezembro.

¹⁰³ CARDONA, M. J. e LEANDOR, M. E., 1998: 10.

¹⁰⁴ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 10.

que abre possibilidades de criação de outras organizações possíveis que venham a ser consideradas mais adequadas às necessidades das diferentes localidades.

□ Decreto Lei 12/94 de 29/12, aprova o Estatuto Orgânico do Instituto Pedagógico e o Regulamento das Escolas. Apesar de não estar prevista a formação de docentes para a educação pré-escolar, mas neste momento se reflete a possibilidade deste Instituto passar a assumir a formação inicial destes profissionais, e já está em curso a experiência piloto, no Instituto Pedagógico da cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente.

□ O decreto Lei 16/94 de 27/12, estabelece um artigo de lei relativo à configuração da rede escolar do Ensino Básico. Este decreto determina princípios básicos a ser considerados no ordenamento da rede escolar, nomeadamente a integração vertical e horizontal relacionado com as diferentes fases da escolaridade, mobilidade dos professores, distâncias percorridas pelos alunos e organização das turmas. Apesar de não ter considerado a especificidade da Educação Pré-Escolar, há que ter em conta a definição das características do grupo etário definido para a rede de Ensino Básico é de suma importância para o eventual crescimento da rede institucional pré-escolar.

□ O decreto – Lei 77/94 de 27/12, define o regime da direção, administrativa e gestão dos Pólos Educativos do Ensino Básico. A partir do momento em que se prevê que passem a existir coordenadores concelhios¹⁰⁵ para a educação pré-escolar, é importante conceber a possibilidade destes poderem participar nas reuniões dos núcleos pedagógicos existentes em cada pólo

¹⁰⁵ Coordenadores Concelhios, trabalham junto às delegacias de ensino de cada povoação. São os responsáveis pela orientação, supervisão e acompanhamento dos jardins de cada concelho administrativo. Assim cada delegacia de ensino tem o seu próprio coordenador de educação Pré-Escolar. É uma forma de descentralização.

educativo. É também importante atender, que caso de vier a ser organizado centros de recursos estes possam também ser utilizados pelos estabelecimentos de Educação Pré-Escolar, tendo em conta a grande carência de recursos materiais existentes.

Maria Elisa Leandro e Maria João Cordona, analisando este projeto de decreto-lei e o seu perfil de competências são da seguinte opinião: *"... parece-nos de grande importância a criação deste lugar para ser possível um melhor apoio e mesmo controle por parte do Ministério relativamente às diferentes instituições existentes."*¹⁰⁶

Ao que parece, tendo como pano de fundo a realidade de Cabo Verde, para uma melhor adequação às diferentes necessidades sentidas localmente a descentração dos apoios educativos, é cada vez mais sentida como fundamental. Isto devido à falta de pessoal com formação específica, tornando-se fundamental a existência de coordenadores concelhios que tenham oportunidade de mais diretamente, apoiar o trabalho realizado em cada instituição, considerando a tão reduzida escolaridade do pessoal que trabalha com as crianças, *"muito mais do que a realização de ações de formação pontuais e avulso, que neste cenário nos parecem ser poucos eficazes, é fundamental a existência de um apoio local com orientações mais pragmáticas sobre o trabalho a desenvolver, devidamente enquadradas nas orientações curriculares definidas (ou a definir) pelo Ministério"*.¹⁰⁷

O papel destes coordenadores pode também ser fundamental para um melhor conhecimento da realidade das diferentes localidades e para uma avaliação mais adequada das necessidades de expansão da rede e das (im)possibilidades de oficialização dos poucos recursos existentes.

□ O decreto – Lei 20/96 de 17/6, aprova os novos estatutos do Instituto Cabo-Verdiano de Acção Social Escolar. Considerando que este Instituto *"tem por fim principal desenvolver um conjunto de acções que visem uma política de incentivo à escolaridade*

¹⁰⁶ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 17.

¹⁰⁷ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 18.

*obrigatória, a promoção do sucesso escolar...*¹⁰⁸ é de muito interesse considerar o importante papel que poderá vir a desempenhar ao nível pré-escolar, numa perspetiva preventiva, apoiando as eventuais carências detectadas.

Como foi mencionado anteriormente, há que considerar Lei Orgânica do M.E.C.C.¹⁰⁹, que determina que nos seus serviços centrais passe a existir uma Direção do Ensino Pré-Escolar e Básico, *“serviço responsável por superintender a orientação e coordenação dos estabelecimentos do ensino pré-escolar e básico”*¹¹⁰. Esta Lei determina ainda que os serviços de inspeção e fiscalização do Ministério deverão *“controlar a qualidade pedagógica de todos os estabelecimentos de educação pré-escolar...”*¹¹¹

Este documento ao definir o âmbito da ação dos serviços do Ministério, à semelhança do que vem referido na Lei de Bases, valoriza a promoção de um *“real envolvimento das famílias”*¹¹² quer na gestão dos estabelecimentos, quer no sentido de *“elevar a qualidade”* promovendo uma melhor integração da *“escola na comunidade”* que a integra.

As autoras anteriormente citadas, a respeito desse projeto de Lei alimentam o pensamento de que é urgente a sua concretização, pois a rede das instituições tem crescido, sem contudo existir normas legais precisas. Atualmente existem muitas instituições sem o mínimo de condições para acolher grupos de crianças. A publicação deste decreto, no parecer das autoras, *“obrigará a uma oficialização de todas as instituições, mesmo as que estão já em funcionamento, o que permitirá a reavaliação das suas condições de funcionamento e o fecho das que não obedecem aos requisitos mínimos a que devem obedecer.”*¹¹³ E sugerem que juntamente com o Decreto sejam definidos Normativos mais precisos relativamente aos pré-requisitos mínimos a que devem obedecer. São eles :

¹⁰⁸ Decreto Lei 20/96 de 17/6.

¹⁰⁹ Lei 14/97 de 24/3.

¹¹⁰ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 12.

¹¹¹ Lei 14/97 de 24/3.

¹¹² Lei 14/97 de 24/3.

- “ as instalações (dimensões, condições básicas de higiene e saúde relativamente aos espaços exteriores e interiores);
- equipamentos e materiais pedagógicos (em termos de quantidade e qualidade)
- elaboração de registos organizados de inscrição e frequência das crianças (que actualmente são inexistentes em muitas instituições).”¹¹⁴

□ Decreto – Regulamentar 4/98 de 27/4, define a criação de Delegações Escolares que surgem como responsáveis pela descentralização das orientações do Ministério.

□ Programa Nacional para a Educação Pré-Escolar, elaborado pela Coordenação do setor pré-escolar do Ministério, desde 1996. Tem sido divulgado através de diferentes ações de formação de curta duração. Este documento, tem um total de 75 páginas e está organizado em 5 grandes áreas de desenvolvimento:

- Educação Física;
- Educação Intelectual;
- Educação Cívica;
- Educação Laboral;
- Educação Estética. ¹¹⁵

Cada uma destas grandes áreas, tem uma programação, na qual são explicados os objetivos e conteúdos, com sugestões de trabalho. No final do documento, existe um pequeno capítulo de 3 páginas sobre o jogo e brinquedos, as suas implicações na educação de infantil.

Este programa está em vias de ser reformulado, “discutindo-se que em sua substituição sejam definidas Orientações Curriculares mais flexíveis e mais adequadas ao público a que se destinam (monitoras,

¹¹³ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 19.

¹¹⁴ Relatório, Junho: 1998.

¹¹⁵ Coordenação do Sector Pré-Escolar, *Programa Nacional para a Educação Pré-Escolar*, Ministério da Educação e Desporto de Cabo Verde, 1996.

orientadoras...), pois possuem um baixo nível de formação académica e profissional e mais, e mais adaptado à realidade sócio-cultural das crianças cabo-verdianas".¹¹⁶

□ Plano Nacional de Desenvolvimento 1997 / 2000 do Governo, faz referência à *"promoção da qualidade e generalização a educação pré-escolar"*¹¹⁷. Prevê-se as seguintes metas:

- Promover a formação de 15 coordenadores e de 8 formadores para o Ensino Pré-Escolar;
- A rede Pré-Escolar abranger 60% das crianças de 4 a 5 anos nos diferentes concelhos do país;
- Construção e equipamento de 70 novos jardins de infância; Remodelação e ampliação de 50 jardins de infância.

Para tanto, há que começar por melhorar *"o enquadramento institucional, técnico e pedagógico da educação pré-escolar e criação de mecanismos de acompanhamento e de inspeção pedagógica"*¹¹⁸.

Existe também uma proposta de criação de uma Comissão Técnica *"para estudar, avaliar e propor cenários técnicos e jurídicos alternativos para o Sistema Educativo..."*. Nesta proposta, entre outros aspectos refere-se à necessidade de valorizar *"progressivamente do crioulo cabo-verdiano como língua do ensino"* devendo a Língua Portuguesa ser considerada como segunda língua, sendo introduzida desde o ensino pré-primário.

¹¹⁶ CARDONA e LEANDRO, 1998: 13.

¹¹⁷ Plano Nacional de Desenvolvimento do Governo.

¹¹⁸ Plano Nacional de Desenvolvimento 1997 / 2000 do Governo.

Caracterização geral das instituições pré-escolares



Depois de conhecer a história e as leis que gerem a Educação Pré-Escolar cabo-verdiana é chegado a hora de conhecer um pouco mais do presente deste subsistema de ensino. Este tópico, escrito com base no relatório da missão realizada por duas educadoras portuguesas de 17 a 24 de junho de 1998 e pelos dados coletados no meu trabalho de campo realizado de 15 a 30 de janeiro por 4 ilhas do arquipélago, tem como propósito oferecer ao leitor uma fotografia da situação atual da rede institucional pré-escolar em Cabo Verde, falando da Coordenação Central do Pré-Escolar, da Administração institucional, da Gestão dos jardins, do Público Alvo, da Infra-estrutura, do Mobiliário e Materiais ludo pedagógico, das Condições de Higiene, dos Recursos Humanos, da Formação inicial de futuros educadores, das Orientações Curriculares, do Alargamento da rede, dos Diferentes parceiros e finalmente dos Principais constrangimentos.

A coordenação central

No Ministério de Educação, Ciência e Cultura foi instituída, pela primeira vez em 1997, a Direção do Ensino Pré-Escolar e Básico integrado na Direção Geral do Ensino Básico e Secundário e com funções na orientação e coordenação dos estabelecimento de ensino pré-escolar e básico¹¹⁹. Contudo, não existe um plano curricular nem normativos de funcionamento, embora exista uma instituição de formação de educadores de infância, na cidade de Mindelo, o programa foi implementado, a título experimental, no ano letivo de 1999, estando ainda em curso.

O acompanhamento e supervisão pedagógica do trabalho desenvolvido nos jardins infantis é realizado pela Delegação de Educação no Concelho, através do Coordenador da Educação Pré-Escolar. O objetivo desse trabalho é melhorar a qualidade do trabalho dos monitores e orientadores de infância e indiretamente o próprio

atendimento das crianças nos jardins. O acompanhamento e a supervisão pedagógica é feito durante todo o ano letivo, ou seja de outubro a julho.¹²⁰

O conteúdo desse trabalho é determinado pelos objetivos de Educação Pré-Escolar, definidos na Lei de Bases, pelos Normativos sobre as funções e tarefas do Coordenador do Pré-Escolar, pelos objetivos dos Planos Anuais e Mensais dos jardins, e pelo nível de qualificação do pessoal docente. Tendo em conta que uma das principais tarefas do coordenador é promover a elevação de qualificação de todas as categorias dos trabalhadores, ele estuda sistematicamente o trabalho desenvolvido nos jardins para que com base nisso orientar o acompanhamento e a supervisão pedagógica.¹²¹

A administração institucional

Diz o Delegado de Ensino do concelho de Ribeira Grande, que *“Não é fácil a educação controlar a entrada no jardim pois muitos são as responsáveis: ICS, Ministério de educação, Promoção social, câmara, OMCV, Cruz Vermelha ... enquanto o estado não assumir a educação pré-escolar o trabalho com os muitos organismos existentes serão entraves à ação pedagógica do ministério”*. De fato em todos os Concelhos existem jardins infantis, dos quais grande parte é administrada por entidades privadas e instituições não governamentais tais como:

- Organizações das Mulheres de Cabo Verde (OMCV);
- Cruz Vermelha;
- Paroquias;
- Cooperativas;
- Bornefonden.

Assim de acordo com a entidade de tutela, os jardins podem ser categorizados em :

¹¹⁹ Lei Orgânica do MECC – art.15º, 3.

¹²⁰ Coordenação Pedagógica do pré-escolar, Relatório/ Setembro: 98.

- Públicos (organismos governamentais, como o ICS e ICM); Municipais (Câmaras Municipais);
- Religiosos (paróquias, Caritas, Adventistas);
- Privados (entidades com fins lucrativos).

Esses jardins funcionam mediante oficialização pelo MECC, no entanto as Câmaras Municipais abrem jardins sem a devida autorização.¹²²

Tal facilidade é claramente expressa na fala da representante do projeto alemão no dia 22.02.99, que aparece em anexo, quando diz: *“É fácil abrir uma creche ou instituição de atendimento à criança de zero a seis anos ...Abrir uma creche e um bar é a mesma coisa, vai-se na secretaria recolher os impostos e pronto”*.

Essa diversidade de entidades administrativas dificulta o zelo pela qualidade do atendimento, por parte do Ministério da Educação, como é afirmado pela técnica Maria Teresa Araújo, quando diz: *“Cabo Verde em termos de leis é um dos mais modernos que existe, mas falta governantes para colocar a lei em pratica. Temos uma grande dificuldade de supervisionar os jardins e acompanhar o funcionamento “dentro dos rigores da lei”. E vemos jardins em espaços que deixam muito a desejar. Jardins em casa-de-banho temos muitos. E nós poucos podemos fazer, pois por serem particulares os donos simplesmente não abrem a porta quando batemos para fazer supervisão”*.

A gestão dos jardins

A gestão dos jardins é assegurada diferentemente nos vários jardins. Existem os que possuem órgãos, como a Direção. No relatório apresentado em junho de 1998 aparecem apontados as seguintes falhas:

- *“Falta de regulamentação”*¹²³. O que se deve em parte à questão de que *“...o Pré, só a pouco está a ser assumido pelo Ministério da Educação...”* pelo que é afirmado pela assessora

¹²¹ Coordenação Pedagógica do pré-escolar, Relatório/ setembro: 98.

¹²² Direcção do Ensino Básico e Secundário (D.E.B.S.), maio: 1998.

¹²³ Relatório da Missão realizada de 17 a 24 junho de 1998, julho: 1998.

do Ministro da Educação, na entrevista do dia 21.01.99, realizada no seu próprio gabinete.

Embora esteja já prevista a publicação de legislação referente às condições de funcionamento das instituições pré-escolares, ainda não está em vigor normas que possibilitem o controle por parte dos serviços de inspeção e à atuação disciplinadora sobre as instituições que não têm condições para atender, de forma, adequada as crianças em idade pré-escolar. *“Pelo que observamos estão atualmente em funcionamento instituições que não obedecem a critérios mínimos de qualidade, sendo prejudicial para as crianças a sua frequência”.*¹²⁴ Esse pensamento foi reforçado pela técnica do ministério no subtópico anterior.

➤ *“Falta de precisão dos registos de inscrição e frequência das crianças”*¹²⁵ – *“constamos que nem todas as instituições têm registo precisos sobre o número de crianças que as frequentam, o que dificulta um conhecimento preciso e dificulta o controle do Ministério relativamente à situação existente.”*¹²⁶

➤ *“Grande diversidade nos proprietários dos estabelecimentos de educação pré-escolar”*¹²⁷ – é grande a diversidade de proprietários das instituições de educação de infância, o que acentua a falta de uma definição mais precisa de normas reguladoras e de um maior controle por parte do Ministério, que como é reafirmado pela Diretora Norberta Mendonça na entrevista, quando diz que *“O Ministério tem função de supervisão...”* situação que implica uma enorme diversidade no funcionamento e características das práticas educativas.

A fala da assessora do Ministro da Educação acrescenta que : *“... a oferta do privado sobrepõe ao público. E por ser pago, as vagas são limitadas”*.

¹²⁴ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 33 .

¹²⁵ Relatório da Missão realizada de 17 a 24 de junho de 1998, julho: 1998.

¹²⁶ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998 : 33.

¹²⁷ Relatório da Missão realizada de 17 a 24 de junho, julho: 1998.

Financeiramente os jardins se sustentam, em parte, com as cotas e ou mensalidades pagas pelos alunos, que variam consoante a natureza dos jardins e da condição financeira das famílias e em parte pelos subsídios que recebem das organizações não governamentais.

Nas instituições privadas, de acordo com as palavras da assessora do Ministro da educação "... a maioria cobra 1000\$00...". As da Câmara Municipal, de acordo com a coordenadora, as famílias colaboram "...com uma cota mínima de 50\$00 e máxima de 300\$00..." No jardim do ICS de São Filipe, como aparece apontado no depoimento da diretora do jardim "Flores de São Filipe" *"Todas as crianças pagam uma cota de acordo com a possibilidade de cada família. Os professores visitam as famílias e conhecem as necessidades de cada uma... Realizam-se festas para angariação de fundos: Musicas cabo-verdianas, jantares, promoção de convívio com os pais e outras instituições. Os pais colaboram com compra de material, 150\$00. Tem apoio da Câmara municipal"*. Nos jardins paroquiais dos padres capuchinhos uma das professoras, quando entrevistada informa que *"As crianças pagam uma cota de 150\$00 ou então 100\$00..."* Nos jardins ao cuidado de entidades religiosas como é o caso do jardim adventista visitado na cidade de S. Filipe *"A mensalidade das crianças não é fixa para todas. Pagam segundo possibilidade de cada pai: umas 320\$0, 400\$00, 500\$00"*. No jardim da Cruz Vermelha a diretora e presidente informa que *"Cota de 100 a 1.100\$00. 50% paga 100\$00; 38% 200\$00 a 500\$00; 12% 1.100\$00; de acordo com o vencimento dos pais. Os salários são pagos pelo conselho executivo da Cruz Vermelha. A cota para a alimentação, produtos de higiene. 32 crianças são apadrinhadas pela Dinamarca. A Holanda financiou a construção do primeiro piso, a câmara municipal de Ribeira Grande a parte de baixo. E recebem apoio da Bornefonden"*. O jardim do ICS, o Ninho, na vila do Porto Novo, Sto. Antão, diz a diretora que *"Crianças pagam de 300 a 1.000\$00. 56 crianças recebem bolsa de Bornefonden pagam metade da cota 250\$00. Ajuda a câmara, 25.000 ICS construiu o espaço agora dá o subsídio 50 a 80 mil. Crianças pagam de 300 a 1.000\$00. 56 crianças recebem bolsa de Bornefonden pagam metade da cota 250\$00. Ajuda a câmara, 25.000 ICS construiu o espaço agora dá o subsídio 50 a 80 mil"*.

Como se pode ver a forma de financiamento das instituições varia de instituição para instituição de acordo com as entidades responsáveis e com as condições sociais específicas de cada localidade.

Na entrevista com os delegados de ensino do concelho de Ribeira Grande e de Paúl, este último afirmou que *"...muitas são as crianças que não tem condições tanto dinheiro como espaço para frequentar o jardim. Existem lugares que não tem jardim e existem pais que não dispõem do montante para pagar a cota."* Ele acredita que *"Se o ministério foge do pré-escolar é por causa da questão financeira"*. O outro alega que a *"Má administração dos intervenientes na educação do 0-6 anos. Falta sentar para administrar tudo o que se tem. Tem um dinheiro mal organizado!"*

De acordo com este último testemunho, na ilha de Sto. Antão existem entidades que financiam a Educação Pré-Escolar. Porém o mesmo não se verifica por todo o arquipélago. Isso é demonstrado com transparência no depoimento da Diretora do jardim Sorriso, quando afirma: *Nós é que trabalhamos para o pré-escolar não descer por água a baixo. Somos uma classe militadora: Já ficamos quase um ano sem vencimento, nunca faltamos ao trabalho..."*

O público alvo

*"Jardins, oficialmente atendem crianças dos 3 aos 6 anos de idade. A autorização dada pelo Ministério de educação compreende essa faixa etária, porém todos os jardins recebem crianças com meses."*¹²⁸

A clientela varia de acordo com os jardins: os públicos atendem crianças de 4 a 6 anos de idade, provenientes de famílias com baixo rendimento econômico; os municipais associativos e religiosos têm crianças a partir dos 2 anos e na maioria provenientes de famílias menos favorecidas; os privados recebem crianças a partir dos 18 meses e de famílias de maior rendimento econômico.

¹²⁸ Maria Teresa Araújo, entrevista no jardim Piquinoti, descrita em anexo.

A Diretora Norberta Mendonça na entrevista falando do atendimento reservado às crianças de 4 a 6 anos de idade, diz o seguinte: *"São autorizadas para atenderem crianças dos 3 aos 6 anos de idade. Mas frequentam crianças de 4 a 6 anos. Pois a lei obriga-as a frequentarem."* A técnica Maria Jesus reforça a idéia do atendimento dos 4 a 6 anos e anuncia a frequência de crianças com idade inferior a um ano nos jardins quando diz: *"Tem crianças, menores de três anos vindo de casa para o jardim. Tem demanda, mas não tem jardim para acudir a tamanha demanda. Tem, também, crianças voltando para casa e esperando a idade dos 4 anos para poder entrar no jardim. Pois dá-se preferência crianças nessa faixa etária, são as primeiras da fila."*

Assessora do Ministro, quando questionada a respeito da entrada de crianças, com menos de 1 ano de idade, nos jardins, sem a devida autorização do Ministro justifica a presença desta clientela dizendo: *"... crianças pequenas vão ao jardim porque as famílias pedem."*

A infra-estrutura

*"A exiguidade dos espaços, a quase inexistência de materiais educativos, a grande valorização da utilização de mesas em detrimento da utilização de outros equipamentos, índices que complementarmente às visitas realizadas nos fizeram avaliar que as crianças prevalecem longas horas sentadas, quase inativas sem espaço para o desenvolvimento de atividades de livre iniciativa."*¹²⁹



Jd. da Câmara Municipal de Paúl Sto. Antão

As visitas realizadas de 15 a 30 de janeiro de 1999 a instituições pré-escolares de 5 ilhas permitem afirmar que a situação é bastante diversa, encontrando-se infra-estruturas próprias e adequadas, assim como as inadequadas. Os jardins do ICS, Cruz Vermelha possuem edifício próprio, cujas salas têm dimensões razoável. No caso dos organismos não governamentais e municipais, os jardins tanto funcionam em edifícios

¹²⁹ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998:20.

próprios e adequados como em casa alugadas ou cedidas que não dispõem de condições (divisórias, dimensões, ventilação luminosidade, espaço aberto ou pátio). Os jardins privados funcionam em edifícios habitacionais que, como tal, não oferecem as condições exigidas.

A Diretora Norberta quanto às infra-estrutura é da seguinte opinião: *"...Outros lugares possuem estabelecimentos, porém não estão estruturalmente preparados. ... com um espaço físico reduzido para trabalhar. E a maioria deles estão a cargo das câmaras municipais".* A representante do projeto alemão reforça esta observação quando diz: *"Temos jardins sem o mínimo de condições físicas, estruturais para receberem as crianças ..."*

A descrição dos espaços referentes a cada um dos jardins visitados que aparecem em anexo mostram um pouco mais esse baixo nível das condições de infra-estrutura, referido por essas pessoas. Estas condições, comprometem a qualidade de atendimento das instituições, fazendo com que perguntas como *"... Não será melhor elas ficarem em casa? ..."*, feita pela representante do projeto alemão à pesquisadora brasileira, durante a palestra realizada no dia 22.01.99, sejam uma constante nos das famílias, no momento de colocar os seus filhos nos jardins. E nesse contexto, como diz a assessora do Ministro da Educação *"80 % das mães põe o menino na creche devido a lei. Todo mundo mete o menino no jardim ... metemos o menino no jardim porque é um lugar onde ele vai aprender a viver com os outros para socializar ... Ridiculamente, pois o governo não apoia ... mães são obrigadas no meio rural e são duplamente penalizadas... a obrigatoriedade é algo de incoerente, pois o governo não oferece jardins para as crianças do interior."*

Esta incoerência aparece também na fala da técnica Maria Teresa Araújo, no dia 18.01.99 aquando da visita ao jardim privado "Piquinoti" quando diz: *"A educação pré-escolar é o ponto de partida para um percurso de sucesso em educação . A sua frequência tem reflexo positivos na vida futura do cidadão. Não tem vagas para todos na pré-escola. Este é uma contradição no sistema que a sua promoção se contradiz pois não oferece vagas para todos".* Ela também se refere à penalização das crianças do meio rural com os seguintes termos: *"Esse grupo de crianças do interior das ilhas não tem jardim nas localidades"*

O mobiliário, material ludo-pedagógico

Freqüentemente, o mobiliário não é adequado encontrando-se por vezes, em estado muito degradado. De uma forma geral, os jardins possuem um leque muito reduzido de material didático-pedagógico (jogos e literatura infantil), com exceção dos privados.



Sala de atividade, Jd. Piquinoti - Santiago

"Ao escasso espaço disponível nas salas de actividades para as crianças, sobretudo tendo em conta o ratio elevado educador/criança, junta-se a insuficiência ou total ausência de material para as crianças se desenvolverem e aprenderem"¹³⁰. O equipamento existente reduz-se praticamente a um elevado número de mesas e cadeiras que no pequeno espaço, condicionado as crianças a ficarem sentadas durante largas horas,



Sala de atividade do jd. da Câmara Municipal de Paúl - Sto António

praticamente inativas, o que é desaconselháveis tendo péssimas conseqüências no desenvolvimento e socialização das crianças, alimentando a desmotivação em relação à sua futura escolarização.

A descrição das salas de atividades dos dois jardins da Câmara Municipal dos Mosteiros, que aparece em anexo, no diário de campo demonstra a escassez de material existente e o grande numero de mesas no interior das salas. No segundo jardim visitado na vila dos mosteiros, por exemplo, dado ao reduzido espaço da única sala de atividade do jardim, a professora arruma as cadeiras em forma de U para ter as crianças sentadas a prestar atenção na explicação que ela

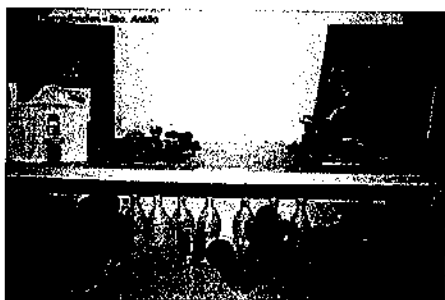
¹³⁰ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 34.

dá a respeito das atividades a serem realizadas. Quando é chegado o momento da realização da atividade, no caso do desenho, enquanto as crianças saem da sala para lavarem a mão, ela desempilha as 4 mesas e arruma-as duas a duas, formando dois grupos de trabalho, e distribui as cadeiras pelas laterais. As crianças entram depois de enxugarem as mãos e terminado o desenho, a professora volta a empilhar as mesas e retoma o roteiro das atividades do dia com crianças sentadas em U ao seu redor.

Pode-se dizer que estas condições exíguas favorecem a pratica da “pedagogia da espera”¹³¹. As visitas descritas no anexo 3, mostram como isso se dá na pratica, por exemplo, todos fazem a mesma atividade ao comando da professora. O dia que a professora de uma das salas de atividades da Vila de Mosteiro apresenta o avião para as crianças, é passado um avião de mão em mão, e assim se dá



Jd. Bornefonden - Sto Antão



Jd. Bornefonden - Sto Antão

o conhecimento físico do objeto. A criança espera até que chegara sua vez para pegar no avião e “agir” sobre ele, num processo de “assimilação” e “acomodação”, fazendo júz à interpretação feita pela professora dos estudos piagetianos que aprendeu no curso e que mostram que as crianças desenvolvem e conhecem os objetos na medida que agem sobre elas.

¹³¹ Pedagogia da Espera, é aqui entendido como toda a pratica educativa cujo quadro apresenta crianças imóveis, esperando sua vez para fazer algo. Ou então crianças sem ação à mercê do desenrolar da rotina de cada dia preestabelecido pela professora.

Condições de saúde e de higiene

*“A limpeza das instalações frequentadas por um elevado número de crianças não é salvaguardada.”*¹³² Em algumas instituições visitadas, verificou-se a ausência de instalações sanitárias adequadas, como é o caso dos jardins do Mosteiros na ilha do Fogo, descrito no anexo, o que leva, em alguns casos a soluções que põem em perigo a saúde das crianças. Em uma das instituições observou-se uma criança que na falta de sanitários acabou por urinar num lugar onde o lixo é acumulado. Agravando esta constatação, algumas das instituições que foram visitadas são edificações muito fechadas e pouco ventiladas.



Na sua maioria inexitem serviços de apoio para a alimentação das crianças, ou quando existem muitos não funcionam. Esse aspecto aparece na fala da coordenadora do pré dos jardins da Câmara Municipal da Praia, foram essas as suas palavras, aparecem em anexo no particular dos jardins da Câmara Municipal do dia 22.01.99: *“As crianças levam o lanche devido a falta de pessoas apropriadas para confecção dos mesmos”*. Este aspecto surge como problema sobretudo se se considerar as grandes deficiências ao nível alimentar que existem no país ¹³³e a retirada do campo de entidades como a Unicef, que segundo a técnica Maria de Jesus *“Desde 1987 a Unicef não apoia o ensino pré-escolar o que tem prejudicado um pouco atendimento e a cobertura nesses últimos anos”*.

¹³² CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 34.

Recursos humanos : classificação

*A falta de formação do pessoal que trabalha com as "crianças é uma das grandes lacunas que caracterizam a atual realidade da educação pré-escolar em Cabo Verde."*¹³⁴

Testemunhos de diversos profissionais recolhidos durante o período de visita às instituições e entrevistas, deixam claro o fraco nível de formação dos que trabalham diretamente com crianças nas salas de atividades.

O primeiro que ouvimos foi da diretora do jardim Sorriso, formada pelos cursos ministrados e organizados pelo ICS e pelo Ministério da Educação, mencionados no tópico anterior a este, ao longo dos seus 19 anos de experiência com crianças na primeira infância. Foram essas as suas palavras: *"As monitoras tem a Sexta serie de formação académica, 3 anos e mais seis meses para o Pré-Escolar. Todas elas participam de seminários de reciclagem durante o exercício. Pelos anos, enquanto trabalham estudam e tem elevado o nível de escolaridade."*

A técnica Maria Teresa Araújo deixou-nos saber que *"Não existe carreira para nós os profissionais do pré. Tudo o que existe são monitoras diplomadas, e educadoras com formação superior na área, ocupando o lugar de técnicas da educação infantil no ministério de educação"*.

O numero de profissionais de educadores de infância devidamente habilitados é extremamente reduzido, praticamente restringindo -se às técnicas que trabalham no Ministério e a alguns dos futuros coordenadores concelhios. Estes educadoras, foram formadas em diversos países, nomeadamente : Cuba, Portugal e ex-União Soviética. A técnica Maria Teresa Araújo informa que *"Aqui importamos muita coisa de Portugal. Alguns técnicas deram formação para as nossas monitoras..."*. A técnica Maria de Jesus nos diz que *"Aqui não tem uma organização que ocupa da creche. O ministério de educação só apoia o pré. A Itália já vem dando um apoio na formação de educadores. No Fogo já veio gente, da Itália para formar monitoras nos jardins capuchinhos."*

Os recursos humanos são classificados em :

¹³³ Relatório da Missão de 17 a 24 de junho de 1996, julho: 1998.

- Orientadores - sem formação profissional e com a 4ª classe;
- Monitores - com curso de monitor de infância de 2º ano do ex-EBC (6ª classe).
- Educadoras - com curso no exterior (Cuba e Portugal).
- Psicopedagogas - Licenciadas em pré-escolar: Maria Teresa Araújo - Licenciada em Psicopedagogia, na ex-União Soviética; Eleanora Monteiro - Curso de Educadora de Infância, Escola do Magistério Primário de Lisboa; Maria Jesus Ribeiro - Licenciada em Psicopedagogia, na ex-União Soviética e Oriza Pimenta - Curso de Educadora de Infância da Delegação de S. Vicente (essas pessoas compõe o grupo das técnicas que trabalham no Ministério da Educação no setor pré-escolar).¹³⁵

“...temos monitoras com apenas a quarta classe...” esta frase da diretora Norberta Mendonça é bem verdade, pois a grande maioria do pessoal dos jardins é habilitada com a 4ª classe ou 2º ano do Ciclo Preparatório (6ª classe) e com uma fraca formação profissional, principalmente os orientadores. Esta idéia é retomada por uma das participantes da conferência do dia 22.01.99, ao expor um dos problemas que a Educação Pré-Escolar enfrenta, dizendo o seguinte a respeito do perfil das orientadoras *“...sem formação, trabalham sem nunca terem tido uma noção pedagógica, teórica, da pratica . Por vezes nem boa vontade existe nelas. O provisório ficou definitivo e se economiza salário, isso no mundo todo acontece... Orientadora , são as que não tem formação, gente com o sexto ano de escolaridade. É uma forma de ganhar dinheiro. Algumas tem apenas o quarto ano de escolaridade”*

A formação de monitoras de infância teve o seu início em, 1976 com o 1º Curso, de duração de 1 ano; em 1977 e 1980, foram realizados, respectivamente, o 2º e o 3º Cursos, cada um com uma duração de dois anos. O resultado desses 3 cursos foi a capacitação de 56 monitores de infância, que atualmente, na sua maioria, são as

¹³⁴ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998:26.

¹³⁵ CARDONA, M. J. e LENADRO, M. E., 1998: 26-27.

promotoras dos jardins privados. Estes cursos deixaram entretanto de funcionar, e atualmente um grande número das orientadoras que trabalham com as crianças não têm formação específica (exceção de algumas ações de formação pontuais) sendo muito reduzidas as suas habilitações.

Relativo à formação e estatuto profissional do pessoal que trabalha na educação pré-escolar, o relatório diz o seguinte a respeito das monitoras e orientadoras:

*"Existe uma deficiente preparação dos recursos humanos disponíveis que trabalham com as crianças. São visíveis as dificuldades das orientadoras em realizarem actividades para as crianças. Em muitos casos estas, limitam-se a estar todo o tempo sentadas e desocupadas com graves repercussões para o desenvolvimento pessoal e para o seu sucesso escolar."*¹³⁶

Essa dificuldade também aparece na fala da coordenadora dos jardins da Câmara Municipal da Praia, quando afirma: *"...As monitoras que trabalham nos jardins tem um baixo nível de escolaridade, a ponto de ser necessário a simplificação da linguagem dos cadernos e programas de trabalho que são elaborados semanalmente com o auxílio da coordenadora ...fico mais tempo com aquelas que a formação académica é insuficiente para trabalhar com as crianças e pôr em pratica o programa ... Quando lá vou , fico professora."* As habilidades académicas são reduzidas, algumas têm um domínio muito deficiente da Língua Portuguesa, o que implica, que contrariamente ao pretendido, o aprendizado do português não seja iniciado nas instituições de educação pré-escolar.

Quanto ao nível do conhecimento e tratamento dado à língua a assessora do ministro afirmou o seguinte: *"...As diretoras dos jardins não são pessoas formadas, com tal perfil não se pode preocupar em questionar o ensino da língua..."* Continuando o seu testemunho sobre esses assunto diz: *"A língua portuguesa na escola, foi assumida, pela resolução dos ministros em Março de 98 . O governo assumiu políticas que vão legalizar o ensino da língua portuguesa com metodologia de segunda língua. A reforma de 98 já o assume e aponta o princípio que o português é a segunda língua e como tal deve ser ensinada. Português já é assumido como segunda língua. Mudasse a forma de se ensinar o português o bom seria ter especialistas que nos avaliam e dirigem . É a melhor metodologia"*

Mais ainda afirmam que as remunerações salariais são precárias ou mesmo, em alguns casos inexistentes. Também não existem contrapartidas para a formação, nem possibilidades de aceder a uma carreira profissional.¹³⁷

Neste momento, estão no terreno cerca de 500 monitoras e orientadores. Os serviços centrais contam, neste momento, com o apoio de algumas educadoras de infância e psicopedagogas, em número reduzido, cerca de 10, das quais 3 estão no MECC, ocupando o lugar de técnicos do pré-escolar, exercendo o papel de coordenadoras, supervisoras, e formadoras.

Formação inicial de futuros educadores de Infância

Já está em curso no Instituto Pedagógico do Mindelo, o cursos de formação inicial para educadores de infância, com a duração de 3 anos e com critérios de admissão semelhantes aos exigidos para a formação dos professores do primeiro ciclo do ensino básico (2 ciclo do ensino secundário).

Uma das diretoras de um dos jardins privados, que tomou parte da conferência do dia 22.01.99 que vem sido mencionado, referindo-se às monitoras formadas por este curso de 3 anos, faz a seguinte afirmação: “..são elas que tem enquadramento no Ministério da Educação...”

As autoras do relatório do mês de junho de 98 acreditam que *“este plano de formação considerado muito desejável, tendo em conta a actual realidade do país parece-nos demasiado ambicioso, adiando durante demasiado tempo (3 anos) o início da resolução de um problema tão urgente como é o da falta de formação do pessoal que trabalha nas instituições de educação pré-escolar”*¹³⁸.

As descrições dos dois períodos de observação nas salas de atividades dos jardins da Câmara Municipal dos Mosteiros testemunham um pouco a respeito da formação das monitoras.

¹³⁶ CARDONA, M. J. e LENADRO, M. E , 1998: 35.

¹³⁷ Relatório da Missão de 17 a 24 de junho de 1998, julho: 1998.

¹³⁸ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. J., 1998: 27.

Orientações curriculares

De acordo com a Lei Orgânica de 1997 do M.E.C.C. compete à equipe da Direcção do Ensino Pré-Escolar e Básico, entre outras funções: *“Elaborar normas e directrizes referentes ao currículo do ensino pré-escolar e básico (...); Dar orientação pedagógica para a elaboração dos programas do ensino pré-escolar e básico”*.

Durante as jornadas “Pensar para melhor dinamizar o Pré-Escolar” realizado em Fevereiro de 98, entre outras questões foi discutido a necessidade de rever o Programa Nacional publicado em 1996, por se ter encontrado elementos problemáticos dignos de modificação. Estes relacionam-se com questões de ordem funcional, pois a grande maioria do pessoal que atende as crianças não tem qualquer formação para o cargo, o que torna necessário a existência de um documento norteador mais adaptado às características e possibilidades existentes.

“Relativamente à aprendizagem do Português como segunda língua, na educação pré-escolar,... observamos que algumas das orientadoras dominam muito mal a língua Portuguesa. Se calhar deve começar por sugerir com critério para seleção do pessoal que trabalha com as crianças, um domínio mínimo do português.”¹³⁹

Alargamento da rede institucional

A rede tem-se alargado, em consequência do Art. 72 da atual L.B.S.E, que define a frequência da Educação Pré-Escolar que condiciona o acesso ao ensino básico, obrigatório para as crianças com 7 anos ou em alternativa acessível para as crianças com 6 anos que tenham frequentado durante dois anos estabelecimentos que não obedecem a critérios mínimos de qualidade.¹⁴⁰ *“Situação que se torna*

¹³⁹ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 23.

¹⁴⁰ D.E.B.S. , Maio: 1998.

*ainda mais problemática se considerarmos que o Ministério da Educação não tem condições para um efetivo controle da rede institucional.*¹⁴¹

A existência de uma rede de educação pré-escolar mais abrangente, é de extrema importância. Isto não só por esta garantir que as crianças estejam seguras e cuidadas enquanto as mães trabalham, mas também devido aos objetivos educativos fundamentais que a caracterizam, proporcionando o desenvolvimento pessoal e social das crianças, tanto as do meio urbano como as do meio rural, promovendo uma maior igualdade de oportunidades em termos do seu futuro sucesso escolar e educativo. No entanto enquanto não se conseguir uma melhoria das instituições já existentes e um maior número de profissionais com formação adequada, é contraproducente que sejam criadas novas instituições.

Diferentes parceiros: pais, comunidade e outros

No dizer da coordenadora dos jardins da Câmara Municipal da Praia, a comunidade está satisfeita com o atendimento dado. Ela afirma que: *“O povo Gosto”*. No entanto o trabalho com os pais e com a comunidade é caracterizado no relatório julho de 98 como *“uma prática pouco frequente”*, contrariamente ao que é definido pela legislação em vigor.

Em algumas instituições, foi possível observar que existem duas dinâmicas muito positivas. Uma delas é a contribuição prestada pelo pagamento das mensalidades através de trabalho ou gêneros, outra é o sistema de madrinhas e padrinhos, beneméritos das instituições, praticado muito na ilha de Sto. Antão, que prestam formas de contribuição ou colaboração úteis sob o ponto de vista material e educativo.

A única vez que o envolvimento da comunidade é mencionado, foi na fala da diretora do jardim “Flores de S. Filipe”, enquanto ela narrava as atividades realizadas pelo jardim s fim de

¹⁴¹ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E., 1998: 34.

¹⁴¹ CARDONA, M. J. e LEANDRO, M. E. 1998: 36.

aumentar a receita da instituição, promovendo convívios, jantares, gincanas para os quais a comunidade é convidada a participar e apoiar na realização.

Diz as autoras do relatório de julho, citado anteriormente, que *“a falta de uma maior implementação deste trabalho de articulação, tem como consequência uma falta de sensibilidade dos pais e um fraco envolvimento destes no processo educativo dos filhos.”*¹⁴²

Este parecer recebe mais vida com a colocação da representante do projeto alemão na conferência a respeito da participação dos pais nos jardins infantis. Foram essas as suas palavras: *“...O divórcio entre o jardim e a comunidade ... A mentalidade colonial nos deixou a idéia que os pais só vão à escola quando o filho tem algum problema...”* Existe também um discurso a respeito desse “divórcio” que mostra, em certa medida, o pouco interesse dos pais em colaborar financeiramente com a Educação dos seus filhos. Esse discurso apareceu nas palavras do delegado de ensino do Concelho de Paúl quando disse: *“Pais habituados a não dar nada e quando são convidados a colaborar se negam, o que tem feito os financiadores da Bornefonden retirarem-se do campo”*.

As formas de relação e articulação com as escolas do ensino básico, equipas de saúde, associações recreativas, autarquias etc., é também um potencial pouco dinamizado.

Principais constrangimentos

Pelo acima exposto, nota-se o quão deficiente é o atendimento das crianças pré-escolares, não havendo garantia dos objetivos pedagógicos devido a limitações várias, a saber:

- Fraca capacitação profissional;
- Reduzido número de pessoal qualificado;
- Inexistência de normas de funcionamento;
- Degradação de mobiliário;
- Carência de materiais ludo-pedagógicos.

Os jardins visitados



Crianças cabo-verdianas de 3 a 6 anos tem acesso à Educação Pré-Escolar em estabelecimentos denominados por *Jardim Infantil*.

A Educação Pré-Escolar é um dos subsistemas do ensino cabo-verdiano e tem o Ministério da Educação como o tutor pedagógico. Querendo conhecer o atendimento dado por esse subsistema de ensino, o primeiro contato foi estabelecido com a Coordenação Nacional da Educação Pré-Escolar, no Ministério da Educação, cidade da Praia, capital de Cabo Verde.

Os jardins em Cabo Verde são classificados de acordo com a natureza das entidades (responsáveis) envolvidos, no que diz respeito à tutela financeira e administrativa. Assim, de acordo com a entidade de tutela classificam-se em: Públicos, todos aqueles que pertencem a organismos não governamentais como o ICS¹⁴³ OMVC¹⁴⁴, atendem uma clientela mais carente cujos pais não possuem condições financeiras para participar com cotas mensais; Municipais, os pertencentes às Câmaras Municipais de cada Concelho¹⁴⁵ administrativo; Religiosos: os jardins paroquiais e os da caritas ao cuidado da igreja católica e os da igreja Adventistas; e Privados, todos aqueles que pertencem a entidades com fins lucrativos.

Na primeira visita ao Ministério de Educação foi apresentado o propósito do trabalho que pretendi desenvolver, que foi o de conhecer o atendimento educacional dado às crianças cabo-verdianas em idade pré-escolar. Com essa apresentação e o conhecimento do limite de tempo para o trabalho de campo, esquematizou-se a rotina dos dias reservados para as visitas às instituições.

¹⁴³ Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade.

¹⁴⁴ Organização das Mulheres de Cabo Verde.

¹⁴⁵ Ao longo deste trabalho será utilizada a nomenclatura "Concelho", tal como é usada em Cabo Verde, ou seja para referir às estruturas administrativas e municipais.

Juntamente com as técnicas escolheu-se os jardins a serem visitados, fez-se contatos prévios necessários, com as instituições e os responsáveis nas diferentes ilhas, de modo que todos as diretoras e coordenadoras locais que nos receberam já sabiam de ante mão da visita. Escolheu-se também as ilhas a serem conhecidas.

Na escolha dos jardins tomou-se o cuidado de conhecer cada uma das realidades que caracterizam a rede institucional pré-escolar. A escolha dos jardins foi feita pelas pessoas que melhor condições possuem para fazer uma amostra da realidade da rede institucional¹⁴⁶ de Cabo Verde. Na cidade da Praia foi a técnica, do Ministério da Educação, que acompanhou as visitas na cidade da Praia, quem fez a escolha dos jardins.

Nos Mosteiros, ilha do Fogo, escolheu-se, em parte, os jardins a serem conhecidos, pois foram formadas duplas para as visitas de supervisão, orientação e acompanhamento dos jardins, realizado periodicamente por uma técnica do ministério da educação e uma representante do projeto alemão. Em S. Filipe, ilha do Fogo, a escolha foi feita pela a diretora do jardim do ICS.

Em S. Vicente contamos com a colaboração da coordenadora do pré-escolar. Em Sto. Antão as respectivas coordenadoras de cada concelho e a diretora do jardim Ninho, nos auxiliaram e acompanharam durante as visitas.

As ilhas visitadas foram escolhidas entre aquelas de maior importância e maior desenvolvimento, não só a nível da educação pré-escolar, mas também no contexto sócio-econômico do país na qualidade de principais centros urbanos e econômico. A saber, cidade da Praia na ilha de Santiago, cidade do Mindelo na ilha de S. Vicente, e cidade de S. Filipe ilha do Fogo, ilha do Sto. Antão e ilha do Sal.

O tempo gasto em cada visita foi em média de 2 horas. Havendo lugares que a visita se estendeu por todo o período de atendimento e outros que não levaram mais do que 1 hora.

¹⁴⁶ Rede Institucional: é aqui entendido como o conjunto dos jardins infantis (333) existentes no país.

Durante as visitas estiveram sempre presentes duas pesquisadoras: Prof. Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria, docente da Unicamp em visita de estudo em Cabo Verde e Djanira Silva, concluinte do curso de pedagogia. E de acordo com o lugar, a participação de outras personalidades variou. Nas visitas aos jardins da cidade da Praia, a técnica Maria Teresa Araújo do Ministério da Educação se fez sempre presente, e as respectivas diretoras e professoras dos jardins visitados também participaram. Aqui, ainda estivemos em contato com a assessora do ministro da educação e com a diretora do departamento de direção do ensino básico e pré-escolar integrado, e uma conversa com o diretor e professora¹⁴⁷ do IP.

Na ilha do Fogo, concelho dos Mosteiros, acompanhou-se a técnica do Ministério, Maria de Jesus, e a representante do projeto alemão, nas visitas de supervisão e orientação aos jardins da câmara. No concelho de S. Filipe a diretora do Jardim do ICS, Flores de São Filipe, se fez presente nas visitas aos jardins.

Na ilha de S. Vicente tivemos a presença da Coordenadora da pré-escolar da Delegacia de Ensino da cidade de Mindelo. E alguns professores, juntamente com a coordenadora e a diretora do Instituto Pedagógico proporcionaram-nos um final de tarde de conversa informal.

Em Sto. Antão, no concelho de Ribeira Grande a coordenadora da pré-escola acompanhou as visitas, a coordenadora do concelho de Paúl se juntou à equipe aquando da visita ao concelho de Paúl. Na Ribeira Grande, um pouco antes de sairmos para as primeiras visitas, o delegado de ensino do Paúl e de Ribeira Grande, a Diretora do jardim o Ninho e as duas coordenadoras reservaram-nos um tempo de conversa no gabinete o delegado de Ribeira Grande.

Nas visitas procurou-se coletar dados referentes à constituição física dos estabelecimentos, à formação dos

¹⁴⁷ Tanto o diretor e como a professora tem o curso superior completados Brasil, o primeiro pela Universidade Estadual de Campinas e a segunda pela Universidade

profissionais, à história do estabelecimento, às crianças que freqüentam, aos critérios de seleção, à organização do jardim, à dinâmica do interior da sala de atividades, à clientela recebida, ao atendimento dado às crianças, ao horário de funcionamento, e à participação dos pais.

Todas as pessoas que participaram das visitas e conversas foram entrevistadas. A entrevista não seguiu um formulário fixo, mas foi orientado pelo objetivo deste trabalho, e pelos dados a serem coletados.

As primeiras visitas tiveram como palco a ilha de Santiago onde foram visitadas 4 jardins (sendo 1 da Cruz Vermelha, 1 do ICS, 1 privado, 1 da caritas) da cidade da Praia num total de 53 jardins. Seguimos para a Ilha vizinha do Fogo, onde conhecemos 5 jardins de um universo de 7 jardins quais 2 são da Câmara Municipal dos Mosteiros; 1 do ICS, 1 da igreja adventista e 1 dos padres capuchinhos, do concelho de S. Filipe, num universo de 23 jardins.

A ilha de S. Vicente foi a próxima paragem. Na cidade de Mindelo, no dia da chegada, não houve visitas, mas sim uma conversa com a coordenadora de ensino pré-escola, já mencionada, com a diretora, coordenadora, professores e alunas do primeiro curso de formação de profissionais para o setor pré-escolar do Instituto Pedagógico (I.P.), e com os representantes dos jardins da cidade, numa conferencia realizada pela educadora e pesquisadora brasileira.

Logo após a conferencia seguimos a viagem para a ilha de Sto. Antão, onde fomos recepcionadas pela coordenadora da Educação Pré-Escolar do Concelho de Ribeira Grande. Aqui visitamos 1 jardim da organização Bornfonden e 1 da Cruz Vermelha; no concelho de Paul, visitamos 2 jardins do Bornefonden, num universo de 23 jardins, incluído os dois concelhos; e 1 no concelho do Porto Novo do ICS, num universo de 11 jardins.

De regresso à cidade do Mindelo conhecemos 3 dos jardins da ilha de S. Vicente, num universo de 24 jardins. Um do ICS, 1 privado e 1 da comunidade.

Partimos de S. Vicente rumo à ilha do Sal. Nesta ilha, fomos recebidas por uma monitora, com a qual conversamos por algumas horas, enquanto eu aguardava o avião para a ilha de Santiago. Segui para a cidade da Praia e a pesquisadora Ana Lúcia Goulart de Faria permaneceu na ilha para completar o calendário das visitas, acompanhada da monitora do jardim do ICS em Santa Maria.

Deste parágrafo em diante passo a descrever o espaço físico, o atendimento dado, os profissionais que trabalham em alguns dos jardins visitados.

Jardim Sorriso



Jardim SORRISO, é um dos muitos jardins que estão sob a responsabilidade do Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade (ICS), entidade publica.

Inicialmente o jardim tinha um caracter social e paulatinamente componentes pedagógicos foram sendo introduzidos para o melhor atendimento das crianças. O jardim acredita e aposta na capacidade das crianças pobres. Acredita que : *“Educar implica colocar um especialista capaz de botar para fora as condições físicas, intelectuais e morais de todos os seres humanos, de todas as crianças, ricas ou pobres, brancas ou negras”*. (fala da diretora do jardim).

O primeiro contato com o jardim foi feito pela técnica do Ministério de educação combinado o dia para a visita. Que se deu numa tarde durante a qual conheceu-se o jardim e entrevistou-se a diretora. Esta profissional tem formação de monitora pelos diversos cursos ministrados na cidade da Praia pelo ministério de educação e

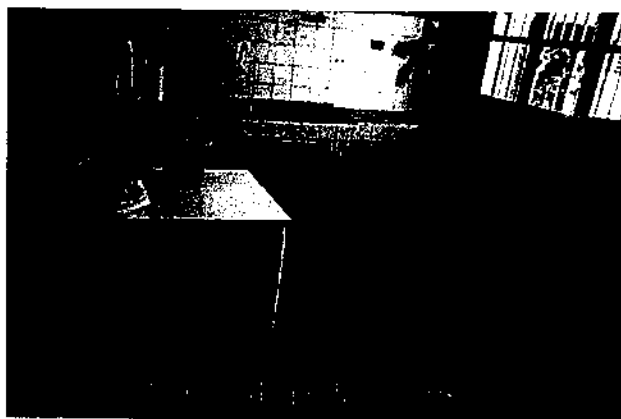
pelo ICS. Trabalha a 19 anos com crianças em idade pré-escolar.

O do jardim foi construído especificamente para atender crianças em idade pré-escolar (de quatro a seis anos, que é a obrigatoriedade, ainda que com frequência facultativa, em Cabo Verde).

Na única visita realizada à esta instituição, foi possível coletar informações a respeito do jardim, que caracterizam o seu espaço físico, os profissionais do jardim e o atendimento dado.

O espaço físico

O jardim dispõe de cinco salas; dois banheiros: um para meninos e outro para meninas; uma cozinha; um pátio cimentado e



dois tanques de areia. O mobiliário reservado para cada sala de atividade é composto por cadeiras (uma por criança), mesas retangulares que agrupam 4 crianças, estantes com material ludo-pedagógico, quadro

negro. A luminosidade das salas é fraca, apesar das janelas compridas

O atendimento

O atendimento das crianças se dá em dois períodos: de manhã, das 8-12:00, e à tarde das 14-17:00. O número de crianças que freqüentam o jardim na parte da manhã é superior ao da tarde, havendo necessidade de manter apenas de uma sala de atividade em funcionamento neste período. Sendo que algumas das crianças que freqüentam o jardim das 14-17:00 são matriculados também no período de manhã, elas apenas retornam à casa para lá almoçarem e depois voltarem a estar no jardim.

As salas de atividade tem em média 30 crianças, de ambos os sexos. Ficam sob a responsabilidade de uma monitora. Muitas vezes é essa mesma monitora que acompanha as crianças tanto na parte da tarde como na parte de manhã.

O jardim Sorriso, acreditando que é dever dos professores fazer com que as crianças *“botar para fora as condições físicas, intelectuais e morais de todos os seres humanos...”* vem a ausência de rodízio de professores o melhor modo de alcançar tal objetivo. Assim a mesma monitora acompanha a criança desde do seu primeiro dia no jardim até o ultimo dia.

Segundo a diretora do jardim a *“Educação dos 0 aos 6 anos é um investimento a longo prazo, pelo que é misturado menino e menina, negro e branco, rico e pobre”* . Ou seja as turmas são mistas. quanto ao gênero e à etnia.

Os profissionais

Segundo a diretora do jardim as *“monitoras, tem a sexta serie formação acadêmica, 3 anos e mais seis meses de formação para pré-escolar. Todas elas participam de seminários de reciclagem durante o exercício. Pelos anos, enquanto trabalham estudam e tem elevado o nível de escolaridade.”*

O salário é financiado em parte pela cota mensal dos alunos, que varia com a condição financeira dos seus familiares, e pelo ICS.

Observações finais

Nos jardins de Cabo Verde encontram-se muitas características dos jardins portugueses. A técnica do ministério da Educação, diz o seguinte a esse respeito, durante a entrevista à diretora do jardim *“Aqui importamos muita coisa de Portugal. Alguns técnicas deram formação para as nossas monitoras...”*

É bom conhecer as experiências de outras culturas, outras nações, porém é sempre melhor criar e valorizar as tudo o que caracteriza e identifica as origens das crianças que freqüentam o jardim. Sempre lembrando do meio social, econômico que estão inseridos.

Isto é, quanto mais se preservar e manter as raízes culturais dentro do espaço de construção, que é toda a instituição para a educação, mais se investe no real crescimento e evolução do ser humano como cidadão pertencente a uma dada comunidade de seres humanos, com princípios próprios e particulares de convivência e de sobrevivência.

Acredito que é valorizando o que é “nosso” que passaremos a ver as prateleiras dos armários dos jardins chias de conchas do mar que abundam as nossas praias; pedras que diferem de região para região; areia; folhas das poucas variedades de arvores da nossa “pobre” flora; artesanato produzido nas diversas ilhas; fitas de musica; fotografias das lindas montanhas de Sto. Antão,; recortes de jornal “A Semana”; livros de história de “Ti Lobo e Nha Ganga”; livros de poesia; bonecas de pano, feitas artesanamente pelas mães, para as suas filhas brincarem; carros de latão que os pais faziam para os filhos brincarem. Enfim o jardim teria um rosto cabo-verdiano, e não português.

Pois é essa (a valorização da cultura cabo-verdiana em toda a sua dimensão) uma das formas, dos jardins darem a sua contribuição na formação de cidadãos ativos que respeitam a natureza, que conhecem as suas raízes e por isso sabem a que povo pertencem e podem aspirar participar na construção da sociedade na qual hora estão inseridos.

Jardim da Cruz Vermelha

O jardim da Cruz Vermelha situado na cidade da Praia é um dos primeiros estabelecimentos de atendimento às crianças menores de 6 anos de idade. Inicialmente era de carácter social, se propunha a prestar serviço à camada de população carente da cidade e arredores. Hoje desempenha uma função estritamente pedagógica junto ao ministério de educação.

O espaço físico

O prédio do jardim infantil foi construído especificamente para acolher as crianças. Em termos de espaço, é composto por: três salas de atividades nas quais mesas que agrupam 4 crianças sentadas em pequenas cadeiras, estantes cheias de brinquedos, materiais didáticos, jogos pedagógicos, livros de história, trabalhos manuais das crianças, preenchem o amplo, iluminado e arejado espaço reservado para as atividades; um banheiro coletivo, pouco arejado e iluminado com lavabos do tamanho ideal para a clientela que atendem, ainda em bom estado de uso; uma cozinha, com fogão, grandes panelas, armários na parede onde são guardados os pratos, copos, talheres e demais utensílios para as fainas das cozinheiras no preparo das refeições quentes e dos lanches da tarde; um hall de convívio, espaço iluminado e arejado onde as refeições do dia são servidos; uma sala de arrecadação, lugar determinado a guardar documentos, materiais didáticos, colchões; uma despensa e um pátio de areia com escorregas, baloiços e pneus para as crianças brincarem e ou fazerem exercícios físicos, logo na entrada do jardim.

O atendimento

Recebem crianças de três a seis anos de idade, em período integral, das 8 às 17:00. Servem três refeições: o lanche da manhã, o almoço e o lanche da tarde.

As turmas são mistas divididas por idade. Cada uma conta com uma monitora e uma auxiliar, também monitora, porém com menos anos de experiência. Cada sala tem em média 32 alunos.

Não existe um critério rigoroso de matrícula. Desde que existam vagas as crianças são inscritas. No entanto dão preferência para aquelas que tem menos condições financeiras.

Meninos brincam com carro. A fala de uma criança explica o porque: *“Menina não pode brincar com carro, é brincadeira de homem”* (menino de 4 anos).

Todas as classes seguem o mesmo padrão físico. Mudam as crianças, as abordagens das atividades, que diferem de acordo com a idade. Assim as da primeira sala, a sala rosa dos 3-4 anos, brincam e cantam músicas em crioulo e em português o tempo todo. As da Segunda sala, a sala amarela de 4-5 anos, brincam um pouco menos, cantam mais músicas em português do que em crioulo, a professora solicita e explica as atividades em português e em crioulo, trabalham com mais números, mais vocabulários do léxico português. As da sala verde, de 5 a 6 anos estão prestes a ingressar no primeiro ano do ensino fundamental, pelo que a professora conta cada vez mais histórias em português, recitam poesias em português, cantam em português.

Em cada sala fomos recebidas com cânticos das crianças. Todos os três forma em português.

Observações finais

Aqui notou-se um grande envolvimento dos professores com as crianças. O jardim é fato em materiais ludo-pedagógico, privilegiando as crianças com momentos diferentes e ricos de brincadeiras.

A presença de cadeiras e mesas deixa a imagem de escola, pois as crianças passam demasiado tempo sentadas, realizando poucas atividades fora das mesas, e elas são solicitadas a comportarem-se bem, permanecendo sentadas.

Foi também evidente a importância dada ao uso do português, que a língua oficial em Cabo Verde apesar de ser a segunda língua falada no país. O uso do português aparece sempre no comando, dado pela professora, para o início de uma nova atividade. As crianças aprendem cânticos em português e não em crioulo. Pelas estantes existem muitos livros de histórias internacionalmente conhecidos, escritos por autores outros que não são cabo-verdianos, dominantes da língua portuguesa, ou então traduzidos para a língua portuguesa. Eles são lidos e narrados pelas professoras, “tias”, em português. O crioulo, a língua materna aparece na fala das crianças e na dos professores também, a todo o tempo.

Jd. PIQUINOTI – Fazenda cidade da Praia

Jardim "Piquinoti" é uma instituição para educação de crianças na primeira infância privado, situado nos arredores da cidade Praia. Desde dos seus primeiros dias de funcionamento, foi destinado a tender às necessidades educativas das crianças menores de 6 anos de idade, atendendo as suas necessidades de cuidado e preparando-as para entrar no ensino básico.



Pátio do jd. Piquinoti - Santiago

O espaço físico

O jardim é uma casa com os cômodos adaptados para atender a clientela dos zeros aos seis anos. Conta com quatro salas de atividade, fartas de material ludo-pedagógico; um banheiro, pouco iluminado e estreito; uma área comum, onde é preparado pequenas refeições trazidas de casa pelas crianças, é também o lugar de comunicação de convívio de todas as crianças; um quintal a céu aberto com mesas e cadeiras; na entrada do jardim fica o pátio com chão de concreto tem escorrega e um espaço para brincar, cercado de portas de ferro para segurança das crianças e controle das monitoras.

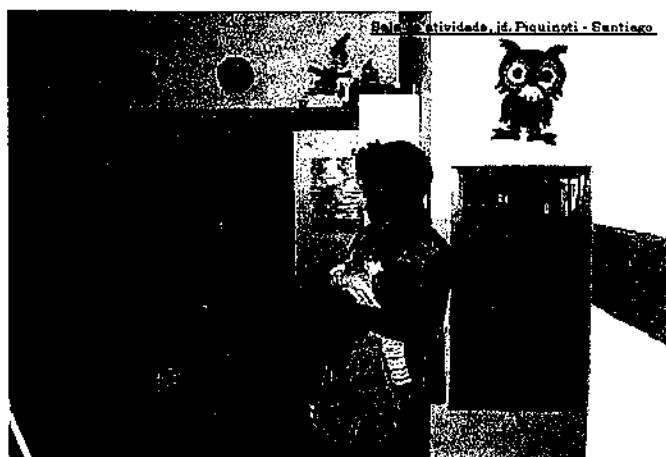
O atendimento

"Piquinoti" assim como demais jardins particulares atendem crianças de zero a seis anos, nos dois períodos de funcionamento, das 8-12:00 e das 14-18:00, ainda que sem o alvará do Ministério da Educação.

As crianças são divididas por idade pelas salas de atividades. A rotatividade das salas é feita consoante a idade. As professoras mantêm-se nas salas e quem mudam são as crianças.

As crianças de cinco anos ficam aos cuidados da professora de São Tomé para o melhor desenvolvimento da língua portuguesa, uma vez que o português é a língua que ela usa para se comunicar. É certo que ela entende crioulo, a língua de comunicação das crianças, porém estas só a escutam falar em português. Na sala desta professora o maior foco está sobre a língua portuguesa e à preparação para o início da escolaridade obrigatória. Nas outras salas, sob o cuidado das monitoras estão as crianças de 4 a 2 anos de idade. As de 1 ano e menos ficam mais sob a observação das auxiliares.

As crianças pagam uma mensalidade no valor de 1.500\$00. No entanto existem algumas que não possuem condições financeiras, essas por vezes são isentas da mensalidade ou então é negociado com os pais e ou responsáveis.



Sala de atividade do jd. Piquinoti - Santiago

Os profissionais

A responsável pelo jardim é uma brasileira formada licenciada em pedagogia. Ela para além dos serviços administrativos prepara cursos de atualização para as monitoras, juntamente com a proprietária do jardim que é doutorada em psicologia.

Para além desta profissional o jardim conta com uma professora de São Tomé e Príncipe, com formação em educação Pré-Escolar, duas monitoras formadas pelos cursos promovidos na cidade da Praia pelo Ministério da Educação e pelo ICS, já mencionados, e duas auxiliares. A essas duas ultimas cabe o cuidar das crianças, e às monitoras a parte pedagógica.

Observações finais

A maioria das instituições privadas, pertencentes a entidades com fins lucrativos, oferecem um bom atendimento às crianças devido à qualidade e quantidade de matérias pedagógicas, e também à cobrança por parte dos pais que exigem um bom atendimento.

Esse bom atendimento exigido e a qualidade da prestação de serviço dessas e também das outras instituições, é muitas vezes avaliada pela comunidade como um todo, pelo grau e competência de alfabetização do jardim infantil. Essa característica ficou muito evidente ao observar o cuidado e o orgulho dos profissionais em exibir os trabalhos das crianças, demonstrando a evolução das mesmas, quanto aos traçados, desenhos e em relação à familiarização com a língua portuguesa. O numero das mesas e o tempo dedicado aos trabalhos às tarefas que exigem mesas para apoio do papel ou para o trabalho com massinha, são outros denunciadoreis da importância dada à familiarização com um ambiente escolar.

Conversando com a técnica do ministério da educação, a responsável do jardim e a professora de São Tomé, fiquei a saber que o jardim atende crianças a partir de 3 meses de idade, sem a autorização do ministério da educação. Oficialmente todos os jardins do país só são autorizados a atenderem crianças na faixa etária dos 3 a 6 anos. Porém como disse a assessora do ministro da educação, quando entrevistada, *“Crianças de meses vão para o jardim porque os*

*porque as famílias pedem*¹⁴⁸ e os jardins atendem a demanda consoante as condições de vaga.

No geral, segundo o parecer da mesma *“80% das mães põe o menino no jardim devido à lei...”*

A técnica também informou que inexistem vagas para todas as crianças, uma vez que o sistema, ou seja, o ministério da educação, não oferece vagas para todos. O que contradiz com a sua promoção, quando existe todo um discurso que faz crer que a frequência à educação pré-escolar é o ponto de partida para o sucesso em educação pois tem reflexos positivos na vida futura do cidadão. E as crianças, principalmente as do meio rural, são privadas de frequentar jardins, pois *“Esse grupo de crianças do interior das ilhas não tem jardins nas localidades”*¹⁴⁹. E como *“A oferta do privado sobrepõe ao público. E por ser privado as vagas são limitadas”*¹⁵⁰ muitas são as famílias que não tem condições para pagar as instituições privadas, e os seus filhos acabam por entrar na escola com 7 anos de idade, de acordo com a lei.

A assessora do ministro reforça essa contradição quando questionada a respeito da obrigatoriedade da frequência ao jardim infantil como condição para a entrada no ensino básico com 6 anos de idade ao proferir as seguintes palavras: *“... ridiculamente, pois o governo não apoia... mães são obrigadas no meio rural e são duplamente penalizadas... a obrigatoriedade é algo de incoerente, pois o governo não oferece jardins para as crianças do interior”*¹⁵¹

Cada vez mais se assiste em Cabo Verde uma proliferação de jardins privados no meio urbano e cada vez mais a qualidade em educação pré-escolar torna um privilégio da elite. Diz a assessora do

¹⁴⁸ Essa entrevista está transcrita no anexo 3, Diário de Campo, Conversa com a Assessora do Ministro.

¹⁴⁹ Esta fala da técnica do Ministério da Educação está transcrita com mais detalhes no anexo 3, Diário de Campo, Jd. Piquinoti.

¹⁵⁰ Fala da assessora do Ministro da Educação, que aparece com mais detalhes no anexo 3, Diário de Campo, Conversa com a Assessora do Ministro.

¹⁵¹ Mais detalhes a respeito da entrevista com a assessora do ministro da educação encontram-se transcritos no anexo 3 Diário de Campo, Conversa com a Assessora do Ministro.

ministro da educação que “*A qualidade de um jardim depende muito do que se pode pagar*” e pelo seu próprio parecer a oferta do privado sobrepõe ao público ainda que as vagas sejam limitadas.

Fogo



Mosteiros

Na vila dos Mosteiros, ilha do Fogo visitou-se 2 jardins da Câmara Municipal do concelho. Um na localidade de Cutelo Alto e o jardim Flor Nascente. Nesses jardins acompanhou-se o desenrolar de um dia de atividades. Por isso para além da descrição do espaço físico, do atendimento e dos profissionais, nas linhas que se seguem a esse parágrafo aparecerá a transcrição das atividades do dia em cada um dos jardins. De modo que o leitor terá uma idéia de como é um dia de atividade reservado às crianças nesses dois jardins.

Cutelo Alto

O espaço físico

O jardim é uma casa de dois cômodos, duas portas e uma janela na parte oeste alugada pela Câmara, com um pátio calcetado com pedras, dois bancos de cimento e algumas plantas. No primeiro cômodo tem-se bancos e cadeiras pequenas, quadro preto encostado na parede, um canto com brinquedos arrumados no chão, paredes com desenhos e trabalhos das crianças, no teto cordas que se cruzam pendurando recortes ornamentais; um pequeno pinheiro de natal artificial e um relógio na parede.

A Segunda sala tem dois cantos de atividades: um de leitura e outro de jogos, este é composto por legos e jogos de quebra cabeça e o outro por livros em caixotes e outros arrumados no chão; lápis de carvão e coloridos.

O atendimento

O jardim atende 18 crianças inscritas. Todas elas são moradoras da localidade em idade pré-escolar (4 aos 6). Funciona em um único período, das 8- 12:00. O único critério de seleção é a idade, por isso todas as crianças da localidade nos dois anos que antecedem a entrada no ensino básico obrigatório são matriculados nos jardins.

Pagam uma cota mínima de 50\$00 que não é obrigatória. Assim muitas são as que não pagam nada. O financiamento do jardim é dividido entre a câmara municipal dos Mosteiros e uma cooperação alemã. Essas duas entidades para além do salário da monitora também patrocinam a merenda quente que é servida uma vez ao dia.

Os profissionais

A monitora frequentou o curso de formação de monitoras em S. Filipe, ministrado pelas técnicas do Ministério de Educação. Ela conta com o auxílio de uma moradora da localidade, contratada pela câmara, que é responsável pelo preparo da merenda, e limpeza da sala de atividade.

As atividades do dia

Iniciou-se as atividades do dia com educação física: 3 grupos de crianças de acordo com a ordem em que estavam sentados. Professora dá os comandos; 1,2,3 faz juntamente com as crianças. Enquanto um grupo faz os outros estão sentados a observar.

Todas as crianças estavam trajadas com roupas e calçados que pouco facilitavam os movimentos de uma atividade de educação física. Os meninos, uns com calça e outros com bermuda, alguns com tênis nos pés, outros com sandálias e outros ainda de pés descalços, e todos de cabelos bem curtos. As meninas umas de short outras de saia e a maioria de vestido.

Quando terminaram de “exercitar” o corpo sentaram-se em U de frente para a professora. Observaram-na com muita atenção a iniciar a segunda atividade do dia.

Era o dia do estudo da letra P. A professora preparou a “aula” com base em nomes de animais e objetos que começam com a letra privilegiada do dia. Esses animais foram apresentados num desenho numa folha de papel A4 dividido em pequenos quadros com os seus respectivos nomes por baixo.

A professora apresenta o Pato da seguinte forma:

“Oji kuasi dja ka tem pato. So na kasa di Miguel ki tem pato. Ma professora ta mostra nhos na dizenho ki sta na es livro di

pintâ”¹⁵²– Ela abre livro e mostra o desenho. Dirige-se para dos suas crianças, uma a uma mostra desenho do pato dizendo: “Dja bu odja, mama pato ku ces fidjos¹⁵³” - repete a frase para cada uma.

Sentados , cantam com gestos a musica do pato:

O patinho nada dentro de um laguinho
Quá, Quá, Quá, fica molhadinho
Então vem a mãe pata trazer os seus
filhinhos
Atchim, 6x
Já constipadinhos
Tchim 12 x, Atchim

Terminam de cantar, a professora fala com os alunos sobre a música, mostrando o desenho do livro. Chama atenção da crianças que cochicham com um “Psiu!”.

Enquanto a professora olha o programa de trabalho, as crianças, sentadas, contemplam a sala, uma delas começa a tossir, todas as outras acompanham-na juntas e fazem um festival de tosse no que a professora grita: “CALADOS”!

Ela dando continuidade à atividade mostra uma folha de cavalinho tamanho A4 dividido em seis partes iguais com desenho de Peixe, Planta, Pote, Pato, Panela e Papaia, com os respetivos nomes por baixo de cada um.

Uma vez visto os desenhos, ela faz exercício de reconhecimento das palavras, lê o nome de cada desenho e as crianças repetem a palavra proferida ela em coro.

Dando seqüência à atividade ela abordou cada criança da seguinte forma:

Prof. : “- Nhos conxe otu nomi ki ta comesa ku P? ... Kuzé ki nhos conxe na kasa ki ta kumesa ku P ... nhos ka conxe? Pai, nhos ka tem papa na kasa? Kuzé mas ki tem? ...

Aluno: - Mama

Prof.: - Inda ka tchiga na mama, oji e so P¹⁵⁴”

¹⁵² Hoje, quase já não existe mais pato. Somente na casa do Miguel é que tem pato. Mas a professora vai mostrar-vos no desenho que esta no livro de colorir.

¹⁵³ Já viste a mãe pato, com os seus filhos?

Professora mostra mais uma vez os seis desenhos da folha a cada aluno, um a um. No final de cada demonstração ela diz: “Então , dja bu conxe som di Peixe, di Papaia, di Planta, di Pote, di Pato, di Panela .” Às crianças que demoravam responder ela dizia : “Bu tem ki rusponde, bu mai ka ta dabu pexi? Mana ka tem poti na kasa? Mama ka tem panela na kasa?”¹⁵⁵

Prof.: - “Pei ...” – espera a criança repetir, para depois completar a palavra: “... xe” – então a criança repete a segunda sílaba de Peixe.

Enquanto uma criança faz esse exercício as outras aguardam em silêncio a sua vez chegar. Algumas ficam inquietas na carteira e começam a tossir.

Professora muda de criança: “Bu conxe Peixe?”¹⁵⁶
Depois de dizer Planta pergunta para a criança: “Bu conxe Planta?”¹⁵⁷

Algumas crianças ficam com a cabeça abaixada, enquanto são abordadas pela professora, às quais ela diz : “E ku mi ki bu sta papai, spiam na rosto”¹⁵⁸

Uma criança conversando com a outra enquanto a professora faz o exercício com um colega, esta levanta-se e segura a criança pela mão e diz:

Prof.: - “C” muda di lugar.

Prof.: - Dulci bu sta mutu inkieto.

¹⁵⁴ Vocês conhecem outros nomes que começam com P? ... O que é que conhecem em casa e que começa com P.... Vocês não conhecem ? Paí, vocês não tem em casa? O que mais tem? / Mamãe / Ainda não chegou na mamãe, hoje é só o P.

¹⁵⁵ Então já conheces som de Peixe, de Papaia, de Planta, de Pato, de Panela?/ tens que responder, tua mãe não te deu peixe? Mamãe não tem pote? Mamãe não tem panela em casa? (vasilha de barro serve para guardar água) em casa.

¹⁵⁶ Conheces peixe?

¹⁵⁷ Conheces Planta?

¹⁵⁸ É comigo que estas a falar, olha-me no rosto.

Prof.: - So es som li ki bu conxe? ... Na kasa ka tem mas nenhum des som li?... Bu Ka ta come pápa? - A professora volta o olhar para uma criança do lado e pergunta:

Prof.: - E si ki ta xintado?¹⁵⁹.

Criança responde à pergunta da professora:

Cri: - Prato, papa...

Prof.: - Sabida!¹⁶⁰ - o acerto da criança é elogiado.

Crianças brincam num canto e a professora pergunta:

Prof.: - José, bu ka sta pará?. Volta-se para um outro aluno e continua com a lição: So kes som li ki bu conxe?

Cri: - Nau...

Prof.: - Kal ki bu conxe mass?

Cri: - Pia, pápa, pai... ¹⁶¹

Professora continua a ensinar: faz a mesma pergunta a um outro aluno e diz:

Prof.: - Ruspondê alto, sabido! - planta , rusponde mass alto¹⁶² - Uma outra criança responde depois de ouvir tanta insistência por parte da professora para com o colega. Professora repete:

Prof. : - Plan ... ta.

Criança interrompe a professora anunciado:

¹⁵⁹ C, muda de lugar / Dulce estas muito quieto / Somente este som é que conheces? ... Em casa não tem mais nenhum desses sons? ... Não comes papa ? / É assim que se senta?

¹⁶⁰ Prato, papa, / Esperta!

¹⁶¹ José, não vais parar? / Somente este som é que conheces? / Não... / Quais os outros que conheces? / Pia, Papa, Pai...

¹⁶² Responde alto , esperto! / responde mais alto

Cri.: - N sta ba faze xixi

Prof.: - Spera um momento.¹⁶³

Terminaram de repetir, a professora aproxima-se, encurvada, de criança em criança com o desenho e mostra-o e fã-las repetir o nome de cada uma das figuras do papel.

Crianças pedem para sair. Uma sai e outra vai atras e cada vez tem mais crianças querendo sair. A professora diz:

Prof.: - Nhos spera um bokadinho nu ta sai pa intervalo¹⁶⁴.

Sentou-se na cadeira e disse:

Prof.: - Professora dja mostra nhos tcheu sons. Nhos pode sai pa intervalo¹⁶⁵.

Intervalo:

As crianças saíram da sala de atividade para brincarem no pátio do jardim, que não é nada mais do que uma área calçetada de pedras na frente do jardim, como se fosse uma varanda e um terreno baldio ao lado do jardim. Nesses dois ambientes elas brincam em pequenos grupos mistos, brincadeiras de roda, de faz de conta, pega pega. Outras ainda em duplas ou trios, abraçadas ficam às voltas a conversar.

Eis aqui um pouco do desenrolar do convívio entre elas durante o intervalo.

Crianças abraçadas, desafiam o equilíbrio uma da outra: andando no muro da varanda.

¹⁶³ Vou fazer xixi / Espera um momento...

¹⁶⁴ Esperem um pouquinho, vamos sair para o intervalo.

¹⁶⁵ A professora já vos mostrou muitos sons. Podem sair para o intervalo.

Cri: - Mi-n ka ta cai¹⁶⁶!

Elogiam umas às outras :

Cri: - Bunito! bu tenê ropa bunito¹⁶⁷...

Meninos brincam de carro, faz de conta, com a voz imitam o som de arranque do carro em andamento, correm indicando que o carro começou a andar, com as mãos dirigem manejam o volante fictício. Os motoristas com volantes de pedaço de bambu cantam música em crioulo de Santiago.

Meninos e meninas brincam juntos; de mãos dadas fazem roda. Professora sai da sala e se junta às crianças que estão na roda. A cantiga de roda é cantada e dirigida por ela. Na roda as meninas é que mandam, os meninos são ensinados por elas.

Sentados conversam: Uma menina olha para o sapato do menino e diz:

Cri: - Kess sapatilha li ta da alguém na tchon.. ¹⁶⁸

Terminam os 20 minutos de intervalo e todos voltam para a suas cadeiras, prontos para mais uma atividade

10: 08

SEGUNDA ATVIDADE

Era sobre os animais domésticos. Cantaram, uma música e desenharam os animais que a professora mostrou na folha A4.

Começam com a música:

Lá vem o Sr. Noel

Comandante da batalha

¹⁶⁶ Eu não caio !

¹⁶⁷ Bonito! Estas com roupa bonita!

¹⁶⁸ Esses tenis aqui , fazem a gente cair...

O macaco vem sentado à procura do
leão, pum...

O gato faz miau, miau, miau, O
Cachorro do Lulu au, au, au,

O cabrito faz mé, mé, mé

O galo cariceu qué, quere, qué qué...

Prof.: - Unton nhos conxe aminimal domesticos... "C" Bu
conxe animal domestiko? Ki tipo di animal domestiko ki bu conxe?

Cri.: - Cabra, galinha, porko , kabalo, burro, vaka,
pato¹⁶⁹.

Criança com dedo na boca, já perto da porta. A
professora de costas para a porta com o livro de pinturas mostrando
o desenho dos animais domésticos para as crianças sentadas. Um
dos alunos diz:

Cri.: - "C" dja ba sê kasa¹⁷⁰!

A professora não dá muita atenção e começa a distribuir
papel para o desenho, coloca a folha com os desenhos no quadro
preto. Crianças colocam a folha branca no assento da cadeira, uns de
joelhos outros sentadas no chão, desenham. A professora afia os
lápiz , ensina alguma das crianças a desenhar segurando-as pelas
mão.

Ao terminarem o desenho mostraram para a professora:

Cri.1: - Odja pressora...

Prof.: - Tchan odja di bo.

Cri.2: - Psora N ka sabê fazê!

¹⁶⁹ Então vocês conhecem animais domésticos... C conheces animal domestico? /
Cabra, galinha, porco, burro , vaca, pato.

¹⁷⁰ C , já foi para a sua casa!

Cri.3: - Nem mim Nka sabê ...

Cri.4: - Psora ... psora ...

Prof.: - Bu tenê lapis:

Cri.5: - Mi'n tenê.¹⁷¹

Crianças apagam os erros do desenho a lápis com o dedo.

Terminaram de desenhar, deixaram o desenho estar e saíram da sala para se prepararem para o lanche. Lavaram as mãos numa bacia com água e sabão, no quintal. Lugar onde é preparado a comida (canja de arroz).

Comeram sentados nos bancos de cimento do pátio. Os que não couberam, tomaram o chão como assento, a tigela no colo e a colher na mão. A ajudante da professora, uma moradora localidade, foi quem serviu. A tigela vazia mais a colher foi colocada no lugar indicado pela ajudante. Enquanto esta limpava o chão, e levava os refratários para lavar, a professora cantou, juntamente com as crianças a música : Meu Lanchinho

Meu lanchinho,

Meu lanchinho vou comer

Prá ficar fortinho 2x

E crescer.

A professora colocou as pastas individuais das crianças feitas de cartolina com os seus respectivos trabalhos realizados ao longo do ano em cima da cadeira. Elas tomaram a iniciativa de as pegar. Isso causou um pouco de tumulto :

Cri.1: - És e di mé...

Cri.2: - Ná el e di mé

Cri.3: - Ki li e di kenhé?

¹⁷¹ Olha professora / Deixa me ver o teu / Professora eu não sei fazer! / Nem eu não sei... / Professora, Professora... / Tens lápis? / Eu tenho.

Prof.: - Nhos ba xinta, N ta da nhos - diz a professora para acabar com a confusão entre os alunos. E depois de terminar a distribuição diz:

Prof.: - Kem ki dja metê sê disenho, ta fitcha se pasta y ta pol la¹⁷² (aponta para a cadeira que ela senta)

TERCEIRA ATIVIDADE

Teve como objetivo o estudo dos meios de transportes aéreos, “via aerea”, como foi mencionado pela professora. Assim como a segunda atividade , esta também foi iniciada com música, que falava a respeito de uma “via aerea”, o avião. Transporte aéreo escolhido como exemplo a ser estudado e conhecido pelas crianças. Para além da música, o desenho ilustrando um avião foi um outro recurso usado pela professora durante a exposição. Nas linhas que se seguem estão anotados como foi abordado esse tema.

A atividade iniciou-se com a seguinte música:

Um dia sonhei que fui a Lisboa
Num avião que voa que voa
Tão alto ele subiu
Tão alto lá no céu
Depois voltei e parei
Numa terra lisada, lisada, lisada.

Professora ensina a musica , repetindo quatro vezes .

Prof.: - Agora nhos bem canta ku professora¹⁷³.

Cantam e a professora dá continuidade à atividade:

¹⁷² Este é meu .. / Não, é meu.... / Este de quem é ? / Vão sentar , Eu vos dou / Quem já guardou o seu desenho, fecha a sua pasta, o coloca ali.

¹⁷³ Agora, vem cantar com a professora.

Prof.: - Avião e um via aerea. E so aviao ki e via aerea ki nhos conxe?

Cri.: - Tem “corbo”

Prof.: - Sim corvo e aerea ma e ka e na. El e um animal... Alicopedo... Foguetão... Avião ta transporta carga y passagero di um ilha pa otu... o antan di strangero. ... Nhos presta atenson ... Cilina bu sta distraída. ... Tudo alguem dja conxe avião?

Cris.: - Sim . - os alunos respondem em coro.

Prof.: - Ka si nada, nem tudo nhos ka ba pa kampo inda. Nem si professora kre ka ta da pa leba nhos, pamodi nu ta fika mutu riba. Nhos sabê kem ki e passagero? - ela responde logo de seguida: - E noss, e pessoas. Kusé ki avion ta transporta?

Cri2.: - Passagero, caixoti...

Prof.: - Agora tudo minimo dja sabê é um via:...

Cri3.: - AEREA

Prof.: - Sim e um via aerea. Sabido! ... undê ki e ta andá?

Cri4.: - E ta anda na ar.¹⁷⁴

Quando faltavam 15 minutos para as 12:00 aproximava o fim de mais um dia de atividades do jardim infantil para as 18 crianças. Faz-se a chamada dos alunos um a um. E na hora do até amanhã cantam:

Adeus jardim

Adeus minha professora

Eu vou embora chegou a hora

Estou contente (2x)

A sineta já tocou ,

¹⁷⁴ Avião é uma via aérea. Somente o avião é que é via aérea que vocês conhecem? / Tem o corvo ! / Sim corvo é aéreo mas não é não. Ele é um animal.... helicóptero foguetão ... Avião transportam carga e passageiro de uma ilha para a outra... ou então do estrangeiro... Prestem atenção... C estas distraída... Toda gente conhece avião? / Sim ? Não é verdade, nem todos vocês já foram para o campo. Mesmo que a professora quisesse não daria para ela vos levar, porque ficamos muito no alto. Vocês sabem quem são os passageiros? Somos nós as pessoas. O que é que o avião transporta? / Passageiro e caixote... / Agora todos os meninos que é uma via ... / Aérea / Sim é uma via aérea, esperto! .. Onde é que ele anda? / Ele anda no ar.

Até amanhã minha professora,

Para casa me vou embora

Em pé formam duas filas para sair enquanto cantam
uma outra música :

Pombinha quando tu fores escreve pelo caminho

Se não achares papel, nas asas dos passarinhos

Da boca faz um tinteiro e da língua penas douradas

Dos dentes letras dos olhos carta fechada.

A pombinha voou, voou

Ela foi-se embora e me deixou

Saem a cantar :

Atenção, atenção

O comboio vai partir (4x)

Jd. FLOR NASCENTE

O espaço físico

É uma sala alugada pela câmara com 27 cadeiras; 5 mesas empilhadas; uma estante de madeira de oito prateleiras; chão vermelho; uma porta larga de madeira; uma janela; paredes com desenhos de animais, panfletos de prevenção contra a cólera e meios de transportes; no teto recortes pendurados por uma corda.

O atendimento

O jardim atende a todas as crianças em idade pré-escolar da localidade, ou seja, crianças com idade compreendida entre os 4 e 6 anos de ambos os sexos. Funciona em dois períodos, na parte da

manhã das 8-12:00 atende crianças de 4 e algumas de 3 anos, e na parte da tarde, das 14-17:00 crianças de 5 anos.

A ficha de inscrição é preenchida pelas monitoras. Os pais levam a cédula de nascimento, como comprovante da idade da criança. As monitoras vão de casa em casa perguntando se existem crianças em idade pré-escolar ou então as mães comunicam-nas a idade do filho e estão vão busca-los em casa e lá mesmos preenchem a ficha de inscrição.

Na parte da tarde, que foi o horário da visita ao jardim, a monitora tem, sob o seu cuidado, 14 crianças entre as quais 4 são meninos e 10 são meninas, todos com 5 anos de idade. Essas 14 assim como as outras do outro jardim do concelho dos Mosteiros, visitado na parte da manhã, pagam uma cota mínima mensal de 50\$00, uma contribuição para a compra de materiais.

Às crianças é servido uma refeição quente, contribuição da câmara municipal do concelho e do projeto alemão.

Os profissionais

A monitora leciona a cinco anos. Frequentou o curso de formação de monitoras em S. Filipe ministrado pelas técnicas do Ministério de educação. Ela conta com o auxílio de uma moradora da localidade, contratada pela câmara, responsável pela confecção da merenda e pela limpeza da sala de atividade.

O salário da monitora é e da ajudante é financiado pela câmara e pelo projeto alemão.

As atividades do dia

A letra P era, também, o conteúdo da primeira atividade do dia. A monitora preparou a aula com base na palavra PIÃO. Trouxe para a sala de atividades um desenho do brinquedo e o próprio brinquedo. As crianças tiveram oportunidade de saber como é que o pião é constituído e também de o desenharem.

Eis um pouco do desenrolar da primeira atividade:

Professora sentada no centro da disposição em U das crianças. Estas sob o comando da primeira cantam duas músicas. A professora inicia a sua fala :

Prof.: - Hoje é dia do estudo da letra “P”, os sons da letra. - ela diz em voz alta : PIÃO - Cada uma das crianças repete a palavra respeitando a ordem do olhar ou do dedo indicador da professora. Crianças acanhadas com a nossa presença: sentam-se com os braços cruzados e respondem em voz baixa, às indicações da professora. Mais uma esta diz:

Prof.: - A palavra pião - Depois de todos repetirem, a professora pega um Pião e mostra para a classe. Define o que é um pião: - Prof.: - É um brinquedo pa criança ta djuga¹⁷⁵. Brinca um pouco, e passa para as crianças continuando com a descrição:

Prof.: - Nhos pega pião pa nhos conxê midjor ... Kumodê ki um pião e construído?

Cril : - Pião e construído di prego y tábua, - criança sussurra ao responder .Prof.: - Nhos obi Kusé Ki “A” flâ ?

Cris: - Nau... - respondem em coro.

Prof.: - Nhos respondê anton!

Cris: - PREGO Y TÁBUA¹⁷⁶, - algumas falam “táuba” - às quais a professora corrige dizendo:

Prof.: - E ka “táuba” , e TÁBUA!

Cris.: - Professora, “A” labanta pa sispia caro.

¹⁷⁵ É um brinquedo para a criança jogar.

¹⁷⁶ Segurem o pião para conhecerem melhor... Como é que um pião é construído? / Pião é construído por prego e tábua. / escutaram o que a A disse? / Não / Respondem então! / Pregos e tábua,

Prof.: - Si tudo minino tenê mon ku pê guardado, kumó ki "A" ta labantá pa spia na janela? – e continua com a atividade da letra P. ... - Pato também tá scribe ku letra "P"¹⁷⁷. - Professora levanta, pega uma folha com o desenho e mostra para as crianças.

Prof.: - Pato - mostra- Spia doss pato, um castanho y otu branco- o desenho é passado de mão em mão pelas crianças, depois de ouvirem a professora dizer: ... Agora cada minino ta pega folha pa spia cumó ta dizenhado pato¹⁷⁸.

Segunda atividade : Desenho

Professora prepara a sala para o desenho: coloca as quatro mesas duas a duas no chão, distribui oito cadeiras, formando dois grupos de trabalho, enquanto as crianças lavam as mas com água e sabão, para não sujarem a folha branca segundo o esclarecimento e recomendação da professora.

Esta acomoda as crianças nos seus respectivos lugares e diz:

Prof.: - Primero N ta dizenha um pião na quadro, tudo minino ta odja y dipós nhos ta dizenha¹⁷⁹.

A turma em silêncio, aguarda o fim do desenho. A monitora distribui uma folha branca com o nome de cada um, a data e o tema do desenho. Exemplo: "Dia 25.01.99 Desenho sobre o Pião (Maria)" Fala sobre o pião e o pato, e pergunta para a técnica do ministério como fazer mais do que uma atividade ao mesmo tempo.

Antes de obter a resposta distribui um lápis por cada criança. Aproveitando o silêncio da classe ela se aproxima da técnica para conversar.

¹⁷⁷ Não é táuba, é TÁBUA / Professora A levantou para ver o carro / Se todos os meninos estão com as mãos e os pés guardados, como é que A levanta para ver na janela? / Pato também começa com P...

¹⁷⁸ Pato, veja dois patos, um castanho e outro branco / Agora cada menino vai pegar a folha e ver como se desenha um pato.

¹⁷⁹ Primeiro eu vou desenhar um pião no quadro, todos os meninos observam e depois desenharam.

Na janela, a ajudante, observa a atividade das crianças na mesa, com o intuito de os deixar mais a vontade para desenhar. A professora termina de conversar, com o olhar direcionado para as crianças diz: “E pa nhos dizenha so pião”¹⁸⁰.

Pega no lápis e aperfeiçoa o desenho de uma das crianças. Algumas brincam medindo o tamanho do lápis. Professora segura na mão da criança e ajuda-a completar o desenho, faz o desenho fazendo o traçado do pião.

Uma criança, apontando para outra que esta ao seu lado, e diz para a professora:

Cri: - E ka fazê tê gô¹⁸¹. - Depois da professora a ter ajudado com o desenho faz o seu primeiro, olhando para o que fora desenhado com ajuda da professora.

Esta se aproxima do lugar onde estou e pergunto-lhe:

Pqs.: - Es ta custuma pinta sês dizenho?

Prof.: - Sim , na dia di pintura. Ôji é so dizenho.

Professora recolhe os desenhos um a um depois de recolher o lápis.

Prof.: - Tudo com as mãos guardadas¹⁸².

Cantam sobre a higiene antes do lanche. Uma criança pega a bacia com sabão e toalha, entrega para a ajudante. Depois do lanche retornam aos seus acentos na disposição inicial em U. A monitora inicia a terceira atividade apresentando o avião para elas: Passa um avião de brinquedo pelas suas mãos. Pegam, olham, conferem as características do objeto enunciadas anteriormente pela professora

Cri.: - É si mê, É tem sin¹⁸³!

¹⁸⁰ É para desenharem somente o pião.

¹⁸¹ Ele ainda não fez.

¹⁸² Elas não costumam pintar os seus desenhos? / Sim, no dia da pintura. Hoje é só o desenho.

Crianças brincam com os dois aviões colocam no chão para correr, aproveitam e rolam juntamente com o avião entre gargalhadas, até a intervenção da professora:

Prof.: - Tudo minino dja ôdja avião?

Cris.: - Sin - respondem em coro . Uma menina diz:

Cri.: - A-mi u-n ka odja dreto!¹⁸⁴

Em meio às gargalhadas, das crianças a professora pergunta:

Prof.: - Kusê ki bu sta ri?¹⁸⁵ - a criança olha para a professora e sorri sem responder. Professora levanta da cadeira e troca-a de lugar com um menino. Ela retorna ao seu assento e segura na mão uma folha com o desenho de um avião:

Prof.: - Agora nhos ta ôdja kumô ki ta dizenhado avião, pa otu dia nhos podê dizenha!¹⁸⁶.

Crianças, sentadas, observam com atenção o desenho e passam para o colega do lado esquerdo. O desenho volta para as mãos da professora que o segura dizendo:

Prof.: - Tudo minino dja ôdja avião?

Cris.: - Sin - em coro

Prof.: - Avião é um meio de transporte aéreo.

Uma criança pede água, professora sai da sala para atender ao pedido. A criança levanta do lugar para brincar com o colega na ausência da professora. Dois minutos depois a professora retorna à sala de aula com uma caneca cheia de água, que entrega para a primeira criança sentada à sua direita. Esta bebe um pouco e

¹⁸³ É verdade, tem mesmo .

¹⁸⁴ Todos os meninos já viram o avião? / Sim / Eu não vi direito!

¹⁸⁵ Do que estas a rir?

¹⁸⁶ Agora vocês já viram como é que se desenha um avião, para que desenhem num outro dia.

passa para as outras e assim vai até a última criança. A professora toma a caneca e sai da sala mais uma vez.

De regresso ao assento pega o desenho na mão, e dá continuidade à atividade. Questiona as crianças:

Prof.: - Maria, avião é um meio de transporte, sim ou não?

Cri1.: - Sim!

Prof.: - Quantas rodas o avião tem?

Cri2.: - tress.

Prof.: - Kanto asa ki avion ten?

Cri3.: - Doss¹⁸⁷.

Prof.: - Agora nu sta ben cantâ musica do avião¹⁸⁸. - Terminam de cantar e duas meninas começam a cantar e a dançar “Ku duro” (dança africana)

Hora de acolhimento (chamada)

Prof.: - Tô ki tudo minino dja guardá sê mon ku sê boka N, ta fazê acolhimento... dja nhos guarda nhos mon ku nhos boka¹⁸⁹?

Observações finais

Observando o desenrolar das atividades é fácil notar que a interação e comunicação é feita em crioulo, na língua materna. A língua portuguesa, como a língua oficial é a que todo o cabo-verdiano aprende a escrever na escola. Pois é por meio dela que estabelecemos relações externas. Essa nossa segundo a língua aparece, no internas atividades do dia do jardim uma vez ou outra na fala das monitoras e com muita frequência na músicas cantadas pelas crianças.

¹⁸⁷ Sim! / Três / Quantas asas tem o avião? / Dois.

¹⁸⁸ Agora nós vamos cantar a música do avião.

¹⁸⁹ Quando todos os meninos guardarem as suas mãos e suas bocas, eu faço o acolhimento... já guardaram as mãos e as bocas?

Essas crianças ao completarem os 6 anos de idade deixam o jardim para entrarem no primeiro ano do ensino básico. Aqui a língua privilegiada é o português. As crianças que saem do jardim ao entrarem nas escolas de ensino básico, passam a escutar a professora a falar numa língua outra, diferente da que sempre ouviram os pais e as monitoras do jardim falarem.

Inicia-se assim a alfabetização numa língua que não falam diariamente. Isto porque a língua portuguesa, até este presente não tem sido introduzida no sistema de ensino com metodologia de segunda língua. Ela é ensinada como se fosse a língua materna de todo o cabo-verdiano. Fato que não corresponde a realidade pois é o crioulo que ocupa este lugar na sociedade das 10 ilhas do arquipélago de Cabo Verde.

Essa realidade constituiu uma grande preocupação para todos aqueles que pensam a educação e particularmente para os que pensam a educação pré-escolar, o início, o pilar do sistema educativo. Na medida em que as monitoras, orientadoras ou seja os profissionais que trabalham diretamente com as crianças tem um fraco domínio da língua portuguesa. E às crianças deve ser iniciado da melhor forma possível o contato com a língua que será o seu modo de comunicação escrita, o seu meio de comunicação com os outros povos, o seu modo de expressar na sociedade como cidadão e defender os seus direitos perante a lei, a sua fonte de conhecimento científico, na medida em que nos livros e na mídia em geral é o português a língua de comunicação.

O crioulo como nossa língua materna, como a nosso "espaço identitário", há que ser preservado, cultivado e respeitado no interior de todas as instituições destinadas para a educação em Cabo Verde. Mas também há que considerar o português e pensar qual o melhor modo de trabalhar essa questão, com as crianças ainda na primeira infância.

A meu ver o Crioulo/Português é um dos grandes desafios que o sistema educativo, como um todo, tem a enfrentar. E em particular a educação pré-escolar que é a base do sistema.

S. Filipe

Jd. FLORES de S. Filipe

Jardim Flores de S. Filipe foi um dos primeiros da ilha do Fogo. Criado, sem fins lucrativos, em termos físicos em 1981, pelo ICS. Desde sempre atende crianças em idade pré-escolar



Sala de atividade , jd. Flores de S. Filipe Fogo

O espaço físico

Espaço construído com a finalidade de “... atendimento das necessidades de crianças na primeira infância. As crianças usam o espaço externo em conjunto, nos primeiros minutos que entram, ficam na varanda”.¹⁹⁰

O jardim tem 5 amplas, arejadas salas de atividades cada uma com a sua respectiva professora e com os seus respectivos matérias e mobiliaria que no geral é constituído por mesas agrupadas de forma diferente, consoante as atividades do dia; todas as salas tem armários e estantes onde são guardados os materiais e o cadernos de registro e apontamentos de controle da monitora. Pelos cantos, no

¹⁹⁰ Palavras da diretora do jardim, retirado do diário de Campo que se encontra em anexo 3, Jd. Flores de S. Filipe.

chão da sala os brinquedos são agrupados de modo a formarem cantos para brincar, uns de faz de conta outros de jogos, outros de histórias com livros.

Para além das salas de atividade existe uma sexta que é polivalente com recursos audiovisuais musica, vídeo para uso das crianças nos dias reservados para as atividades com musica, ou com visionamento de filmes. Nesta sala é também ministrado algumas atividades de educação física e lugar de convívio todas as crianças.

O atendimento

O jardim atende a 150 crianças, 30 em cada sala. As crianças são divididas por idade: de 3 salas de 4 anos e 2 duas salas de 5 anos. Nas salas reservadas para as crianças de 4 anos encontrou-se 3 crianças com 3 anos de idade. As professoras dizem que não sentem a presença delas nas salas de aula, pois em nada atrapalham e nem dificultam o andamento das atividades em sala de aula.

Todas as crianças pagam uma cota de acordo com a possibilidade de cada família. Os professores visitam as famílias e conhecem as necessidades de cada uma por esse conhecimento estabelecem quem paga e quem não paga cota, e entre as que pagam é acordado o valor de acordo com as posses de casa um.

Para além das cotas o jardim promove festas para angariação de fundos, com musicas cabo-verdianos, pratos tradicionais. E também são muitas as vezes que o jardim faz atividades visando o convívio com os pais e de outras instituições. Também conta com o apoio da Câmara municipal, e dos pais que colaboram com 150\$00 para a compra de material. É desse modo que

se sustem financeiramente e pode oferecer um bom atendimento às crianças.

Os profissionais

Diz a diretora do jardim que *"As professoras tem curso de Monitora de infância. No curso estudaram onze disciplinas das quais o português; pratica; pedagógica; literatura infantil... O curso era dividido em duas fases. A primeira, teórica , na cidade a Praia, e a Segunda, estagio, na ilha de S. Vicente.*

Para além dessas 5 professoras com curso de monitora, o jardim tem a contribuição de uma irmã de caridade, responsável pela esta sala polivalente, onde ministra musica para as crianças uma vez por mês. Ela também auxilia a diretora na gestão e administração do jardim.

Diz a diretora que *"O professor acompanha o aluno o tempo todo , desde que entra até dia que ela sairá do jardim. Trabalhasse com a criança a alfabetização".* ¹⁹¹

Um pouco da observação da dinâmica em uma das salas de atividade

Entramos em todas as salas. As crianças interromperam a atividade por alguns instantes. Elas estavam dividas em dois grupos desempenhando diferentes tarefas. Em um das salas, com crianças de cinco anos, o assunto era comum para ambos os grupos: Introdução ao português.

¹⁹¹ Palavras da diretora do jardim, retirado do diário de Campo que se encontra em anexo 3, Jd. Flores de S. Filipe.

A professora fala em português com as crianças. Diz ela que numa dosagem periódica de uma ou duas vezes por semana. Recitam poesias em português de cor. Preocupada comenta :

"As crianças tem vivência de seis anos de uma língua e daí em diante, quando entram na escola, Vão falar uma outra língua o português. Quando uma criança na escola é usual ela organiza a língua que sempre falou. As nossas crianças chegam na escola e para além de organizarem o crioulo elas tem a língua portuguesa para aprender".

Jd. Paroquial dos Padres Capuchinhos

Na ilha do Fogo existem nove jardins capuchinhos distribuídos pelo meio rural. Os jardins dos padres capuchinhos situam-se localidades afastas do centro urbano(meio rural). Estão sob responsabilidade da igreja católica, nomeadamente dos padres capuchinhos. São eles que se ocupam com o financiamento das despesas do jardim (salário das monitoras e da cozinheira, material ludo-pedagogico e manutenção do prédio) e com a formação das monitoras. A esse respeito, no passado a convite dos padres profissionais italianos chegaram a ilha do Fogo para ministrar alguns cursos de formação.

O jardim visitado atende a 73 crianças em duas salas, uma com 33 alunos e outra com 40.

O espaço físico

O espaço físico, construído sob medida para o atendimento à clientela de 4 a 6 anos de idade, para além das salas munidas de mesas, cadeiras, estantes, cabides com sacos de legos pendurados, quadro preto, e banheiro privativo, é constituído por um pátio externo com chão de cimento, uma escorrega e uma cozinha.

Cada sala tem 5 a 6 mesas com 6 cadeiras, quatro janelas e uma porta. Brinquedos acessíveis, cabides nas paredes com as bolsas das crianças e lego. Armário embutido na parede com portas brancas, banheiro com duas privadas e dois lavatórios.

O atendimento

Recebem crianças em um único período, das 9 - 12:00. São divididas por faixa etária. Deste modo uma sala tem crianças dos 5 aos 6 anos, e a outra dos 4 aos 5, e mais 6 crianças de três anos. Essas crianças são moradas da localidade, compõe o numero de crianças em idade pré-escolar da localidade.

Para além das atividades em sala elas tem momentos de recreio no pátio e de lanche que é sempre uma refeição quente, servida por volta das 11:00.

Como boas vindas as crianças, em uma das salas cantaram:

Sábado antes de almoçar

Uma criança ia brincar, mas não podia brincar

Porque gostava de varrer, assim, assim

As crianças pagam uma cota de 150\$00 ou então 100\$00.

Os profissionais

Cada sala tem uma monitora, ainda em curso de formação. Além delas as crianças contam com uma empregada, responsável pelo preparo do lanche das 11:00 e da faxina do jardim.

Jd. Adventista- S. Filipe

O espaço físico

Nas salas pintadas de azul com desenho do Mickey e pateta vê-se estantes com brinquedos, 4 janelas, quadro negro, sete mesas com quatro cadeiras cada; balde de lixo. O terraço é o espaço reservado para o brincar fora das quatro paredes azuis. Usam sempre que o tempo não está nublado. O banheiro fica afastado do recinto das salas.

O atendimento

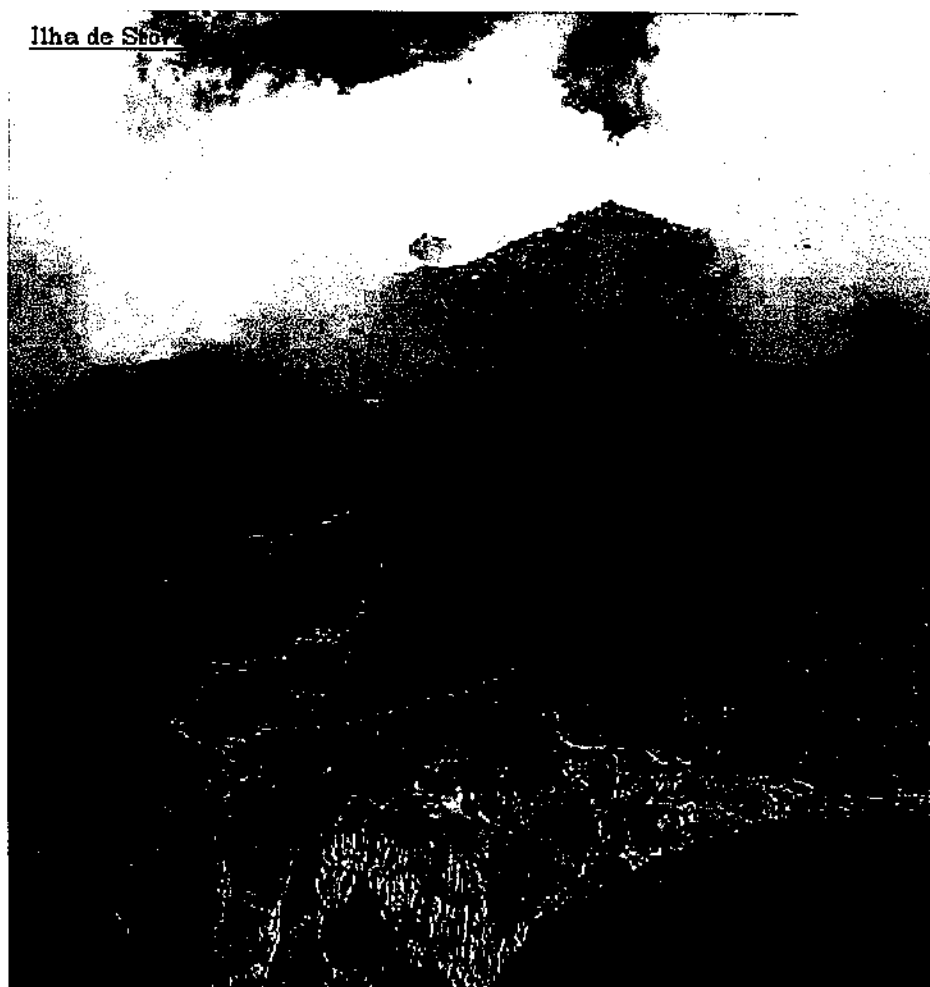
Cada sala comporta em média 24 crianças no período da manhã que tem mais inscritos. Na parte da tarde o total de crianças que frequenta o jardim somam 20. O horário de atendimento vai das 8-12:00 e das 14-17:00. Funcionam duas turmas de manhã e à tarde.

A maioria das crianças pagam mensalidades das porém o valor não é fixo e também tem aquelas que devido à condição financeira dos pais são isentas da mensalidade. Enfim pagam segundo a possibilidade de cada pai: umas 320\$0, 400\$00, 500\$00.

Os profissionais

Cada sala esta sob o cuidado de uma monitora formada pelos cursos de monitoras ministrados pelas técnicas do Ministério da Educação na ilha do Fogo e também por curso s internos patrocinados pela própria igreja. Elas são auxiliadas por duas orientadoras.

Sto. Antão



Jd. Bornefonden

Bornefonden é uma organização não governamental que tem sobre sua tutela a maioria dos jardins da ilha de Sto. Antão. Tem um sistema de apadrinhagem, que nada mais é do que emigrantes cabo-verdianos residentes na Dinamarca, dinamarqueses e holandeses que apadrinharam crianças da ilha, assumindo o compromisso de custearem a educação dessas mesmas, e mantém o jardim.

O jardim que foi visitado tem as seguintes características quanto aos aspectos físicos, de atendimento e profissionais.

O espaço físico

O jardim é uma casa com os espaços acomodados para atender às crianças. A casa tem uma grande sala, pouco iluminada, onde as atividades são desenvolvidas. Na sala encontram-se mesas, cadeiras, estantes com materiais com selo da Dinamarca, brinquedos dinamarqueses de madeira. A casa tem ainda um quintal que é o pátio reservado para os minutos de recreio; uma cozinha, equipada com fogão geladeira, armários, pia, em bom estado de conservação, onde é preparado o lanche, servido diariamente. Um banheiro para uso comum.

O atendimento

A clientela é constituída na sua maioria pelas crianças, de 4 a 6 anos de idade, apadrinhadas da localidade. O jardim funciona em um único período, das 8-12:00.

As crianças tem à sua disposição materiais para trabalho em sala, vindos da Dinamarca, como: lápis de cor, cadernos, papeis para recorte e trabalhos manuais, livros, massa de moldar, alguns jogos didáticos.

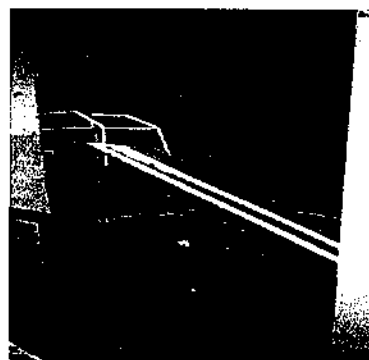
Recebem uma refeição quente todos os dias por volta das 10:00.

Os profissionais

No jardim apenas trabalha apenas 3 pessoas: uma monitora e uma auxiliar como as responsáveis pela intervenção pedagógica, formadas pelo ministério de Educação e uma cozinheira, pessoa que prepara o lanche. A gestão e administração do jardim compete à organização. Eles coordenam à distancia todos os jardins.

Cruz Vermelha - Ribeira Grande

O jardim nasceu de um grande esforço. Diz a diretora que muito batalhou para receber apoio. Movida pela boa vontade, papel de mãe, mulher recorreu a jardins e a outras pessoas que estavam envolvidas a já algum tempo com



Pátio do jd. da Cruz Vermelha Sto. Antão



Sala de atividade, jd. da Cruz Vermelha Sto Antão

o ensino pré-escolar. Começou a construir a estrutura do jardim, que hoje é considerado um dos melhores da vila de Ribeira Grande pelos moradores. O seu maior objetivo era o de ajudar as

mães no cuidado com os filhos, enquanto elas trabalhavam.

O espaço físico

O prédio é constituído por : duas salas no segundo piso. Essas por suas vez comportam mesas grandes de trabalho, estante com brinquedos; janelas; cadeiras; fotografias, panfletos e desenhos nas paredes.

O atendimento

Atende 32 crianças por sala, em dois período: das 8-12:00 e das 14-17:00.



Sala de atividade jd. da Cruz Vermelha
Sto. Antão

Cota de
100 a 1.100\$00 . 50%
paga 100\$00; 38%
200\$00 a 500\$00 ;
12% 1.100\$00; de
acordo com o
vencimento dos pais.
Os salários são pagos
pelo conselho
executivo da Cruz

Vermelha. A cota para a alimentação, produtos de higiene. 32 crianças são apadrinhadas pela Dinamarca. A Holanda financiou a construção do primeiro piso, a câmara municipal de Ribeira Grande a parte de baixo. E recebem apoio da Bornefonden.

Os profissionais

Em cada sala para além das monitoras, existem estagiarias, consideradas como vigilantes do jardim, que ministram as atividades juntamente com as crianças.

Com ajuda de outros jardins, as monitoras tiveram preparação para trabalhar com crianças e hoje estudam no período extra trabalho para poderem acompanhar a reforma do ensino. Pois hoje em dia a formação académica é exigida pelo Ministério de Educação.

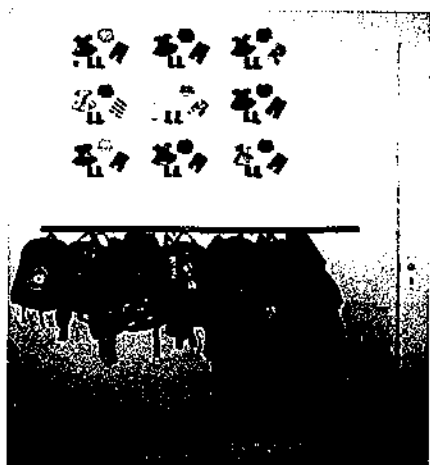
Jd. Ninho - Porto Novo

O concelho de Porto Novo tem onze jardins, ao cuidado da: Câmara; Bornefonden; OMCV; ICS; Igreja Católica.

O jardim "Ninho" é um dos pioneiros da ilha de Sto. Antão, construído sob medida, para receber as crianças e responder as necessidades da primeira infância, em 1984, nos mesmos moldes que o primeiro jardim visitado em S. Filipe.



Sala de atividade jd. Ninho - Sto. Antão



Jd. Ninho: Cabides . Sto. Antão

O espaço físico

O espaço físico tem 4 grandes salas muito bem arejadas e iluminadas, banheiros individuais de uso, cozinha, um amplo pátio cimentado com um tanque de escritório da coordenador que também é a sala de receber os pais. As salas de atividade são fartas de cadeiras, mesas, materiais didáticos e decorados com os trabalhos manuais elaborados pelas crianças ao longo do ano.

O atendimento

Ninho recebe crianças com três anos de acordo com a demanda. É pouca pois a família conta com a participação da sociedade para educar as crianças.

Crianças pagam de 300 a 1.000\$00. 56 crianças recebem bolsa de Bornefonden pagam metade da cota 250\$00. Ajuda a câmara, 25.000 ICS construiu o espaço agora dá o subsídio 50 a 80 mil.

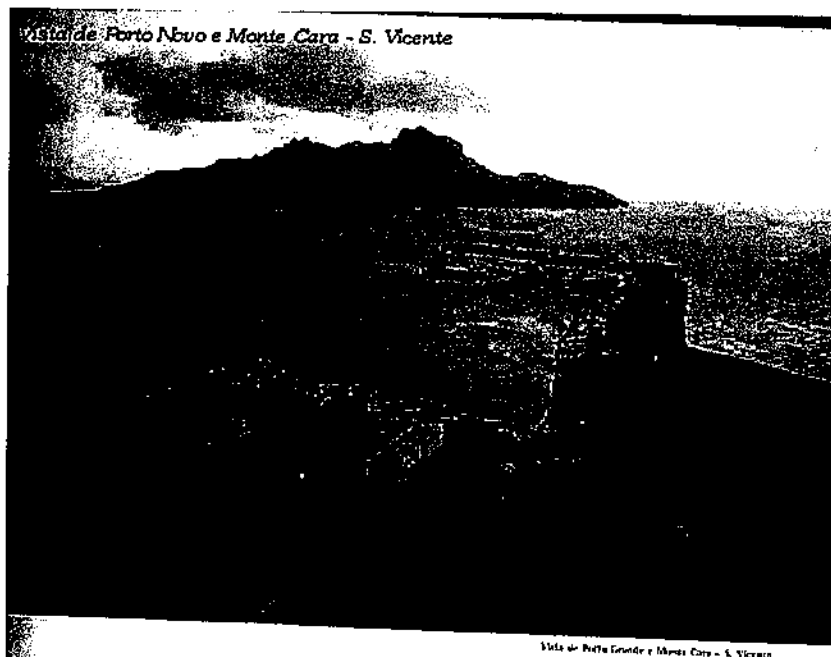


Pátio do jd. Ninho - Sto. Antão

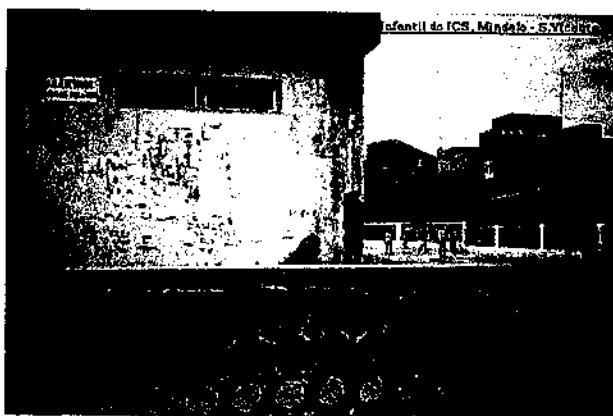
Os profissionais

Cada sala fica ao cuidado de uma professora com o curso de monitora pelo ICS. As monitoras desenvolvem as atividades dentro da sala de acordo com a idade, e acompanham as crianças desde o dia que entram até o ultimo dia no jardim. A diretora participou de todos os cursos de formação de professores para o nível pré-escolar realizados no país. A ela cabe a compra de material, a contabilidade, administração, e a orientação das monitoras.

S. VICENTE



Jd. Mundo Infantil, ICS - Mindelo



construído na cidade de Mindelo.

O jardim Mundo Infantil do ICS, construído em 1978, começou a funcionar dois anos depois em 1980. Foi o segundo jardim infantil

O espaço físico

As seis salas de atividades do jardim são amplas, arejadas e iluminada. Algumas tem uma pequena sacada que não é utilizada devido às condições de preservação e manutenção do espaço que a muito tempo não é remodelado. As salas seguem uma distribuição em U ficando o centro do jardim uma área reservada para o convívio das crianças e circulação geral.



Sala de atividade, jd. Mundo Infantil, Mindelo - S. Vicente

Entre as salas de atividade, agrupadas de dois em dois, existe um banheiro com compartimentos individuais para o uso comum das duas salas de atividade. No total no jardim existem 3 banheiros para uso das classes e um para uso dos professores e demais funcionários.

Na entrada do jardim tem uma sala com revistas e cadeiras para receber os pais. Do lado desta sala à uma outra que é o escritório da diretora do jardim. tem também uma sala reservada para guardar trabalhos das crianças e materiais didáticos. Há também uma cozinha.

O pátio do jardim é toda a área externa que o cerca. Esta por sua vez é delimitado por um muro que devido ao seu estado de conservação, quase nulo, e também por ser baixo, crianças do bairro, maiores de 6 anos, invadem o espaço que deveria ser usado pelo jardim, com bolas, transformando assim o pátio em campo de futebol.

O atendimento

Atende a uma clientela de 3 a 6 anos de idade, pertencente à camada menos favorecida da sociedade, moradoras do bairro onde está situado.

O jardim funciona no período da manhã e à tarde, sendo 153 crianças, divididas por 5 salas e 186 crianças, divididas por 6 salas, respetivamente em cada período. As turmas são divididas por idade, e crianças de ambos os sexos dividem o tempo todo o mesmo espaço. Existem momentos do dia que todas as salas se reúnem no espaço que lhes é de uso comum, ou seja no centro do jardim, no centro do U.

Para além das atividades em sala, às crianças é servido um lanche. Em tempos o lanche era inteiramente por conta do jardim, hoje as crianças contribuem, levando a sua lancheira.

As crianças pagam uma cota mínima mensalmente, estabelecida de acordo com a renda dos seus familiares e ou responsáveis.

Os profissionais

Todas as professoras são senhoras com alguns anos de experiência. Todas elas já freqüentaram algum curso de formação de monitoras, ministrados na ilha, e freqüentemente participam dos cursos promovidos pela coordenação do ensino pré-escolar do ministério de educação de Mindelo.

São as mesmas monitoras que trabalham de manhã e à tarde. Elas acompanham as crianças desde o dia que entram até o dia que saem do jardim para iniciarem a primeira série.

Para além das monitoras, o jardim tem a diretora, uma assistente social e as faxineiras, que o fazem funcionar.

Educação Pré-Escolar em Cabo Verde

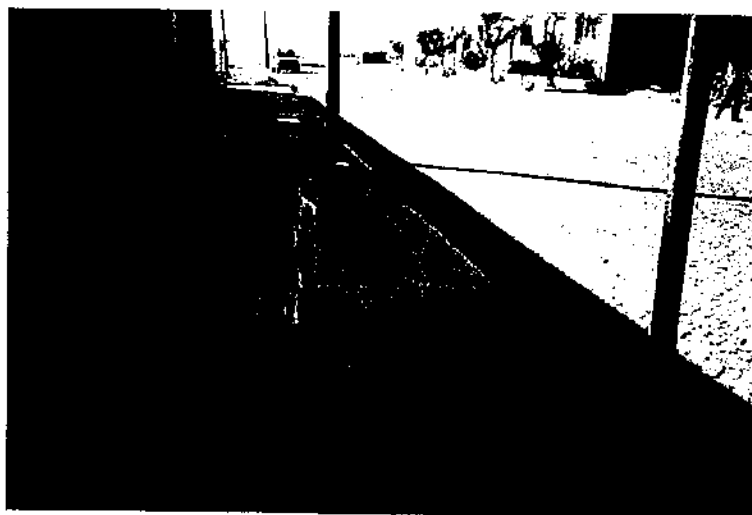
Na mesma ilha foi visitado um jardim privado, cuja dona é uma das alunas do primeiro curso de formação de professoras para o pré-escolar. Este jardim ocupa o primeiro piso da casa da diretora, os cômodos foram adaptados para receber as crianças de 3 a 6 anos de idade.



O ultimo jardim visitado foi um da comunidade. Erguido pelo esforço das mulheres, moradores do bairro e a delegacia de ensino do concelho de Mindelo tem apoiado as orientadoras com cursos de formação.



Sala de atividade do jd. da comunidade - S.Vicente



Considerações finais



Estar em Cabo Verde recolhendo dados para o trabalho juntamente com pessoas compromissadas com a educação da primeira infância foi uma experiência única, por vários motivos. Este estudo de caso permitiu-me conhecer a área que pretendo trabalhar em Cabo Verde, agora que finalizo a graduação e regresso para o meu país natal.

Somente desse modo, pesquisando em Cabo Verde, para conhecer essa realidade, pois a minha formação foi toda ela num país outro, Brasil, que é ao mesmo tempo que é diferente, partilha aspectos que lhe são comuns com Cabo Verde. Diferente pelas experiências e avanços conquistados até agora, não só a nível da Educação Pré-Escolar mas também a nível económico, político e social que o Brasil tem conhecido desde que tornou independente, isto a quase 500 anos atrás. Cabo Verde é um país jovem, com apenas 24 anos. Conhecer as experiências de um país “mais velho” que teve a mesma metrópole enquanto colônia, com raízes culturais semelhantes (africanas e europeias), com a mesma língua de comunicação com o exterior, foi um ganho enorme para a formação da educadora que hoje sou.

O fato de estar fora e de não poder estudar com os professores a realidade de Cabo Verde incentivou-me a conhece-la melhor. E por isso a minha decisão pelo tema que originou este trabalho.

Como tudo que o é bom, tem um preço a ser pago, paguei o preço, no momento de recolha de dados. A maioria dos documentos, que compõe este trabalho, foram adquiridos no ultimo momento. Durante o tempo da minha estada em Cabo Verde não sabia onde procurar documentos que falassem da Educação Pré-Escolar. Procurei no Ministério da Educação, mas para além das leis e do Programa Nacional de Educação Pré-Escolar, os outros documentos não estavam disponíveis do publico.

Na impossibilidade de conhecer as produções e estudos feitos pelo Ministério de Educação recorri a outras fontes. E assim pesquisando sobre a cultura e a história da educação em Cabo Verde consegui escrever os primeiros tópicos deste trabalho. Mais tarde, já de regresso a Brasil, depois das férias, recebi todos os relatórios que foram mencionados no corpo do trabalho. No entanto a facilidade de chegar nas instituições, para conhecer, conversar, fotografar, pesquisar mostra o quanto se está aberto para mudanças e avanços.

Como o leitor deve ter percebido, no trabalho, pouco se faz menção a números. Isto devido à falta precisão dos dados coletados. Por exemplo, relativamente ao nº de crianças que freqüentam as instituições, nem sempre existem registros de inscrição e freqüência organizados. Além disso a inexistência de informações como: o nº de crianças residentes; a taxa de natalidade; a evolução demográfica (migração; emigração); a rede institucional existente para o ensino básico e taxas de insucesso e abandono escolar; a taxa de ocupação feminina e caracterização das principais ocupações; uma caracterização sócio-familiar mais detalhada das crianças e dos principais problemas de saúde e necessidades educativas especiais; etc., dificultaram uma melhor caracterização da rede institucional.

Das dificuldades apontadas as que mais tem preocupado é a formação das monitoras e orientadoras que convivem diretamente com as crianças. Elas tem muita dificuldade em realizar atividades para as crianças e de introduzir o português que é um dos objetivos da Educação Pré-Escolar. Uma outra preocupação é a diversidade de proprietários das instituições para a educação da primeira infância, pois sem normas reguladoras comuns no que se refere às condições de atendimento oferecidas por essas instituições e ao cumprimento dos objetivos da Lei de Bases para a Educação Pré-Escolar, muitos são os estabelecimentos que se tornam prejudiciais à criança, além de que diminui a capacidade do Ministério da Educação desempenhar o seu papel de tutor pedagógico. O que vem reforçar a

necessidade de uma melhor clarificação e divulgação das normas curriculares para apoiar as práticas educativas e do governo assumir de uma vez por todas a Educação Pré-Escolar, criando jardins sob o seu pleno cuidado. A existência de orientações curriculares bem definidas e a existências de jardins infantis do Ministério da Educação é fundamental para o desenvolvimento da Educação Pré-Escolar com qualidade para todos, crianças do meio urbano e do meio rural.

Espero que este trabalho por ter uma boa parte dos documentos oficiais relacionados com a Educação Pré-Escolar existentes em Cabo Verde, sirva de auxílio para outros estudos mais aprofundados a respeito. E que de alguma forma contribua para um conhecimento melhor da rede institucional da educação da primeira infância em Cabo Verde.



Referências Bibliográficas



- ♦ Decreto-lei nº 45 908 de 10 de setembro de 1964.
- ♦ Diploma legislativo nº 958 de 1947, artigo 5º.
- ♦ Decreto lei nº 47489 de 2 de janeiro de 1967.
- ♦ Diploma legislativo nº 1663 de 19 de julho de 1968 , artigo 6º.
- ♦ Decreto-lei nº 33/75 de 3 de maio, MEC, Governo de Transição, in B.O. de Cabo Verde nº 19 de 10 de maio de 1975.
- ♦ Lei nº 13/74, Conselho de Estado, Estatuto Orgânico do Estado de Cabo Verde, in Suplemento ao B. O. de Cabo Verde nº 2, 13 de janeiro de 1975.
- ♦ Decisão com Força de Lei nº 1/75 de 5 de Julho, Presidência da República, in B. O. da República de Cabo Verde nº 1 de 5 de julho de 1975.
- ♦ Plano Nacional de Saúde, MSAS, Praia, 1976. O Novo Sistema de Ensino, Encontro Nacional de Quadros da Educação, Ministério da Educação, 1977.
- ♦ Lei n 103/III/93 , cap. III, art. 11º, in Suplemento ao B.O. nº 52 de 29 de dezembro de 1990.
- ♦ Decreto -Lei 12/94 de 29/12/94.
- ♦ Decreto -Lei 74/94 de 27/12/94.
- ♦ Decreto -Lei 77/94 de 27/12/94.
- ♦ Decreto -Lei 20/96 de 17/6/96.
- ♦ Decreto nº 3435, 1997, Plano Orgânico Da Instituição Pública de Cabo Verde.
- ♦ Lei 14/97 de 24/3/97.
- ♦ Decreto - Regulamentar 4/98 de 27/4/98.
- ♦ Resolução para análise d política educativa (?/98).

▣ ANDRADE, Elisa Silva, *As de Cabo Verde da "descoberta" à Independência Nacional (1460-1975)*, Paris: L'Harmattan, 1996.

▣ CARDONA, Maria João e LEANDRO, Maria Elisa, *Educação Pré-escolar em Cabo Verde: Relatório da Missão realizada de 17 a 24 de junho de 1998*, Lisboa, julho de 1998.

▣ CARVALHO, Adriana Sousa, *O Ensino Básico Integrado*, Gabinete de Supervisão e Coordenação Instituto Pedagógico de Cabo Verde, 1998.

▣ Cap Vert- Enseignement et Formation, EEM/ 134, Division du financement de l'éducation, UNESCO, 1986.

▣ Direcção Do Ensino Básico e Secundário / Ministério da Educação, Ciência e Cultura de Cabo Verde, *Evolução da Educação Pré-Escolar em Cabo Verde, Jornadas Pensar para melhor dinamizar o pré-Escolar*, fevereiro , 1998.

▣ Direcção Do Ensino Básico e Secundário / Ministério da Educação, Ciência e Cultura de Cabo Verde, *Subsídios recolhidos nos debates sobre a educação pré-escolar, no ensino básico integrado e o ensino secundário privado*, maio, 1998.

▣ FILHO, João Lopes, *Cabo Verde: Subsídios para um levantamento cultural*, Lisboa: Plântano Editora, 1987.

▣ Gabinete de Estudos e do Desenvolvimento do Sistema Educativo/ Ministério da Educação, Juventude e Desporto, *Educação em Cabo Verde e suas Perspectivas*, Cabo Verde, outubro de 1998.

▣ Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade, *Documento sobre a organização da educação infantil em Cabo Verde*. 1980.

- ☞ Ministério da Coordenação Económica, *As grandes opções do Plano 1997-2000: inserção dinâmica de Cabo Verde no sistema económico mundial -uma opção pelo desenvolvimento económico e social autosustentado*, Cabo Verde, 1997.
- ☞ Projecto Educação I, R.C.V., Estudos de Pré-investimento, PARTEX.
- ☞ Coordenação Do sector Pré-Escolar / Ministério de Educação e Desporto, *Programa nacional para a Educação Pré-escolar*, 1996.
- ☞ RODRIGUES, Moacyr, *Cabo Verde: Festas de romaria, Festas juninas*, Mindelo: Gráfica do Mindelo, maio de 1997.
- ☞ PROMEX, *Cabo Verde: Ilhas da Morabeza*, Praia, 1998.
- ☞ Relatório do Desenvolvimento Humano de Cabo Verde, 1997.
- ☞ SÊGUIR, Jaime de, *dicionário pratico ilustrado*, Porto; Lello & Irmão, 1994.
- ☞ VEIGA, Manuel, *O crioulo de Cabo Verde : Introdução à gramática*, Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 2ª ed., 1996.

Anexos

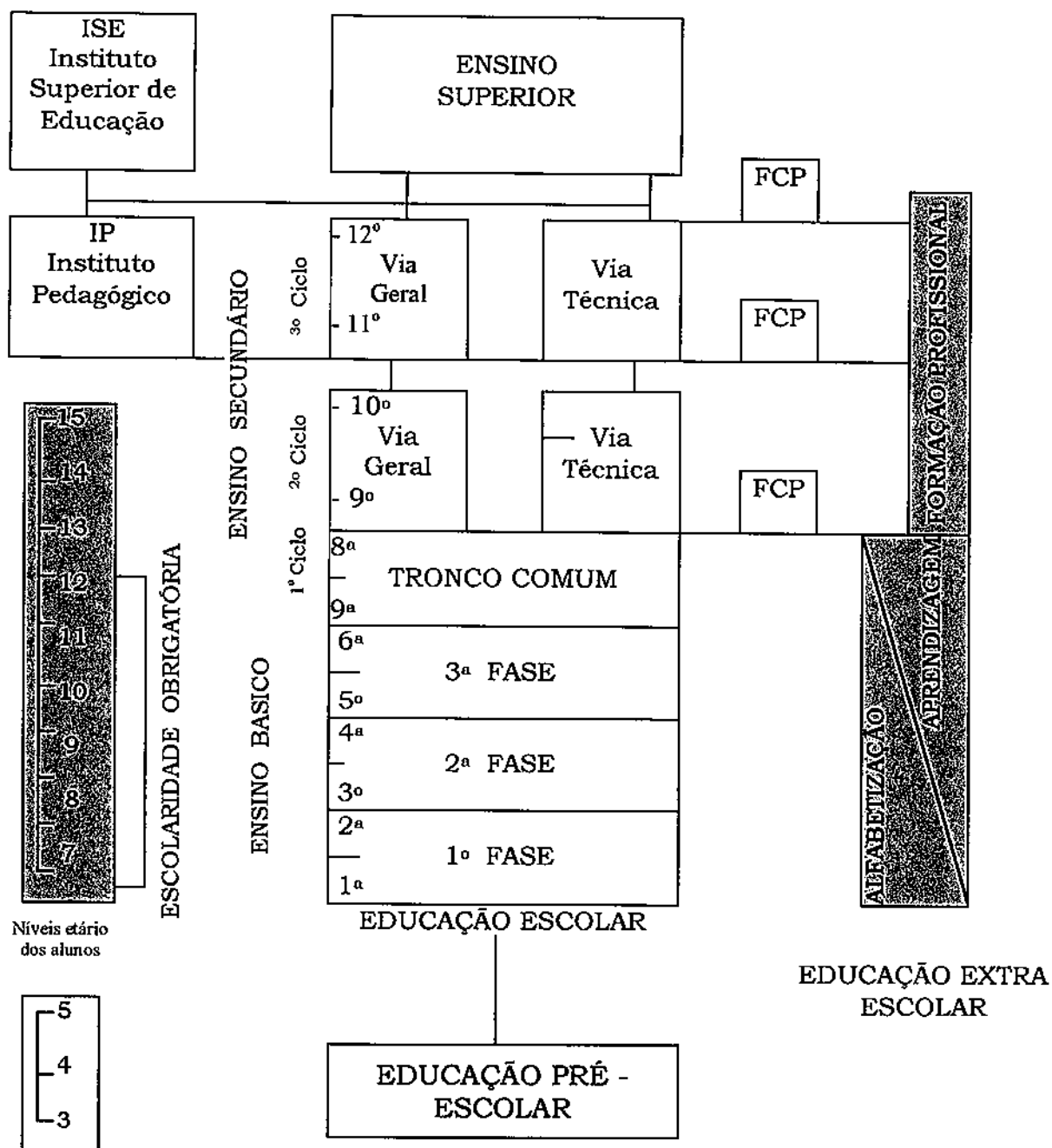


Anexo 1 : As estruturas do Sistema Educativo antes e depois da L.B.S.E.

Ensino Básico Antes da L.B.S.E.	Ensino Básico Antes da L.B.S.E.	Ensino Básico Antes da L.B.S.E.	Ensino Básico Antes da L.B.S.E.
Ensino Elementar	4	Ensino Básico Integrado	1ª Fase 2
			2ª Fase 2
Ensino Complementar	2		3ª Fase 2

Quadro retirado do livro "O Ensino Básico Integrado"

Anexo 2 : Organograma do Sistema educativo de Cabo Verde



Legenda : FPC, Formação Complementar de Profissionalização.

Retirado do relatório "Educação Pré-Escolar em Cabo Verde: Relatório da missão realizada de 17 a 24 de junho de 1998"

Anexo 3 : DIARIO DE CAMPO

Data: 18.01.99

Jardim Sorriso

O Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade (ICS) é um dos promotores do surgimento de instituições que atendem crianças da primeira infância. Jardim SORRISO, é um dos muitos jardins que estão sob a responsabilidade deste instituto.

Inicialmente o jardim era de carácter social, paulatinamente componentes pedagógicos foram sendo introduzidos para o melhor atendimento das crianças. Acreditam e apostam na capacidade das crianças pobres. Acreditam que : *“Educar implica colocar um especialista capaz de botar para fora as condições físicas intelectuais e morais de todos os seres humanos, de todas as crianças, ricas ou pobres, brancas ou negras”*. (fala da diretora do jardim).

O contato com o jardim foi feito pela da técnica do Ministério de educação que se fez presente em todas as outras visitas.

Entrevistada: Diretora do jardim, com formação de monitora pelos diversos cursos ministrados na cidade da Praia pelo ministério de educação e pelo ICS. Tem dezanove anos de experiência, trabalhando com crianças em idade pré-escolar.

Chegando no jardim ela estava à nossa espera. Apresentou-nos o espaço construído especificamente para o atendimento de crianças em idade pré-escolar (de quatro a seis anos, que é a obrigatoriedade, ainda que com frequência facultativa, em Cabo Verde).

O espaço dispõe de cinco salas; dois banheiros: um para meninos e outro para meninas; uma cozinha; um pátio com o chão de cimento e dois tanques de areia. O atendimento é feito em dois períodos: de manhã e à tarde. Cada sala tem uma monitora; as turmas são mistas.

Depois deste primeiro momento sentamos no corredor do jardim para conversar. Eis aqui um pouco do desenrolar da conversa. - É de se considerar as participantes: Professora Ana Lúcia Goulart de Faria e Djanira Silva (na qualidade de pesquisadoras, apareceram como Pqs.); Teresa Araújo Técnica do ministério de educação (Téc.) a diretora do Jardim (Dir.).

Pqs: - Qual é a preparação das monitoras?

Dir.: - Elas monitoras, tem a sexta serie formação acadêmica, 3 anos e mais seis meses de formação para pré-escolar. Todas elas participam de seminários de reciclagem durante o exercício. Pelos anos, enquanto trabalham estudam e tem elevado o nível de escolaridade.

Pqs.: - As turmas são mistas ...

Dir.: - Educação dos zero aos seis anos é um investimento a longo prazo, pelo

que é misturado a menino e menina, negro com branco, rico e pobre.

Téc.: - O neoliberalismo, o neocolonialismo, que a nossa presente nação esta a viver tem abrido mão da responsabilidade de educar os pequenos. Logo as ONGS e demais entidades particulares tem arcado com a responsabilidade.

Pqs.: - Como é que as crianças são educadas em Cabo Verde? Em Portugal há uma diferença educacional entre os esquerdistas e os centristas. Faz-se uso do High Scoop¹⁹². Os livros são receitas de bolo e é usado como tal, cartilha de trabalho pedagógico.

Téc.: - Aqui importamos muita coisa de Portugal. Alguns técnicas deram formação para as nossas monitoras...

Dir.: - Pré-escola em Cabo Verde não ligam muito, nós somos o pilar.

Pqs.: Não existe carreira para nós os profissionais do pré. Tudo o que existe são monitoras diplomadas, e educadoras com formação superior na área, ocupando o lugar de técnicas da educação infantil no ministério de educação.

Dir.: - Nós é que trabalhamos para o pré-escolar não descer por água a baixo. Somos uma classe militadora: Já ficamos quase um ano sem vencimento, nunca faltamos ao trabalho... A comunidade se envolve. Querem a pré escola para a melhora de vida do seu filho, como lugar onde a criança brinca e é cuidada. As mães sentem seguras deixando os seus filhos aos nossos cuidados. Sabem que estão seguros.

Téc. : - Cabo Verde em termos de leis é um dos mais modernos que existe, mas falta governantes para colocar a lei em pratica. Temos uma grande dificuldade de supervisionar os jardins e acompanhar o funcionamento "dentro dos rigores da lei". E vemos jardins em espaços que deixam muito a desejar. Jardins em casa-de-banho temos muitos. E nós poucos podemos fazer, pois por serem particulares os donos simplesmente não abrem a porta quando batemos para fazer supervisão.

¹⁹²High Scoop, proposta de estruturação da escola com princípios americanos onde vence o mais esperto o que melhor sabe competir.

Jardim da Cruz Vermelha

A diretora do jardim nos aguardava. Este jardim é uma das pioneiras da cidade da Praia. Inicialmente era de carácter social, se propunha a prestar serviço à camada de população carente da cidade e dos arredores. Hoje desempenha uma função estritamente pedagógica junto ao ministério de educação.

O jardim, em termos de espaço, é composto por: três salas e atividades, um banheiro coletivo, uma cozinha, uma hall de convívio, um pátio de areia com escorregas, baloiços, na entrada.

Recebem crianças de três a seis anos de idade, das 8 às 17:00, período integral. São servidas três refeições: o lanche da manhã, o almoço e o lanche da tarde.

As turmas são mistas divididas por idade. Cada uma conta com uma monitora e uma auxiliar, também monitora, porém com menos anos de experiência. Cada sala tem em média 32 alunos.

Não existe um critério rigoroso de matrícula, desde que existam vagas as crianças são inscritas. No entanto dão preferência para aquelas que tem menos condições financeiras.

Logo à chegada, veio ao nosso encontro uma professora. Ela antecipou as apresentações da diretora e conduziu-nos para o interior da sua sala atividades. Os alunos sentados em cadeiras a brincar com brinquedos sobre a mesa de quadrada de trabalho que comporta quatro crianças; estantes cheias de brinquedos, matérias didáticos, jogos pedagógicos, livros de história trabalhos das crianças; janelas grandes por todos os lados da sala.

Meninos brincam com carro. A fala de uma criança explica o porque: *"Menina não pode brincar com carro, é brincadeira de homem"* (menino de 4 anos).

A visita prosseguiu conhecendo as outras divisões do prédio. Todas as classes seguem o mesmo padrão da primeira. Mudam as crianças, as abordagens as atividades, que diferem de acordo com a idade. Assim as da primeira sala, a sala rosa, brincam e cantam músicas em crioulo e em português o tempo todo; as da Segunda sala, a sala amarela, brincam um pouco menos, cantam mais músicas em português do que em crioulo, a professora solicita e explica as atividades em português e em crioulo, trabalham com mais números, mais vocabulários do léxico português; as da sala verde estão prestes a ingressar no primeiro ano do ensino fundamental, pelo que a professora conta cada vez mais histórias em português, recitam poesias em português, cantam em português.

Em cada sala fomos recebidas com cânticos das crianças. Todos os três forma em português.

Jd. PIQUINOTI – Fazenda cidade da Praia

Jardim privado, dirigido por uma brasileira, atende crianças de zero a seis anos. O jardim é uma casa com os cômodos adaptados para atender a clientela¹⁹³ dos zeros aos seis anos, em dois períodos. Com três salas, um banheiro, uma área comum e um pátio na entrada. Conta com três professores e duas auxiliares. A essas duas cabe o cuidar, e às monitoras a parte pedagógica.

Depois de conhecer as instalações conversamos com a diretora do jardim. Três aspectos abordados pela técnica do ministério são dignos de registo:

Téc.: - Jardins, oficialmente atendem crianças dos 3 aos 6 anos de idade . A autorização dada pelo Ministério de educação compreende essa faixa etária, porém todos os jardins recebem crianças com meses.

Téc.: - A educação pré-escolar é o ponto de partida para um percurso de sucesso em educação . A sua frequência tem reflexo positivos na vida futura do cidadão. Não tem vagas para todos na pré-

escola. Este é uma contradição no sistema que a sua promoção se contradiz pois não oferece vagas para todos.

Téc.: - Esse grupo de crianças do interior das ilhas não tem jardim nas localidades.

21.01.99

9:00

De acordo com a agenda elaborada por mim e pela técnica Teresa Araújo, acompanhando a professora Ana Lúcia, chegamos ao Ministério de Educação para um encontro não oficial com a diretora geral do Ensino Pré-Escolar e Básico e com Acessora do Ministro de Educação .

Tivemos a companhia de uma outra técnica do ministério, a psicopedagoga Maria de Jesus. Ela fez as apresentações que foram complementadas por nós as pesquisadoras com agradecimentos, apresentações dos respectivos temas de pesquisa, razão pela qual se encontrava no país.

¹⁹³ Esse jardim, assim como outros jardins particulares atendem, ainda que sem autorização do Ministério da Educação, a crianças dos 0 aos 6 anos de idade.

Conversa com a Diretora da direção do Ensino Pré-Escolar e Básico Integrado; Norberta Mendonsa

Para início de conversa a professora Ana Lúcia partilhou a grande surpresa que os poucos dias de convívio na cidade da Praia reservou-lhe:

"As crianças de Cabo Verde não são da língua portuguesa, falam crioulo."

A diretora foi convidada por nós as pesquisadoras, a falar sobre a continuidade da educação pré-escolar ao qual respondeu:

Norberta Mendonça (NM):- Não estou apta para falar da educação pré-escolar. Estou agora a assumir esta função, e pouco posso aprofundar nesse assunto. Fui professora num momento que as nossas crianças não freqüentavam o jardim. Nos anos 70/80 Não haviam crianças que tivessem freqüentado o jardim nas escolas. Havia o pré-primário. Em 75 começou a nascer os primeiros jardins nas zonas urbanas. Pré-primário, era uma espécie de preparação para a primeira classe, as crianças brincavam, cantavam, desenhavam aprendiam os números de 1 a 5, faziam recortes e letras. Era uma preparação para a sala de aula.

Pqs.: - Como vê o jardim ?

NM.: - Ainda há problemas. Pois existem zonas sem estabelecimentos pré-escolares. Outros lugares possuem estabelecimentos, porém não estão estruturalmente preparados. Temos monitoras com apenas a quarta classe e com um espaço físico reduzido para trabalhar. E a maioria deles estão a cargo das câmaras municipais.

Pqs.: - E, como fica o Ministério de Educação...

NM.: - O ministério da Educação tem a função de supervisão. Tem uma coordenadora por concelho. A ilha do Sal tem 6 jardins; Praia 54; S. Vicente 23; S. Nicolau 4 ; Sto. Antão 21 em Ribeira Grande, 7 Paul, 10 Porto Novo ; Fogo: 24 S. Filipe, 7 Mosteiros; Brava 11; Boavista 9; Maio 10. São autorizadas para atenderem crianças dos 3 aos 6 anos de idade. Mas freqüentam crianças de 4 a 6 anos. Pois a lei obriga-as a freqüentarem.

Prof.: - Cabo Verde tem muitas crianças e muitas acompanham as mães no trabalho... porque Cabo Verde não vai fazendo creche juntamente com o pré?

Téc.(Jesus): - Aqui não tem uma organização que ocupa da creche. O ministério de educação só apoia o pré. A Itália já vem dando um apoio na formação de educadores. No Fogo já veio gente, da Itália para formar monitoras nos jardins capuchinhos.

- Na parede do gabinete da diretora tem um panfleto com os seguintes dizeres:

"Projecto de ensino Básico Melhoria da qualidade do Ensino... O aluno aprende com o professor (desenho de

duas pegadas: uma de adulto e outra de criança) O professor aprende com quem? (desenho de muitas pegadas de adultos).-

Téc.: - Desde 1987 a Unicef não apoia o ensino pré-escolar o que tem prejudicado um pouco atendimento e a cobertura nesses últimos anos. Tem crianças, menores de três anos vindo de casa para o jardim. Tem demanda, mas não tem jardim para acudir a tamanha demanda. Tem, também, crianças voltando para casa e esperando a idade dos 4 anos para poder entrar no jardim. Pois dá-se preferência crianças nessa faixa etária, são as primeiras da fila.

Conversa com a Assessora do Ministro

21.01.99

A língua portuguesa é a nossa segunda língua – Diz a Assessora do Ministro de Educação. (Asse.)

Pqs.: - A escola não ensina o português como segunda língua. No jardim de infância se fala crioulo. O contato com o português é feito por intermédio de músicas, do ouvir.

Asse.: - O pré só a pouco esta a ser assumido, pelo Ministério de Educação. Apareceu para cativar as crianças Existe muito amor para dar. São jardins privados... A maioria cobra 1000 \$00... As diretoras dos jardins não são pessoas formadas, com tal perfil não se pode preocupar em questionar o ensino da língua... Toda a socialização é feita em crioulo... Nos jardins há muita boa vontade.

Pqs.: - Filhote, come e dorme. Crianças não são apenas seres biológicos, mas sim seres sociais.

Asse.: - A língua portuguesa na escola, foi assumida, pela resolução dos ministros em Março de 98. O governo assumiu políticas que vão legalizar o ensino da língua portuguesa com metodologia de segunda língua. A reforma de 98 já o assume e aponta o princípio que o português é a segunda língua e como tal deve ser ensinada. Português já é assumido como segunda língua. Mudasse a forma de se ensinar o português o bom seria ter especialistas que nos avaliam e dirigem. É a melhor metodologia.

Pqs.: - Acredita que pode haver alguma diferença entre as crianças que freqüentam o jardim?

Asse.: - Tem diferença sim, são desinibidos demais.

Pqs.: - E a qualidade do atendimento do jardim?

Asse.: - A qualidade de um jardim depende muito do que se pode pagar...Só agora o Ministério esta apoiar o pré-escolar.

Pqs.: - O Ministério de Educação autoriza a entrada de crianças com apenas três anos, mas vimos crianças com menos de três no jardim.

Asse.: - Criança de meses vão para o jardim porque as famílias pedem .

Pqs.: - Notei que a maioria das monitoras não tem formação.

Asse.: - A oferta do privado sobrepõe ao publico. E por ser pago, as vagas são limitadas.

Pqs.: - Dentro da família a criança não desenvolve todo o seu potencial de ser humano .

Asse.: - 80 % das mães põe o menino na creche devido a lei. Todo mundo mete o menino no jardim ... metemos o menino no jardim porque é um lugar onde ele vai aprender a viver com os outros para socializar ... Ridiculamente, pois o governo não apoia ... mães são obrigadas no meio rural e são duplamente penalizadas... a obrigatoriedade é algo de incoerente, pois o governo não oferece jardins para as crianças do interior.

Pqs.: - O que pensa a respeito destas crianças que não freqüentam o jardim?

Asse.: - As nossas professoras do básico queixam-se que passam meses tentando colocar as crianças sentadas no banco , para depois lhes ensinar alguma coisa. Trabalho esse que poderia ser economizado caso essas crianças freqüentassem o jardim.

Asse.: - No jardim as crianças não tem problemas de comunicação , elas só falam crioulo... elas comunicam e se expressão mais em crioulo por ser a língua materna.

Asse.: - As crianças, com a professora falam sempre português e com os colegas crioulo, isso na escola.

22.01.99 foi dia da primeira conferência da professora Ana Lúcia, no Instituto Pedagógico da cidade da Praia. Num primeiro momento a palestranda fez uma exposição da situação atual da educação pré-escolar brasileira, da formação dos profissionais da pré-escola, da pedagogia macunaímica, e a palestranda apresentou o tema da sua pesquisa, razão pela qual ela se encontrava em Cabo Verde. Discutiu-se sobre a educação pré-escolar em Cabo Verde, num segundo momento da conferência. Falou-se da situação atual, dos problemas que esse subsistema de ensino atravessa. A respeito desta Segunda parte alguns fragmentos que contribuíram para a minha pesquisa estão anotados mais adiante.

O Intervalo entre os dois momentos proporcionou esta oportunidade de conversa com a coordenadora dos jardins do concelho da Praia sob a tutela da Câmara Municipal da Praia.

Eis a transcrição da fala da entrevistada:

Jardins da CÂMARA MUNICIPAL da Praia

A câmara municipal , apoia financeiramente e com equipamentos os seus jardins.

O plano de trabalho é semanal, elaborado nas reuniões de monitoria da câmara. As monitoras que trabalham nos jardins tem um baixo nível de escolaridade, a ponto de ser necessário a simplificação da linguagem dos cadernos e programas de trabalho que são elaborados semanalmente com o auxílio da coordenadora. A coordenação faz a simplificação dos cadernos e do programa de trabalho.

Semanalmente, a coordenadora visita os núcleos, com o propósito verificar o cumprimento do programa de ensino pré-escolar elaborado pelo Ministério da Educação. Na zona rural, a coordenadora, acompanha de perto as monitoras: *"fico mais tempo com aquelas que a formação académica é insuficiente para trabalhar com as crianças e pôr em pratica o programa"*. Ela afirma : *"Quando lá vou , fico professora."*

Atendem crianças dos 3 aos 6 anos em dois períodos, com excepção de algumas localidades no meio rural¹⁹⁴ que funcionam num único período das 8:00 às 13:00. Na cidade da Praia tem 27 jardins. Na zona rural começaram a ter jardins entre 1997 e 98, no total são 25 jardins. Locais: Matão 1; Cidade Velha 1; João Varela 1; S. Francisco 1; Porto Mosquito 1; Pico Leão 1; Belém 1; São Tomé 1; Santana 1.

As monitoras são residentes locais, com o mínimo de 6 anos de escolaridade.

No meio urbano, os jardins estão espalhados pelos bairros mais carentes. A saber: Vila nova, Várzea, Achada Grande Trás, Tira Chapéu. Com uma cota mínima de 50\$00 e máxima de 300 \$00 . As crianças levam o lanche devido a falta de pessoas apropriadas para confecção dos mesmos.

Diz ela que a comunidade esta satisfeita com o serviço que tem prestado: *"O povo gosta."*

Problemas: *"Viatura para deslocar aos locais é escasso. Pelo que depende, da disponibilidade dos transporte , simplesmente não se faz o trabalho"*

ICM, é o organismo que mais se encarrega para a organização de cursos de reciclagem dos monitores juntamente com os com técnicos, os educadores infantis. Tem ensinado metodologias de trabalho.

¹⁹⁴ É considerado meio rural todas as localidades que saem do perimetro do centro urbano.

Discussão em grupo- segunda parte da conferência.

Aqui estão algumas das questões que foram abordadas pelo grupo, presente:

Os jardins não usam materiais que a natureza oferece. Acreditam que jogos e brinquedos são apenas os que são vendidos... o material de desperdício, considerado pobre, faz parte da natureza, e faz a criança inventar... pais que vêem seus filhos a brincar com pedras numa escola paga dificilmente entendem o porque do seu filho estar com tal brinquedo mas mãos. - Ana Lúcia

Problema colocado - Perfil das orientadoras : sem formação, trabalham sem nunca terem tido uma noção pedagógica, teórica, da pratica . Por vezes nem boa vontade existe nelas. O provisório ficou definitivo e se economiza salário, isso no mundo todo acontece... Orientadora , são as que não tem formação, gente com o sexto ano de escolaridade. É uma forma de ganhar dinheiro. Algumas tem apenas o quarto ano de escolaridade.

Um outro problema levantado é o salário: "Aqui passam meses sem receber"

As monitoras que recebem o curso de 3 anos : "São elas que tem enquadramento no Ministério"

"A criança tem o direito de ser educada fora de casa porque ela vai ser diferente" - Ana Lúcia

"Quem veio do jardim é completamente diferente ... Os professores do primário dizem que são inquietos" - Monitora

Questões apresentados pela representante do projeto Alemão:

Perfil do pessoal na área; O divorcio entre o jardim e a comunidade; A mentalidade colonial nos deixou a idéia que os pais só vão à escola quando o filho tem algum problema... Temos jardins sem o mínimo de condições físicas, estruturais para receber as crianças. Não será melhor elas ficarem em casa?

É fácil abrir uma creche ou instituição de atendimento à criança de zero a seis

anos : ...Abrir uma creche e um bar é a mesma coisa, vai-se na secretaria recolher os impostos e pronto.

Professora Ana Lúcia responde às questões com a seguinte colocação: Por pior que seja a creche o governo tem que dar essa opção. Por direito à infância, só o fato de freqüentar um ambiente diferente do familiar com os seus iguais está-se a respeitar um pouco os direitos da criança... o mundo esta dividido entre dois grupos: Os que andam e os que não andam. Os primeiros trabalham e os segundos não. Logo após o desmame muitas crianças estão expostos ao trabalho explorado. A educação é a solução de todos os problemas sociais, grande mentira. A saúde, o setor de obra o serviço público, a própria comunidade. Para quem é pobre qualquer coisa basta. Se para

entrar na escola com seis anos é obrigatório fazer dois anos de pré ... então o governo tem de dar a opção.

"Mãe eu faço esponeamente professora eu tenho que pensar antes" Ana Lúcia.

Fogo

Mosteiros

Partimos da cidade da Praia rumo a Mosteiros, ilha do Fogo, acompanhando a técnica Jesus e a representante do projeto alemão num trabalho rotineiro de supervisão às instituições pré-escolares da ilha do Fogo e Brava. Chegamos no final do dia, aproveitamos para conhecer a pequena vila dos Mosteiros. No outro dia dividimo-nos em duplas eu e a técnica Jesus, a Ana Lúcia e a representante do projeto alemão¹⁹⁵. Antes de sair para o trabalho de campo recebemos o folheto de supervisão e cada uma de nós acompanhou o trabalho das responsáveis.

Na parte da manhã visitamos da localidade de Cutelo Alto e no período da tarde o jardim Flor Nascente.

Cutelo Alto

Descrição do espaço físico: O espaço é constitutivo por dois cômodos. No primeiro bancos e cadeiras pequenos, quadro preto no chão, canto com brinquedos no chão, paredes com desenhos e trabalhos das crianças, no teto com cordas penduram recortes ornamentais; pequeno pinheiro de natal artificial e um relógio na parede.

A Segunda sala tem dois cantos um de leitura e outro de jogos, este é composto por legos e jogos de quebra cabeça e o outro por livros em caixotes e outros arrumados no chão; lápis de carvão e coloridos.

Numero de crianças: 18 inscritos. São todas as crianças em idade pré-escolar (4 aos 6) da localidade.

O jardim é uma casa arrendada, com pátio calcetado com pedras , dois bancos de cimento, algumas plantas. Casa de dois quartos, duas portas e uma janela na parte oeste.

Início das atividades do dia com educação física: 3 grupos de crianças de acordo com a ordem em que estavam sentados. Professora da os comandos; 1,2,3 faz juntamente com as crianças. Enquanto um grupo faz os outros estão sentados a observar.

¹⁹⁵ Os jardins são da Câmara, mas recebem apoio do projeto Alemão de investimento.

Crianças : meninos com calça, bermuda alguns com tênis nos pés, outros com sandálias e outros ainda pés descalços, cabelos bem curtos. Meninas: algumas de short outras de saia e a maioria de vestido. Todos, exercitam o corpo, sentados em [] de frente para a professora, observam-na com atenção a iniciar a Segunda atividade do dia.

Professora apresenta o pato:

“Oji kuasi dja ka tem pato. So na kasa di Miguel ki tem pato. Ma professora ta mostra nhos na disenho ki sta na es livro di pintã” ¹⁹⁶– Abre livro e mostra o desenho. Dirige-se para dos suas crianças, uma a uma mostra desenho do pato dizendo: “Dja bu odja, mama pato ku ses fidjos¹⁹⁷” - repete a frase para cada uma.

Sentados , cantam com gestos a musica do pato:

O patinho nada dentro de um laguinho

Quá, Quá, Quá, fica molhadinho

Então vem a mãe pata trazer os seus
filhinhos

Atchim, 6x

Já constipadinhos

Tchim 12 x, Atchim

A professora fala com os alunos sobre a música, mostrando o desenho do livro. Chama atenção da crianças que cochicham com um “Psiu!”.

Enquanto a professora olha o programa de trabalho, as crianças sentadas contemplam a sala, uma delas começa a tossir, todas as outras acompanham juntas e fazem um festival de tosse no que a professora grita: “CALADOS”!

Professor dá continuidade à atividade: mostra uma folha de cavalete tamanho A4 dividido em seis partes iguais com desenho de Peixe, Planta, Pote, Pato, Panela e Papaia.

Faz exercício de reconhecimento das palavras: Professora lê o nome de cada desenho e as crianças repetem a palavra proferida pela professora.

Prof. : “- Nhos conxe otu nomi ki ta comesa ku P? ... Kuzé ki nhos conxe na kasa ki ta kumesa ku P ... nhos ka conche? Pai, nhos ka tem papa na kasa? Kusé mas ki tem? ...

Aluno: - Mama

¹⁹⁶ Hoje, quase já não existe mais pato. Somente na casa do Miguel é que tem pato. Mas a professora vai mostrar-vos no desenho que esta no livro de colorir.

¹⁹⁷ Já viste a mãe pato, com os seus filhos?

Prof.: - Inda ka tchiga na mama, oji e so P ¹⁹⁸

Professora mostra os seis desenhos da folha a cada aluno, uma a uma. No final de cada demonstração ela diz: “Então, dja bu conxe som di Peixe, di Papaia, di Planta, di Pote, di Pato, di Panela.” Às crianças que demoraram para responder ela dizia: “Bu tem ki rusponde, bu mai ka ta dabu pexi? Mana ka tem poti na kasa? Mama ka tem panela na kasa?”¹⁹⁹

Prof.: - “Pei ...” – espera a criança repetir, para depois: “... xe” – então a criança repete a Segunda sílaba da palavra Peixe.

Enquanto uma criança faz esse exercício as outras aguardam em silêncio a sua vez chegar. Algumas ficam inquietas na carteira e começam a tossir.

Professora muda de criança: “Bu conxe Peixe?”²⁰⁰
Depois de dizer Planta pergunta para a criança: “Bu conxe Planta?”²⁰¹

Algumas crianças ficam com a cabeça baixada às quais a professora diz: “E ku mi ki bu sta papai, spiam na rosto”²⁰²

Criança conversando com a outra enquanto a professora faz o exercício com um colega, esta levanta do seu lugar e segura a criança na sua mão e diz:

Prof.: - “C” muda di lugar.

Prof.: - Dulci bu sta mutu inquieto.

Prof.: - So es som li ki bu conche? ... Na kasa ka tem mas nenhum des som li?... Bu Ka ta come pápa?

Prof.: - E si ki ta chinta²⁰³.

Criança responde à pergunta da professora:

Cri: - Prato, papa...

Prof.: - Sabida!²⁰⁴ - professora elogia o acerto da aluna.

¹⁹⁸ Vocês conhecem outros nomes que começam com P? ... O que é que conhecem em casa e que começa com P.... Vocês não conhecem? Pai, vocês não tem em casa? O que mais tem? / Mamãe / Ainda não chegou na mamãe, hoje é só o P.

¹⁹⁹ Então já conheces som de Peixe, de Papaia, de Planta, de Pato, de Panela? / tens que responder, tua mãe não te deu peixe? Mamãe não tem pote? Mamãe não tem panela em casa? (vasilha de barro serve para guardar água) em casa.

²⁰⁰ Conheces peixe?

²⁰¹ Conheces Planta?

²⁰² É comigo que estas a falar, olha-me no rosto.

²⁰³ C, muda de lugar / Dulce estas muito quieto / Somente este som é que conheces? ... Em casa não tem mais nenhum desses sons? ... Não comes papa? / É assim que se senta?

Crianças brincam num canto e professora diz:

Prof.: - José, bu ka sta pará?. Volta para outro aluno e continua com a lição: So kes som li ki bu conxe?

Cri: - Nau...

Prof.: - Kal ki bu conxe mass?

Cri: - Pia, pápa, pai... ²⁰⁵

Professora continua a ensinar: faz a mesma pergunta a um outro aluno e diz:

Prof.: - Ruspondê alto, sabido! - planta , rusponde mass alto²⁰⁶ - Uma outra criança responde depois de ouvir tanta insistência por parte da professora para com o colega. Professora repete:

Prof. : - Plan ... ta.

Criança interrompe a professora anunciado:

Cri.: - N sta ba faze xixi

Prof.: - Spera um momento.²⁰⁷

Terminaram de repetir, a professora aproxima-se, encurvada, de criança em criança com o desenho e mostra-o e fâ-las repetir o nome de cada uma das figuras do papel.

Crianças pedem para sair. Uma sai e outra vai atras e cada vez tem mais crianças querendo sair. A professora diz:

Prof.: - Nhos spera um bokadinho nu ta sai pa intervalo²⁰⁸.

Sentou-se na cadeira e disse:

Prof.: - Professora dja mostra nhos tcheu sons. Nhos pode sai pa intervalo²⁰⁹.

²⁰⁴ Prato, papa, / Esperta!

²⁰⁵ José, não vais parar? / Somente este som é que conheces? / Não... / Quais os outros que conheces? / Pia, Papa, Pai...

²⁰⁶ Responde alto , esperto! / responde mais alto

²⁰⁷ Vou fazer xixi / Espera um momento...

²⁰⁸ Esperem um pouquinho, vamos sair para o intervalo.

²⁰⁹ A professora já vos mostrou muitos sons. Podem sair para o intervalo.

Intervalo:

Crianças abraçadas, desafiam o equilíbrio uma da outra: andando no muro da varanda.

Cri: - Mi-n ka ta cai²¹⁰!

Elogiam umas às outras :

Cri: - Bunito! bu tenê ropa bunito²¹¹...

Meninos brincam de carro, faz de conta, com a voz imitam o som de arranque do carro em andamento, correm indicando que o carro começou a andar, com as mãos dirigem manejam o volante fictício.

Os motoristas com volantes de pedaço de bambu cantam musica em crioulo de Santiago.

Meninos e meninas brincam juntos: de mãos dadas fazem roda

Sentados conversam : Menina olhando para o sapato do menino e diz:

Cri: - Kess sapatilha li ta da alguém na tchon.. ²¹²

Professora sai da sala e se junta às crianças que estão na roda. A cantiga de roda é cantada e dirigida por ela.

Na roda as meninas é que mandam, os meninos são ensinados por elas. Terminam os 20 minutos de intervalo e todos voltam para a suas cadeiras, prontos para mais uma atividade

10: 08

SEGUNDA ATVIDADE

Começam com a música:

Lá vem o Sr. Noel

Comandante da batalha

O macaco vem sentado à
procura do leão, pum...

²¹⁰ Eu não caio !

²¹¹ Bonito! Estas com roupa bonita!

²¹² Esses tenis aqui , fazem a gente cair...

O gato faz miau, miau, miau, O
Cachorro do Lulu au, au, au,

O cabrito faz mé, mé, mé

O galo cariceu qué, quere, qué
qué...

Prof.: - Unton nhos conxe aminimal domesticos... "C" Bu
conxe animal domestiko? Ki tipo di animal domestiko ki bu conxe?

Cri.: - Cabra, galinha, porko , kabalo, burro, vaka,
pato²¹³.

Criança com dedo na boca, já perto da porta , professora
de costas para a porta com o livro de pinturas mostrando o desenho
dos animais domésticos para as crianças sentadas. Um dos alunos
diz:

Cri.: - "C" dja ba sê kasa²¹⁴

Professora distribui o papel para o desenho, coloca a
folha com os desenhos no quadro preto. Crianças colocam a folha
branca no assento da cadeira, uns de joelhos outros sentadas no
chão, desenham. A professora afia os lápis , ensina alguma das
crianças a desenhar segurando-as pelas mão.

Ao terminarem o desenho mostram para a professora:

Cri.1: - Odja pressora...

Prof.: - Chan odja di bo.

Cri.2: - Psora N ka sabê fazêl

Cri.3: - Nem Mim Nka sabê ...

Cri.4: - Psora ... psora ...

Prof.: - Bu tenê lapis:

Cri.5: - Mi'n tenê.²¹⁵

Crianças apagam os erros do desenho a lápis com o dedo.

²¹³ Então vocês conhecem animais domésticos... C conheces animal domestico? /
Cabra, galinha, porco, burro , vaca, pato.

²¹⁴ C , já foi para a sua casa!

²¹⁵ Olha professora / Deixa me ver o teu / Professora eu não sei fazer! / Nem eu
não sei... / Professora, Professora... / Tens lápis? / Eu tenho.

Hora do lanche

Depois do desenho todas saem da sala, lavaram as mãos numa bacia com água e sabão, no quintal. Lugar onde é preparado a comida (canja de arroz).

Comeram sentados nos bancos de cimento do pátio. Os que não couberam, tomaram o chão como assento, a tigela no colo e a colher na mão. A ajudante da professora, uma moradora localidade, foi quem serviu. Quando terminaram de comer, colocaram a tigela e a colher no lugar indicado pela ajudante. Enquanto esta limpa o chão, e leva os refratários para lavar, a professora canta com as crianças a música : Meu Lanchinho

Meu lanchinho,

Meu lanchinho vou comer

Prá ficar fortinho 2x

E crescer.

A professora coloca as pastas individuais das crianças feitas de cartolina com os seus respectivos trabalhos realizados ao longo do ano em cima da cadeira e elas tomam a iniciativa de as pegar. Isso causa um pouco de tumulto :

Cri.1: - És e di mé...

Cri.2: - Ná el e di mé

Cri.3: - Ki li e di kenhé?

Prof.: - Nhos ba xinta, N ta da nhos - diz a professora para acabar com a confusão entre os alunos. E depois de terminar a distribuição diz:

Prof.: - Kem ki dja metê sê disenho, ta fitcha se pasta y ta pol la²¹⁶ (aponta para a cadeira que ela senta)

TERCEIRA ATIVIDADE

Iniciam com o seguinte canto:

Um dia sonhei que fui a Lisboa

Num avião que voa que voa

²¹⁶ Este é meu .. / Não, é meu.... / Este de quem é ? / Vão sentar , Eu vos dou / Quem já guardou o seu desenho, fecha a sua pasta, o coloca ali.

Tão alto ele subiu

Tão alto lá no céu

Depois voltei e parei

Numa terra lisada, lisada, lisada.

Professora ensina a musica , repetindo quatro vezes .

Prof.: - Agora e nhos bem canta ku professora²¹⁷.

Cantam e a professora dá continuidade à atividade:

Prof.: - Avião e um via aerea. E so aviao ki e via aerea ki nhos conche?

Cri.: - Tem “corbo”

Prof.: - Sim corvo e aerea ma e ka e na. El e um animal... Alicopedo... Foguetão... Avião ta transporta carga y passagero di um ilha pa otu... o antan di strangero. ... Nhos presta atenson ... Cilina bu sta distraida. ... Tudo alguém dja conche avião?

Cris.: - Sim . - os alunos respondem em coro.

Prof.: - Ka si nada, nem tudo nhos ka ba pa kampo inda. Nem si professora kre ka ta da pa leba nhos pa pamodi nu ta fika mutu riba. Nhos sabê kem ki e passagero? - responde logo de seguida: - E noss, e pessoas. Kusé ki avion ta transporta?

Cri2.: - Passagero, caixoti...

Prof.: - Agora tudo minimo dja sabê e um via:...

Cri3.: - AEREA

Prof.: - Sim e um via aerea. Sabidol ... undê ki e ta andá?

Cri4.: - E ta anda na ar.²¹⁸

²¹⁷ Agora, vem cantar com a professora.

²¹⁸ Avião é uma via aérea. Somente o avião é que é via aérea que vocês conhecem? / Tem o corvo ! / Sim corvo é aéreo mas não é não. Ele é um animal... helicóptero foguetão ... Avião transportam carga e passageiro de uma ilha para a outra... ou então do estrangeiro... Prestem atenção... C estas distraída... Toda gente conhece avião? / Sim ? Não é verdade, nem todos vocês já foram para o campo. Mesmo que a professora quisesse não daria para ela vos levar, porque ficamos muito no alto. Vocês sabem quem são os passageiros? Somos nós as pessoas. O que é que o avião transporta? / Passageiro e caixote... / Agora todos os meninos que é uma

Chamada dos alunos um a um. Na hora da despedida cantam:

Adeus jardim

Adeus minha professora

Eu vou embora chegou a hora

Estou contente (2x)

A sineta já tocou ,

Até amanhã minha professora,

Para casa me vou embora

Em pé fazem duas filas para sair enquanto cantam uma outra música :

Pombinha quando tu fores escreve pelo caminho

Se não achares papel, nas asas dos passarinhos

Da boca faz um tinteiro e da língua penas douradas

Dos dentes letras dos olhos carta fechada.

A pombinha voou, voou

Ela foi-se embora e me deixou

Saem cantando :

via ... / Aérea / Sim é uma via aérea, esperto! .. Onde é que ele anda? / Ele anda no ar.

Atenção, atenção

O comboio vai partir (4x)

14:45

Jd. FLOR NASCENTE

ALUNOS: 14 (4 meninos , e 10 meninas); cinco anos

Descrição do espaço físico do Jardim : Uma sala com 27 cadeiras; 5 mesas empilhadas; uma estante de madeira com oito prateleiras; chão vermelho; uma porta larga de madeira; uma janela; paredes com desenhos de animais; panfletos de prevenção contra a cólera; meios de transportes; no teto recortes pendurados numa corda.

Inscrição : Ficha de inscrição. Os pais levam a cédula de nascimento, para poderem comprovar a idade da criança. Os professores vão de casa em casa perguntando se existem crianças em idade pré-escolar ou então as mães dissem do filho e elas vão buscar. Professora leciona a cinco anos, frequentou o curso de formação de monitoras em S. Filipe com as técnicas do Ministério de educação.

Professora sentada no centro da disposição em [] das crianças. Estas sob o comando daquela cantam duas músicas. A professora inicia a sua fala :

Prof.: - Hoje é dia do estudo da letra "P", os sons letra. - ela diz em voz alta : PIÃO - Cada uma das crianças repete a palavra respeitando a ordem do olhar ou o dedo indicador da professora. Crianças acanhadas com a nossa visita: sentam-se com os braços cruzados e respondem em voz baixa, às indicações da professora. Mais uma esta diz:

Prof.: - A palavra pião - Depois de todos repetirem, a professora pega um Pião e mostra para a classe. Define o que é um pião: - Prof.: - É um brinquedo pa criança ta djuga²¹⁹. Brinca um pouco, e passa para as crianças continuando com a descrição:

Prof.: - Nhos pega pião pa nhos conxê midjor ... Kumodê ki um pião e construido?

Cri1 : - Piao e construido di prego y tábua, - criança sussurra ao responder .Prof.: - Nhos obi Kusé Ki "A" flã ?

Cris: - Nau... - respondem em coro.

Prof.: - Nhos respondê anton!

²¹⁹ É um brinquedo para a criança jogar.

Cris: - PREGO Y TÁBUA²²⁰, - algumas falam “táuba” - às quais a professora corrige dizendo:

Prof.: - E ka “táuba” , e TÁBUA!

Cris.: - Professora, “A” labanta pa sispia caro.

Prof.: - Si tudo minino tenê mon ku pê guardado, kumó ki “A” ta labantá pa spia na janela? – e continua com a atividade da letra P. ... - Pato também tá scribe ku letra “P”²²¹. - Professora levanta, pega uma folha com o desenho e mostra para as crianças.

Prof.: - Pato - mostra- Spia doss pato, um castanho y otu branco- o desenho é passado de mão em mão pelas crianças, depois de ouvirem a professora dizer: ... Agora cada minino ta pega folha pa spia cumó ta disenhado pato²²².

Segunda atividade : Desenho

Professora prepara a sala para o desenho: coloca as quatro mesas duas a duas, distribui oito cadeiras, formando dois grupos d trabalho, enquanto as crianças lavam as mas com água e sabão, para não sujarem a folha branca segundo o esclarecimento e recomendação da professora.

Esta acomoda as crianças nos seus respectivos lugares e diz:

Prof.: - Primero N ta disenha um pião na quadro, tudo minino ta odja y dipós nhos ta disenha²²³.

A turma em silêncio, aguarda o fim do desenho. Professora distribui uma folha branca com o nome de cada um, a data e o tema do desenho. Exemplo: “Dia 25.01.99 Desenho sobre o Pião (Maria)” Fala sobre o pião e o pato, e pergunta para a técnica do ministério como fazer mais do que uma atividade ao mesmo tempo.

Antes de obter a resposta distribui um lápis de carvão de carvão per criança. Aproveitando do silêncio da classe ela se aproxima da técnica para conversar.

²²⁰ Segurem o pião para conhecerem melhor... Como é que um pião é construído? / Pião é construído por prego e tábuas. / escutaram o que a A disse? / Não / Respondem então! / Pregos e tábuas,

²²¹ Não táuba, é TÁBUA / Professora A levantou para ver o carro / Se todos os meninos estão com as mãos e os pés guardados, como é que A levanta para ver na janela? / Pato também começa com P...

²²² Pato, veja dois patos, um castanho e outro branco / Agora cada menino vai pegar a folha e ver como se desenha um pato.

²²³ Primeiro eu vou desenhar um pião no quadro, todos os meninos observam e depois desenharam.

Na janela, a ajudante, residente da localidade, observa a atividade das crianças na mesa de modo a que fiquem mais à vontade para desenhar.

Professora termina de conversar, observando as crianças diz: “E pa nhos disenha so pião”²²⁴.

Pega no lápis e aperfeiçoa o desenho de uma das crianças . Algumas brincam medindo o tamanho do lápis. Professora segura na mão da criança e ajuda a completar o desenho, ajuda a desenhar, a fazer o traçado do pião.

Criança, apontando para outra que esta ao seu lado, diz para a professora:

Cri.: - E ka fazê tê gô²²⁵. - Depois da professora a ter ajudado com o desenho faz o seu primeiro, olhando para o que fora desenhado com ajuda da professora.

Esta se aproxima do lugar onde estou e pergunto-lhe:

Pqs.: - Es ta custuma pinta sês disenho?

Prof.: - Sim , na dia di pintura. Ôji é so disenho.

Professora recolhe os desenhos um a um depois de recolher o lápis.

Prof.: - Tudo com as mãos guardadas²²⁶.

Cantam sobre a higiene antes do lanche. Uma criança pega a bacia com sabão e toalha, entrega para a ajudante. Depois do lanche retomam os seus acentos na disposição inicial. A professora apresenta o avião para elas: Passa um avião de brinquedo pelas suas mãos. Pegam, olham, conferem as características do objeto enunciadas pela professora

Cri.: - É si mê, É tem sin²²⁷!

Crianças brincam com os dois aviões colocam no chão para correr, aproveitam e rolam juntamente com o avião entre gargalhadas, até a intervenção da professora:

Prof.: - Tudo minino dja ôdja avião?

Cris.: - Sin - respondem em coro . Uma menina diz:

²²⁴ É para desenharem somente o pião.

²²⁵ Ele ainda não fez.

²²⁶ Elas não costumam pintar os seus desenhos? / Sim, no dia da pintura. Hoje é só o desenho.

²²⁷ É verdade, tem mesmo .

Cri.: - A-mi u-n ka odja dreto!²²⁸

Em meio a risada das crianças a professora pergunta:

Prof.: - Kusé ki bu sta ri?²²⁹ - criança olha para a professora e sorri sem responder. Professora levanta da cadeira e troca-a de lugar com um menino. Ela retorna ao seu assento e segura na mão uma folha com o desenho de um avião:

Prof.: - Agora nhos ta ôdja kumô ki ta disenhado avião, pa otu dia nhos podê disenha²³⁰.

Crianças, sentadas, observam com atenção o desenho e passam para o colega do lado esquerdo. O desenho volta para as mãos da professora que o segura dizendo:

Prof.: - Tudo minino dja ôdja avião?

Cris.: - Sin - em coro

Prof.: - Avião é um meio de transporte aéreo. - uma criança pede água, professora sai da sala para atender ao pedido. A criança levanta do lugar para brincar com o colega na ausência da professora. Dois minutos depois a professora retorna à sala de aula com uma caneca cheia de água, que entrega para a primeira criança sentada à sua direita. Esta bebe um pouco e passa para as outras e assim vai até a última criança. Professora toma a caneca e sai da sala mais uma vez.

De regresso ao assento pega o desenho na mão, e dá continuidade à atividade. Questiona as crianças:

Prof.: - Maria, avião é um meio de transporte, sim ou não?

Cri1.: - Sin!

Prof.: - Quantas rodas o avião tem?

Cri2.: - tress.

Prof.: - Kanto asa ki avion ten?

Cri3.: - Doss²³¹.

²²⁸ Todos os meninos já viram o avião? / Sim / Eu não vi direito!

²²⁹ Do que estas a rir?

²³⁰ Agora vocês já viram como é que se desenha um avião, para que desenhem num outro dia.

²³¹ Sim! / Três / Quantas asas tem o avião? / Dois.

Prof.: - Agora nu sta ben cantã musica do avião²³². - Terminam de cantar e duas meninas começam a cantar e a dançar "Ku duro" (dança africana)

Hora de acolhimento (chamada)

Prof.: - Tô ki tudo minino dja guardá sê mon ku sê boka N, ta fazê acolhimento... dja nhos guarda nhos mon ku nhos boka²³³?

Jd. FLORES de S. Filipe

Entrevista com coordenadora pedagógica e administradora do jardim. Trabalha com crianças em idade pré-escolar desde 1976.

Espaço físico: 6 salas de atividades, 5 turmas, 5 professoras. 150 crianças, 30 em cada sala. 1 sala polivalente : musica, vídeo, educação física, também lugar de convívio todas as crianças. Uma irmã de caridade é responsável por esta Sexta sala, espaço onde ministra musica para as crianças uma vez por mês.

Instituto cabo-verdiano sem fins lucrativos, ONG. Fundado desde 1981 em termos físicos . Espaço construído com a finalidade: *"... atendimento das necessidades de crianças na primeira infância. Crianças usam espaço externo em conjunto, nos primeiros minutos que entram, ficam na varanda"*. (entrevistada)

As crianças são divididas por idade: de 3 de 4 anos e 2 de 5 anos. Nas salas de quatro anos 3 alunos tem 3 anos. Professoras dizem que não sentem a presença delas nas salas de aula, pois atrapalham e nem dificultam o andamento em sala de aula.

O professor acompanha o aluno o tempo todo , desde que entra até dia que ela sairá do jardim. Trabalhasse com a criança a alfabetização. (entrevistada)

Todas as crianças pagam uma cota de acordo com a possibilidade de cada família. Os professores visitam as famílias e conhecem as necessidades de cada uma.

Realizam-se festas para angariação de fundos: Musicas cabo-verdianos, jantares, promoção de convívio com os pais e outras instituições. Os pais colaboram com compra de material, 150\$00 . Tem apoio da Câmara municipal.

²³² Agora nós vamos cantar a música do avião.

²³³ Quando todos os meninos guardarem as suas mãos e suas bocas, eu faço o acolhimento... já guardaram as mãos e as bocas?

As professoras tem curso de Monitora de infância. No curso estudaram onze disciplinas de as quais o português; pratica; pedagógica; literatura infantil. O curso era dividido em duas fase. A primeira, teórica , na cidade a Praia, e a Segunda, estagio, na ilha de S. Vicente. (entrevistada)

Entramos em todas as salas. As crianças interromperam a atividade por alguns instantes. Elas estavam divididas em dois grupos desempenhando diferentes tarefas. Em um das salas, com crianças de cinco anos, o assunto era comum para ambos os grupos: Introdução ao português.

A professora fala em português com as crianças. Diz ela que numa dosagem periódica de uma ou duas vezes por semana. Recitam poesias em português de cor. Preocupada comenta :

As crianças tem vivência de seis anos de uma língua e daí em diante, quando entram na escola. Vão falar uma outra língua o português. Quando uma criança na escola é usual ela organiza a língua que sempre falou. As nossas crianças chegam na escola e para além de organizarem o crioulo elas tem a língua portuguesa para aprender.

Jd. Paroquial dos Padres Capuchinhos

Na ilha do Fogo existem nove jardins capuchinhos distribuídos pelo rural . O que visitamos atende 73 crianças em duas salas , uma com 33 alunos e outra com 40.

O espaço físico para além das salas munidas de mesas, cadeiras, estantes, cabides com sacos de legos pendurados, quadro preto, e banheiro privativo, é constituído por um pátio externo com chão de cimento, uma escorrega e uma cozinha.

Cada sala tem 5 a 6 mesas com 6 cadeiras, quatro janelas e uma porta. Brinquedos acessível, cabides nas paredes com as bolsas das crianças e lego. Armário embutido na parede com portas brancas, banheiro com duas privadas e dois lavatórios.

Recebem crianças em um único período, das 9 - 12:00. Cada sala tem uma monitora em curso de formação continua. Além delas as crianças contam com uma empregada, responsável pelo lanche das 11:00.

As crianças pagam uma cota de 150\$00 ou então 100\$00.

São divididas por faixa etária. Deste modo uma sala tem crianças dos 5 aos 6 anos, e a outra dos 4 aos 5, e mais 6 crianças de três anos.

Como boas vindas as crianças, em uma das salas cantaram:

Sábado antes de almoçar

Uma criança ia brincar, mas não podia brincar

Porque gostava de varrer, assim, assim

Jd. Adventista- S. Filipe

Duas turmas de manhã e à tarde, atendem crianças de cinco aos seis anos . Vinte quatro crianças em cada sala. Na parte da tarde atendem 15 crianças. Duas turmas : 32 crianças, manhã , 20 à tarde

Nas salas pintadas de azul com desenho do Mickey e pateta vê-se estantes com brinquedos, 4 janelas, quadro negro, sete mesas com quatro cadeiras cada; balde de lixo

O terraço é o espaço reservado para o brincar fora das quatro paredes azuis. Usam sempre que o tempo não esta nublado. O banheiro fica afastado do recinto das salas.

O horário de atendimento vai das 8-12:00 e das 14-17:00. A mensalidade das crianças não é fixa para todas. Pagam segundo possibilidade de cada pai: umas 320\$0, 400\$00, 500\$00.

27.01.99

Partimos da cidade da Praia rumo a Mindelo. Onde foi realizado a II Conferência, na parte da tarde do dia, na delegacia de ensino.

Eram essas as participantes : Professores do instituto pedagógicos , representantes de todas as instituições que atendem crianças em idade pré-escolar, professoras do primeiro curso de formação de professores pré-escolar, coordenadora e diretora do instituto pedagógico, alunas do instituto, coordenadora do ministério de educação.

Os temas tratados foram semelhantes aos da primeira conferência

Sto. Antão

Desembarcamos no Porto Novo e uma hora e meia depois nos encontrávamos na Ribeira Grande. Já instaladas na pousada, recebemos a visita da coordenadora do Ensino Pré-Escolar do Concelho de Ribeira Grande.

Agendamos o roteiro das visitas aos jardins e um encontro com a coordenadora do Paúl e com os delegados de Ensino do concelho de Ribeira Grande e do Paúl. Assim no dia seguinte por volta das 9:30 reunimo-nos no gabinete do delegado de Ribeira Grande para uma conversa informal antecipando as visitas aos jardins.

Um pouco da conversa :

Desafio da educação dos pequenos.

Pqs.: - Existe algum projeto de educação de zero a três?

Delegado de Ribeira Grande (Del.R.G.): - Creche não temos projeto aqui para creche! Acho que não estamos preparados e não temos condições. Não temos pessoas preparadas para trabalhar com crianças do zero aos três anos.

Delegado do Paúl (Del.): - As responsáveis tem formação e dão grande apoio .

Del.R.G.: - No que toca às creches é algo que se faz e muitos são os pais que nos procuram e pedem que os seus filhos sejam admitidos com a idade inferior a 4 anos.

Pqs.: - A lei diz que crianças depois de frequentarem dois anos de ensino pré-escolar podem entrar com seis anos no ensino básico. Isso acontece?

Del.R.G.: - Crianças podem entrar com seis anos com ou sem pré-escola desde que haja espaço. É uma faca de dois gumes. ... Não é fácil a educação controlar a entrada no jardim pois muitos são as responsáveis: ICS, Ministério de educação, Promoção social, câmara, OMCV, Cruz Vermelha ... enquanto o estado não assumir a educação pré-escolar o trabalho com os muitos organismos existentes serão entraves à ação pedagógica do ministério.

Retomando às questões das creches em Cabo Verde o delegado de Paúl afirma:

Del. : - Pensar em creche na nossa atual conjuntura, é uma utopia quando não se está resolvido a questão pré-escolar.

Pqs.: - Deve haver crianças impossibilitadas de estar num jardim, quais poderiam ser ...

Del. : - ... sim , muitas são as crianças que não tem condições tanto dinheiro como espaço para frequentar o jardim. Existem lugares que não tem jardim e existem pais que não dispõem do montante para pagar a cota.

Pqs.: - Não será tudo isso uma forma de restringir o acesso à escola? O acesso à educação?

Coordenadora de Ribeira Grande (Cord.R.G.) : - De certo modo podemos dizer que sim na medida em que sabemos quanto mais se brinca mais preparado se está para enfrentar a escola e o jardim é um espaço reservado para esse fim: brincar aprendendo.

Pqs.: - É correto o pensamento que o ministério parece como um fugitivo da pré-escola? – o Del. confirma a pergunta com uma risada discreta, para depois afirmar:

Del. : - Se o ministério foge do pré-escolar é por causa da questão financeira.

Del.R.G: - Sto. Antão tem a melhor taxa de cobertura a nível do ensino pré-escolar em Cabo Verde.

Pqs.: - Educação é tarefa de todos. E a cada momento está-se a perceber isso.

Del. : - Pais habituados a não dar nada e quando são convidados a colaborar se negam, o que tem feito os financiadores da Bornefonden²³⁴ retirarem-se do campo.

Del.R.G: - Má administração dos intervenientes na educação do 0-6 anos. Falta sentar para administrar tudo o que se tem . Tem um dinheiro mal organizado.

Saímos do prédio da delegacia de ensino de Ribeira Grande rumo a alguns jardins nos arredores da vila. O primeiro que visitamos foi da organização Bornefonden. Uma casa com uma grande sala, um quintal, uma cozinha, um banheiro, sem área externa.

²³⁴ organização não governamental que tem sobre sua tutela a maioria dos jardins das ilhas de Sto. Antão. Tem um sistema de apadrinhamento, que nada mais é do que emigrantes cabo-verdianos residentes na Dinamarca , dinamarqueses e holandeses que apadrinharam crianças da ilha, assumindo o compromisso de custearem a educação dessas mesmas, e mantêm o jardim.

Uma monitora e uma auxiliar são as responsáveis pela intervenção pedagógica, formadas pelo ministério de Educação. Uma outra senhora prepara o lanche. As crianças tem à sua disposição materiais para trabalho em sala, vindos da Dinamarca, como : lápis de cor, cadernos, papeis para recorte e trabalhos manuais, livros, massa de moldar, alguns jogos didáticos.

Cruz Vermelha - Ribeira Grande

Um outro jardim visitado no dia foi o da Cruz Vermelha, situado no centro da cidade. Fomos (eu , Professora Ana Lúcia e Coordenadora de Ribeira Grande) recebidas pela presidente e diretora do jardim que nos apresentou as instalações e cedeu-nos um alguns minutos de dialogo no seu escritório.

O prédio é constituído por : duas salas no segundo piso. Essas por suas vez comportam mesas grandes de trabalho, estante com brinquedos; janelas; cadeiras; fotografias e panfletos desenhos nas paredes. Atende 32 crianças por sala, em dois período: das 8-12:00 e das 14-17:00.

Em cada sala para além das monitoras, existem estagiarias, consideradas como vigilantes do jardim, que ministram as atividades juntamente com as crianças.

Cota de 100 a 1.100\$00 . 50% paga 100\$00; 38% 200\$00 a 500\$00 ; 12% 1.100\$00; de acordo com o vencimento dos pais. Os salários são pagos pelo conselho executivo da Cruz Vermelha. A cota para a alimentação, produtos de higiene. 32 crianças são apadrinhadas pela Dinamarca. A Holanda financiou a construção do primeiro piso, a câmara municipal de Ribeira Grande a parte de baixo. E recebem apoio da Bornefonden.

O jardim nasceu de um grande esforço. Diz a diretora que muito batalhou para receber apoio. Movida pela boa vontade, papel de mãe, mulher e o convívio com outros iguais recorreu a jardins e a outras pessoas que estavam envolvidas a já algum tempo com o ensino pré-escolar e começou a construir a estrutura do jardim, que hoje é considerado um dos melhores da vila pelos moradores. O seu maior objetivo era o de ajudar as mães no cuidado com os filhos, enquanto elas trabalham.

Com ajuda de outros jardins, as monitoras tiveram preparação para trabalhar com crianças e hoje estudam no período extra trabalho para poderem acompanhar a reforma do ensino. Pois hoje em dia a formação académica é exigida pelo Ministério de Educação.

Jd. Ninho - Porto Novo

Despedindo da ilha de Sto. Antão e de regresso ao Mindelo, paramos por algumas horas no Concelho do Porto Novo antes e embarcamos. A diretora do Jardim Ninho foi ao nosso encontro, conduzindo-nos até o Jardim, um dos pioneiros da ilha de Sto. Antão, construído sob medida, para receber as crianças e responder as necessidades da primeira infância, em 1984, nos mesmos moldes que o primeiro jardim visitado em S. Filipe.

Ninho recebe crianças com três anos de acordo com a demanda. É pouca pois a família conta com a participação da sociedade para educar as crianças.

Crianças pagam de 300 a 1.000\$00. 56 crianças recebem bolsa de Bornefonden pagam metade da cota 250\$00. Ajuda a câmara, 25.000 ICS construiu o espaço agora dá o subsídio 50 a 80 mil.

Coordenadora faz de tudo: compra de material, contabilidade, administração

O concelho de Porto Novo tem onze jardins, ao cuidado da: Câmara; Bornefonden; OMCV; ICS; Igreja Católica.

Instituto de formação : Unicef; promoção social; Cruz Vermelha, Espanhola Ministério de educação

Professor não tem formação para trabalhar com crianças com deficiência.

Câmara esta a construir um espaço para crianças dos 0-16 anos com creches jardim adolescência para crianças de e na rua. Todas tem família.

É preciso abrir o debate, pois as mulheres precisam discutir a educação dos seus filhos pequenos.

Sto. Antão não tem jardins privado. É um meio rural e se abrisse ninguém pagaria para lá Ter os filhos. (Diretora do jardim Ninho)

A delegada de ensino não é a favor do jardim, acha que é um luxo, e por isso pouco faz para o jardim. (Diretora do jardim Ninho)

É a diretora do Jardim Ninho quem faz algum trabalho com os outros jardins, nomeadamente formação de monitores, faz por conta própria, pois não é funcionária do Ministério de Educação.

S. VICENTE

Jd. Mundo Infantil, ICS - S.Vicente

Também visita-mos alguns jardins à escolha da coordenadora do Ensino Pré-Escolar em Mindelo que nos acompanhou.

Um deles foi o Mundo Infantil do ICS, construído em 1978, começou a funcionar dois anos depois em 1980. É o segundo jardim de Mindelo. Tem uma clientela de 153 crianças divididas por cinco salas; 186 crianças divididas por 6 salas, por dia.

São as mesmas monitoras que trabalham de manhã e à tarde. E acompanham as crianças desde o dia que entraram até o dia que sairão do jardim para a primeira série.

Visitamos também um jardim privado, cuja dona é uma das alunas do primeiro curso de formação de professoras para o pré-escolar. Este jardim ocupa o primeiro piso da casa da diretora, os cômodos foram adaptados para receber as crianças de 3 a 6 anos de idade.

O ultimo jardim visitado foi um da comunidade. Foi erguido pelo esforço das mulheres do bairro e a delegacia de ensino tem apoiado as orientadoras com cursos de formação.

Os outros dois dias passados na ilha de S. Vicente foram preenchidos com conversas informais com professores, coordenadora, e diretora do Instituto pedagógico.

Viajamos para a ilha do Sal na parte da tarde do Domingo. Fomos recebidas por uma das monitoras do jardim do ICS em Santa Maria. Em uma conversa informal, ela nos pôs a parte da realidade da Ilha, que não se diferencia muito das outras ilhas.

Segui no mesmo dia para a ilha de Santiago, onde dei continuidade ao meu estudo consultando os documentos oficiais relacionados com a educação pré-escolar e com o sistema de ensino como um todo.

